

INTIMIDADE E PRIVACIDADE

REFLEXÕES SOBRE O QUARTO DE DORMIR
DA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

DOCUMENTO PROVISÓRIO

Mariana Araújo Almeida

Mestrado em Design com especialização em
Design de Interiores

2024



INTIMIDADE E PRIVACIDADE

REFLEXÕES SOBRE O QUARTO DE DORMIR
DA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Orientadora

Professora Doutora Ana Lúcia Pinto Duque

Co-orientador

Arquiteto Ricardo Russo

Mariana Araújo Almeida

Mestrado em Design com especialização em
Design de Interiores

2024

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Ana Duque, pela partilha de conhecimento e pela dedicação a este Relatório.

Ao meu co-orientador, arquiteto Ricardo Russo, pela colaboração e dedicação, pelo apoio e confiança depositados em mim para a realização do estágio curricular no seu escritório.

Aos arquitetos Tiago, Marco e Catarina, pelo apoio e ensinamentos constantes durante o estágio curricular, pelas conversas repentinas e gargalhadas dentro e fora do escritório, e pela forma como me acolheram tão rápido e me fizeram sentir parte da “família”.

Ao Tiago, pelo amor infinito, companheirismo, amizade e paciência para comigo.

Por último, aos meus pais, por investirem nos meus estudos, por serem o meu porto seguro, por nunca deixarem de acreditar em mim. São as pessoas pelas quais luto todos os dias para ver o orgulho espelhado nos seus olhos.

Obrigada a todos aqueles que, de alguma forma, acompanharam o meu percurso universitário, por contribuírem para que este capítulo da minha vida fosse escrito.

RESUMO

O presente relatório foi desenvolvido no contexto da realização de um estágio curricular, no gabinete de arquitetura AR Studio Architects, em São João da Madeira. Este relatório pretende expor e explicar as metodologias e o processo aplicados no decorrer do estágio, bem como descrever os projetos de espaços residenciais de habitações unifamiliares e multifamiliares desenvolvidos no mesmo.

O quarto de dormir, como espaço de individualidade, reflete normas sociais e mudanças nas relações interpessoais. Através desta reflexão, procuramos entender a evolução das questões de intimidade e privacidade, uma vez que estas envolvem o projetista num diálogo crítico com as realidades sociais do passado e as contemporâneas. À medida que as sociedades evoluem, as concepções de intimidade e privacidade também se transformam, determinadas por uma rede complexa de fatores que se materializa no desenho de espaços que refletem apropriações sociais, culturais e até tecnológicas. Como resultado, os espaços projetados não são apenas funcionalmente adequados, mas também se tornam representações significativas das aspirações e necessidades dos utilizadores.

Neste sentido, cabe aos projetistas a responsabilidade de manter este diálogo com as realidades sociais, refletindo sobre a diversidade das experiências humanas e promovendo uma conexão mais profunda entre os utilizadores e os seus ambientes de vida.

Palavras-chave: Design | Quarto de Dormir | Intimidade | Privacidade | Esfera Pública e Esfera Privada

ABSTRACT

This report was developed as part of a curricular internship at AR Studio Architects, in São João da Madeira. This report aims to explain the methodologies and process applied during the internship, as well as describing the residential space projects for single-family and multi-family homes developed there.

The bedroom, as a space of individuality, reflects social norms and changes in interpersonal relationships. Through this reflection, we seek to understand the evolution of intimacy and privacy issues, since they involve the designer in a critical dialog with past and contemporary social realities. As societies evolve, conceptions of intimacy and privacy also change, determined by a complex network of factors that materialize in the design of spaces that reflect social, cultural and even technological appropriations. As a result, designed spaces are not only functionally appropriate, but also become meaningful representations of users' aspirations and needs.

In this sense, it is the responsibility of designers to maintain this dialogue with social realities, reflecting on the diversity of human experiences and promoting a deeper connection between users and their living environments.

Keywords: Design | Bedroom | Intimacy | Privacy | Public Sphere and Private Sphere

ÍNDICE

01	Introdução.....	13
	1.1. Enquadramento.....	15
	1.2. Problema e Objetivos.....	15
	1.3. Metodologias.....	16
	1.4. Organização estrutural.....	16
02	Intimidade e Privacidade no Tempo.....	19
	2.1. Fundamentação teórica.....	21
	2.2. A “câmara”, o espaço para dormir.....	21
	2.3. A época das “luzes” - burguesia, luxo e intimidade.....	35
	2.4. Esferas pública e privada e interiores domésticos.....	38
	2.5. Uma breve linha temporal.....	50
03	Da teoria à prática: Relatório de estágio.....	61
	3.1. Caracterização da empresa.....	63
	3.2. Enquadramento no estágio curricular.....	64
	3.3. Projetos elaborados.....	67
	3.4. Análise crítica.....	197
04	Considerações finais.....	200
	Referências bibliográficas.....	202
	Lista de figuras.....	208

capítulo

01

INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento

Com o objetivo de conclusão e atribuição do grau de mestre, no contexto do Mestrado em Design, com especialização em Design de Interiores, a realizar na Escola Superior de Artes e Design, em Matosinhos, elaborou-se um relatório de estágio.

Na presente proposta de trabalho, relata-se a realização de um estágio curricular e consequente redação de um relatório, obedecendo ao artigo 20º do Decreto-Lei nº 74/2006 de 7 de agosto. O documento responde aos trabalhos realizados no âmbito de um estágio curricular, levado a cabo na empresa AR Studio Architects, cujo tema incide sobre uma área científica do Mestrado em Design.

O AR Studio Architects é um gabinete de arquitetura, direcionado para a reabilitação de habitações, design de interiores, design estratégico e engenharias. No enquadramento local em que o AR Studio se situa, pode dizer-se que as suas atividades passam, em grande maioria, por programas habitacionais unifamiliares, mas mantendo sempre a perspetiva de poder alcançar novas escalas. A procura incessante por uma arquitetura mutável e flexível é aquilo a que este gabinete se compromete a cumprir em cada projeto que desenvolve. Este Atelier ainda está em fase de crescimento, não tendo como ambição um crescimento desmesurado, pretendendo antes trabalhar numa escala humana em que seja possível aceder a tudo e ter o controlo de todas as fases de um projeto arquitetónico.

O estágio curricular, iniciado em janeiro e terminado em maio de 2024, na empresa citada acima, AR Studio Architects, em São João da Madeira, teve como objetivo a execução de projetos para habitações unifamiliares, prestando apoio na definição dos espaços interiores e na realização dos mesmos. Este estágio contribuiu para o estudo em questão, relativo à evolução de espaços interiores, com foco no quarto de dormir principal de uma habitação privada.

1.2. Problema e Objetivos

Cientes da complexidade do tema e da diversidade das questões

subjacentes, o presente trabalho é, sobretudo, uma leitura sobre uma pequena parcela da história do quarto de dormir. Deste modo, esta observação sobre um tema tão complexo influenciará decididamente a nossa prática projetual. Optámos por analisar a evolução das noções de intimidade e privacidade, que são fatores determinantes na configuração desses espaços. O estudo procura compreender as relações entre conceitos como intimidade e privacidade e a evolução do quarto de dormir num período de tempo alargado, tendo início no período do Neoclassicismo e prolongando-se até aos dias atuais. Consideramos o século XVIII como um ponto de partida, pois é o início de profundas transformações nas sociedades ocidentais, podendo afirmar-se que o ser humano transita de uma sociedade coletiva, onde as atividades do quotidiano são realizadas em público, para uma sociedade liberal e anónima do século XIX, em que a vida privada e familiar se separa nitidamente da esfera pública. É aceite considerar o Século das Luzes como o da emergência do individualismo, que caracteriza o modo de civilização cultivado nos últimos séculos pela denominada “modernidade ocidental”.

O quarto de dormir, sendo um espaço essencial à interioridade dos indivíduos, refletirá as mudanças estruturais destas sociedades, acompanhando as tendências culturais e estéticas ao longo do tempo. Neste contexto, consideramos uma breve análise de algumas épocas, tendo em conta as circunstâncias históricas, culturais, estéticas e sociais que terão influenciado o projeto em design de interiores e na arquitetura. Este estudo pretende ainda destacar a importância da informação histórica para o projetista, como uma base possível de entendimento não só do passado, mas como um guia para a nossa contemporaneidade. Deste modo, no âmbito do estágio curricular, foram desenvolvidos projetos que consolidam esta análise, tendo sido uma ajuda inequívoca como referências teóricas que fundamentaram as práticas projetuais.

1.3. Metodologias

A pesquisa teórica deste relatório de estágio teve como ponto de partida a recolha de informações em elementos bibliográficos, como livros, atas de conferências e artigos académicos publicados.

1.4. Organização estrutural

Após esta Introdução, o presente relatório divide-se nos seguintes capítulos: Intimidade e Privacidade no Tempo; Da teoria à prática: Relatório de Estágio; Considerações finais.

O primeiro capítulo engloba uma série de secções, de forma a apresentar um estudo aprofundado, mas organizado e de fácil entendimento. Assim, é feita uma fundamentação teórica sobre o tema da intimidade e privacidade no quarto de dormir, disposta ao longo de oito secções. A primeira secção serve como uma introdução ao tema em questão, abordando a prática do design de interiores. A segunda secção, “A “câmara”, o espaço para dormir”, fala sobre a importância que a sociedade, a economia, a política e a industrialização tiveram na evolução do quarto e das noções de intimidade, privacidade e conforto pessoal. Refere-se também ao íntimo e à dimensão psicológica que o espaço do quarto pode ter sobre alguém; fala do colecionismo de objetos e da decoração de interiores. A terceira secção, “A época das “luzes” - burguesia, luxo e intimidade”, desenvolve o tema na época do Iluminismo, tempo de profundas transformações nas sociedades ocidentais e em que a privacidade começou a ser um desejo crescente. A quarta secção, “Esferas pública e privada e interiores domésticos”, como o título indica, aborda o conceito de público e privado, e, portanto, da intimidade no espaço doméstico. É estudado o aspeto material da casa - e o importante papel que desempenha nos diferentes espaços interiores -, bem como o quarto conjugal. Por fim, na quinta secção, “Uma breve linha temporal”, é feita uma análise temporal que vai desde a Antiguidade Clássica, Renascimento, Neoclassicismo e Revolução Industrial, até ao Modernismo, reunindo, assim, os principais pontos da história que consideramos relevantes para esta reflexão sobre a evolução do quarto de dormir.

O segundo capítulo é referente ao estágio curricular. É feita uma caracterização da empresa AR Studio Architects, um enquadramento no estágio curricular, e são apresentados e descritos os projetos elaborados no decorrer do mesmo. Este capítulo termina com uma breve análise crítica, onde são descritos os principais objetivos do estágio, as aprendizagens adquiridas e a experiência em geral, ao fim de cinco meses de estágio curricular.

No último capítulo são feitas as considerações finais.

capítulo

02

INTIMIDADE E PRIVACIDADE NO TEMPO

2.1. Fundamentação teórica

No contexto moderno, o design de interiores tornou-se uma parte integrante da cultura social. O espaço interior de uma casa serve de cenário para inúmeras experiências humanas, e o papel do projetista é, entre outras considerações, o de interpretar e traduzir as circunstâncias culturais e sociais do seu tempo, mantendo-se atento à realidade que o rodeia. O designer atua como um agente cultural, equilibrando essa sensibilidade com a expressão da sua criatividade. O desenvolvimento de um projeto de interiores envolve questões funcionais e estéticas, mas também reflete as tendências e valores de uma sociedade num determinado tempo. Assim, o design não apenas molda o espaço, como também responde às necessidades emocionais e práticas dos seus ocupantes, criando ambientes que se tornam extensões da identidade individual e coletiva.

A prática projetual é enriquecida pela informação histórica e pelo conhecimento acumulado ao longo do tempo, permitindo ao designer criar espaços que, de algum modo, dialogam com o passado, o presente e o futuro. Esta bagagem histórica, aliada à compreensão das inovações tecnológicas, das tendências contemporâneas e das necessidades funcionais, oferece uma base sólida para decisões criativas e técnicas. Além disso, o estudo de diferentes géneros, culturas e movimentos artísticos proporciona uma paleta rica de referências, ajudando o projetista a desenvolver soluções que não atendam apenas aos requisitos práticos, mas também tenham um significado cultural e estético.

2.2. A “câmara”, o espaço para dormir

O quarto de dormir é um espaço relevante numa casa, tanto em termos funcionais quanto simbólicos. A sua importância pode ser analisada sob diversas perspetivas, começando pelo facto de ser um espaço onde os indivíduos passam uma parte significativa das suas vidas. Este ambiente pode ser visto como um microcosmos da experiência humana, tornando o seu estudo uma tarefa complexa e exigente. No quarto de dormir, assim como nos elementos físicos e imateriais que o compõem, é possível desvendar a riqueza de múltiplas narrativas, incluindo a cultura material, as fronteiras entre o

público e o privado, as noções de intimidade e privacidade, e as dinâmicas de estratificação social.

A sociedade, a economia e a política têm influenciado profundamente os ambientes domésticos construídos, que são concebidos para atender às necessidades e expectativas dos seus usuários, refletindo o contexto histórico e cultural em que estão inseridos. Considerando que grande parte da vida humana decorre em espaços interiores, o trabalho de um designer de interiores requer um elevado grau de criatividade, conhecimento e competência, especialmente ao criar projetos que respondam às exigências de uma sociedade cada vez mais complexa e tecnologicamente avançada. Assim, são desenvolvidos ambientes que promovem de forma significativa o bem-estar e a segurança dos seus ocupantes. O arquiteto ou designer de interiores manipula o espaço, o mobiliário, as texturas, as cores e a iluminação com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos usuários.

A ciência, a tecnologia e a industrialização são fatores centrais na modernidade, exercendo uma influência dominante na estética dos projetos arquitetônicos e de interiores. Como Mies van der Rohe afirmou: “A tecnologia está enraizada no passado. Domina o presente e tende para o futuro. É um verdadeiro movimento histórico - um dos grandes movimentos que moldam e representam a sua época.” (2006, p. 8). A adoção de materiais industriais, como o ferro e o vidro, bem como a massificação de mobiliário, cresceu exponencialmente ao longo do século XX, impulsionada pelo avanço da industrialização e da produção em série. Este fenômeno resultou numa certa uniformidade nos interiores das casas, em contraste com as práticas decorativas anteriores, que se focavam na integração de elementos únicos e personalizados.

Podemos afirmar que a ornamentação no interior do quarto de dormir poderá refletir informação relevante sobre os seus habitantes. Os objetos que povoam estes espaços falam sobre o estatuto social, sonhos, individualidade e intelectualidade. Embora marginalizados em termos de valor artístico, os objetos decorativos possuem, na sua essência, uma capacidade de maravilhar e proporcionar prazer. No século XVIII, a expansão dos consumos domésticos e um novo sentimento de si mesmo introduziram o belo e o agradável nas atividades quotidianas. Nos quartos de épocas passadas, marcadas por estilos ornamentais mais ricos e complexos, era comum

encontrar pisos trabalhados em diferentes tipos de madeira, geralmente cobertos por grandes tapetes, além de móveis de grandes dimensões, cadeiras e camas decoradas com motivos elaborados, e portas e janelas altas (Pile & Gura, 2000).

No final dos anos 1990, uma nova vertente minimalista emergiu, caracterizada por construções simples e funcionais, refletindo uma abordagem mais pragmática e objetiva à arquitetura (Kilmer & Kilmer, 2014). Este estilo rejeitava a ornamentação excessiva, limitando os quartos a um espaço dedicado às funções essenciais de descanso, com superfícies lisas e mobiliário de design limpo e simplificado.

Neste trabalho, explora-se o tema da intimidade e privacidade ao longo do tempo, contribuindo para a compreensão da evolução do espaço do quarto de dormir. A noção de privacidade, bem como a forma como a intimidade é vivida, tem sido moldada por fatores culturais, sociais e tecnológicos que se transformaram ao longo dos séculos, e que aqui serão analisados.

Atualmente, o quarto de dormir evoluiu para um espaço que reflete a individualidade de forma peculiar, atendendo à história. Embora tradicionalmente visto como um refúgio privado para descanso, hoje em dia desempenha uma função mais ampla, incorporando a expressão pessoal, o conforto e, até, o autocuidado. Com a crescente ênfase no bem-estar mental e na personalização dos espaços, os quartos são projetados de forma a refletirem a identidade, os gostos e o estilo de vida de cada pessoa. Isso inclui a escolha dos elementos ao nível das cores, do mobiliário e mesmo da tecnologia, transformando o quarto numa espécie de “santuário” pessoal. As casas em que habitamos e os objetos domésticos que possuímos revelam, portanto, muito sobre as nossas identidades e preferências. Nas últimas décadas, muitas famílias de classe média imaginaram grandes suítes com closets incorporados; estes quartos são, então, considerados como um refúgio do casal, pois abrigam um significado psicológico positivo. Este espaço privado e luxuoso simboliza um ideal ocidental moderno de lazer, inspirado nos quartos de hotéis. Muitas vezes, o quarto do casal localiza-se no final de um longo corredor, distanciando-se das restantes divisões, de forma a proporcionar descanso ao casal. Estes quartos apresentam uma baixa densidade de mobiliário e outros objetos, criando um aspeto mais organizado

e arrumado (Arnold, Graesch, Ragazzini & Ochs, 2017).

Para muitos, o quarto não é apenas um local para dormir, mas também um espaço para *hobbies*, trabalho ou relaxamento. Projetos de design minimalista podem evidenciar calma e clareza, enquanto outros optam por configurações ecléticas e vibrantes que mostram interesses únicos e criatividade. Para além disso, o aumento do trabalho remoto deslocou parte do escritório doméstico para os quartos de dormir, fazendo com que se tornassem locais onde a vida pessoal e profissional se cruzam.

Pode dizer-se que o quarto moderno se tornou num espaço-chave para a expressão da individualidade, oferecendo tanto conforto como um reflexo dos valores pessoais. O caminho foi longo até estas novas formas de habitar e, pensando nos quartos medievais, sabemos que estes eram espaços híbridos, multifuncionais, partilhados por familiares, ou até por desconhecidos que, muitas vezes, dormiam na mesma cama, dada a sua dimensão (Rybczynski, 1996).

É no quarto de dormir que, seja a solo, seja acompanhado, ocorre o maior nível de privacidade. É aí que os indivíduos se revelam na sua condição mais íntima enquanto ser humano. Mas também é o espaço que está ligado às questões da vida. O quarto de dormir é, deste modo, este espaço tão carregado de sentido. O quarto de dormir é o local onde os indivíduos descansam. É uma área que está diretamente ligada com assuntos que são da esfera da intimidade, devido às emoções que proporciona. É um espaço reservado às pessoas que nos são mais íntimas. É o nosso universo mais próprio, mais íntimo. É considerada a divisão da casa que guarda mais memórias (Busch, 1999). Ou seja, a história do quarto é a história das relações interpessoais e familiares.

Intimidade e privacidade são duas coisas que estão diretamente ligadas. São dois conceitos que sofreram muitas transformações ao longo dos tempos. A privacidade de um indivíduo, de um casal, engloba um significado que tem contextos diferenciados consoante as sociedades e as épocas e o tempo histórico. Estes, são sempre temas transversais à humanidade, à maior parte das sociedades industrializadas.

A privacidade é uma condição própria do ser humano, entendida

como uma necessidade básica e como um direito, sempre relacionada com os aspetos psicológicos, ambientais e culturais, de cada indivíduo e sociedade. Numa perspetiva filosófica, a privacidade é um campo de estudo complexo e multifacetado, parte da existência humana, que aborda questões como a natureza, a importância e os limites da privacidade. A necessidade de privacidade é determinada pelas esferas pública e privada, e por fatores ambientais, por exemplo, como a alta densidade populacional nas grandes cidades (Vianna, 2010). Este conceito é considerado, por muitos, como um direito humano, fundamental para a autonomia pessoal. O filósofo Charles Fried argumenta que a privacidade é necessária para a formação de relacionamentos íntimos e autênticos entre os indivíduos. O sentido de privacidade no quarto de dormir evoluiu para uma expectativa quase universal na sociedade moderna ocidental, refletindo mudanças sociais, económicas e tecnológicas, que moldaram a maneira como entendemos e valorizamos a privacidade e o espaço pessoal.

São muitos os caminhos que conduzem ao quarto: o sono, o repouso, o nascimento, a morte, o desejo, o amor, a meditação, a leitura, a escrita, a procura de si mesmo, a reclusão, a doença. Do nascimento à morte, é o teatro da existência ou, pelo menos, o seu camarim; o lugar onde se tira a máscara, o corpo se despe e se entrega às emoções, à dor, à sensualidade. É onde passamos metade da nossa vida – a metade mais carnal, a metade sonolenta, noturna, a metade insone, quando os nossos pensamentos vagueiam; a metade sonhadora, uma janela para o inconsciente. (...). (Perrot, 2018, p. 1)

A casa é um lugar privado; contudo, no seu interior, cada divisão apresenta diferentes graus de privacidade (Busch, 1999). De facto, a construção da casa, atualmente, não trata apenas da proteção dos perigos externos, mas sim da proteção da esfera íntima dentro do ambiente familiar. É natural que a casa se divida em áreas, das mais públicas às mais privadas, com o propósito de preservar essa a intimidade de cada habitante.

Na Idade Média, o conhecimento de si próprio não era objeto de preocupação. A identidade do sujeito medieval era definida pelo papel que mantinha perante a sociedade. Após o fim da Idade Média e até ao século XVII, as condições da vida doméstica começaram, lentamente, a mudar. O tamanho das casas aumentou e eram mais sólidas do que as anteriores. No

entanto, a falta de conforto físico permaneceu. A casa tem sido associada à privacidade desde o século XVII, mas os interiores eram sobrelotados e não se conhecia a noção de privacidade dentro do ambiente doméstico e face aos membros familiares que partilhavam o mesmo abrigo (Rice, 2007; Rybczynski, 1996).

Quando chegamos aos séculos XVIII e XIX, predomina uma certa moral burguesa. Esta moral burguesa impõe limites a essa privacidade. Antes, a sexualidade era vista como uma forma de procriação, devido à questão religiosa. A moral burguesa do século XIX delimita esta questão, pois a sexualidade está aí implícita. Nesta época, há um grande preconceito à volta da sexualidade, ou mesmo relativamente ao próprio corpo. O corpo da mulher, por exemplo, era completamente reservado à privacidade e à intimidade do casal. Há uma ideia controversa de que os corpos não se podem tocar; a intimidade é proibida em público. No entanto, é permitida e quase obrigatória em privado (Ariès & Duby, 1986).

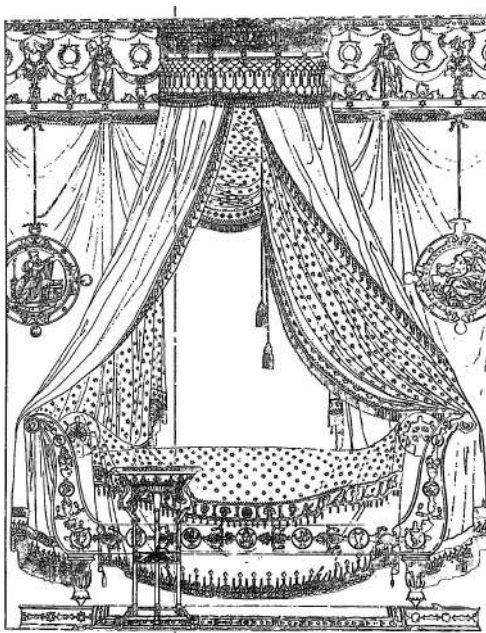


Fig. 1: Percier e Fontaine, leito para Madame M. em Paris - de *Recueil de Décorations Intérieures*, 1801 (Benevolo, 2001, p. 177).

A Revolução Industrial é um marco relevante na história, pois é um momento em que, de alguma forma, as sociedades ocidentais sofrem

profundas transformações. Conforme dito anteriormente, as sociedades são altamente preconceituosas e negativas perante a intimidade entre o casal. Nas casas da classe do operariado não havia qualquer privacidade no interior da habitação, nem no próprio grupo doméstico, ou seja, a vida privada de cada elemento da família era conhecida por todos os restantes elementos da casa. O espaço privado era apenas o espaço público do grupo doméstico. Os cuidados com o corpo faziam-se sob o olhar dos outros. Do mesmo modo, nunca se dormia só, pois havia sempre várias pessoas a dormir no mesmo compartimento e, muitas vezes, na mesma cama. Assim, a noção de intimidade não fazia qualquer sentido. A sexualidade não podia ser mantida em segredo. Já nas casas burguesas, sendo um assunto tabu, decorria no quarto conjugal, no toucador ou noutra compartimento privado (Ariès & Duby, 1991).

Sendo assim, o desejo de intimidade é cada vez mais notável. No início do século XX, há a procura pela intimidade familiar, conjugal e pessoal, pois há uma maior dificuldade em ter um encontro íntimo com a mulher, por exemplo. Gestos amorosos mais demonstrativos são considerados de extrema privacidade entre o casal (Ariès & Duby, 1990). A sociedade pós-modernista veio introduzir algumas mudanças significativas nas relações intimistas do casal.

No que diz respeito à sexualidade, à vida privada e às mulheres, deu-se uma transformação de valores, que veio modificar a vivência das relações afetivas e, particularmente, do amor (Carvalho, 1999). Para o arquiteto português Gonçalo Byrne, “habitar” transporta sempre uma noção de intimidade, e significa dar vida a um lugar e sentir que esse lugar pode proporcionar momentos únicos e exclusivos. Posto isto, Byrne acredita que a intimidade é um valor, pois há lugares que são demasiado íntimos para serem revelados (Byrne, 2016).

“Domesticidade, privacidade, conforto, o conceito do lar e da família: estas são, literalmente, as principais conquistas da Era Burguesa.” (John Lukacs in Rybczynski, 1996, p. 63)

A privacidade e a domesticidade, as duas grandes descobertas da Era Burguesa, surgiram naturalmente nos Países Baixos burgueses. A casa e os seus moradores tinham mudado física e emocionalmente; a casa deixara de

ser um local de trabalho e tornara-se menos pública. Como havia menos habitantes numa casa, a atmosfera interna foi afetada. A casa era agora um lugar apropriado para o comportamento íntimo. Em conjunto com esta privatização da casa, surgiu um maior entendimento de intimidade, que identificava a casa exclusivamente com a vida familiar. O senso de intimidade doméstica que estava a surgir foi uma invenção humana, assim como qualquer implemento tecnológico. Foi até mais importante porque não afetava somente o ambiente físico, como também a consciência. A casa estava a tornar-se um lar e, após a privacidade e a domesticidade, descobriu-se a noção de conforto (Rybczynski, 1996).

“Para mim, o conforto do lar é indissociável da história.” (Busch, 1999, p. 17)

Em qualquer período histórico, houve sempre um consenso demonstrável sobre o que é confortável e o que não é. Apesar do conforto ser uma experiência pessoal, o indivíduo julga o conforto segundo normas mais amplas, que indicam que pode ser uma experiência objetiva. A definição científica do conforto seria algo como “conforto é uma condição em que se evita o desconforto” (Rybczynski, 1996, p. 231). Atualmente, já não existe um padrão único ou uma definição cultural de conforto. É uma questão de escolha pessoal. Segundo a arquiteta espanhola Beatriz Colomina, o conforto é produzido por duas condições aparentemente opostas: a intimidade e o controlo (1992).

O conforto tornou-se significativo no século XVIII, como um atributo do corpo e do seu ambiente físico. O conforto físico ganhou força ao longo deste período, como um direito humano (Rice, 2007). A noção sensata de conforto não era mais uma ideia, havia-se tornado num ideal (Rybczynski, 1996). Esta ideia de conforto deve incluir conveniência, eficiência, domesticidade, bem-estar físico e privacidade (Vianna, 2010).

“...ultimamente tenho pensado que o conforto talvez seja o máximo do luxo.” (Billy Baldwin in Rybczynski, 1996, p. 223)

O bem-estar doméstico é uma necessidade humana fundamental, que está profundamente enraizada em nós e que necessita de ser satisfeita. Os avanços tecnológicos influenciaram, em grande parte, a evolução do

conforto físico ao longo da história. Todos os equipamentos modernos contribuem para o conforto doméstico. Esta democratização do conforto deve-se à produção em massa e à industrialização (Rybczynski, 1996).

A privacidade e o conforto doméstico - ideais burgueses - têm como finalidade acompanhar o desenvolvimento urbano e industrial do mundo exterior, através da estabilidade familiar como um núcleo (Ruço, 2018). No entanto, os quartos feitos por arquitetos, no modernismo, tinham um problema: não eram suficientemente confortáveis, eram nus e frios. Se antes só havia estofos, agora só havia colunas e molduras arquitetônicas. De modo a contornar este problema, chamava-se o estofador, que aplicava conforto e intimidade ao metro, junto às portas e janelas (Loos, 2004). A luz natural é, também, um fator fundamental para garantir conforto num espaço; a luz natural traz expressividade, textura, temperatura, entre outros aspetos, aos ambientes interiores. A questão do conforto é muito importante, e veio-se a tornar mais significativa na modernidade, pois passou a ser uma prioridade (Byrne, 2016).



Fig. 2: Quarto de uma jovem, decorado por Hazel Dell Brown, fotografado por Winifred Fales para a revista *What's New in Home Decorating*, 1936 (Sparke, 2008, p. 104).

Em linha com o exposto acima, sabemos que o quarto vai sofrendo alterações no decorrer da história, mas, por outro lado, sofre grandes melhorias. Surge uma nova visão do quarto, porque o quarto está associado a uma noção de privacidade e de intimidade muito diferenciada dos séculos anteriores, conceitos já analisados. O grau de privacidade varia tanto na Antiguidade como na atualidade. A privacidade é uma experiência pessoal e

uma relação variável entre pessoas em diferentes circunstâncias. A privacidade é obtida através da negociação, que por sua vez é influenciada pelos gostos pessoais e pelas oportunidades oferecidas pelo estatuto, classe ou riqueza. A principal diferença entre a Antiguidade e o mundo ocidental moderno é que, atualmente, a privacidade é considerada um direito humano (Nissinen, 2013).

Nos séculos XVI e XVII, o quarto era o espaço onde o casal dormia, mas era também o espaço onde se recebiam pessoas, onde se faziam refeições, onde até dormiam os criados. Aqui, a noção de privacidade era feita, do casal em relação a outras pessoas, através de cortinas (a cama com cortinas em redor servia para isolar o casal das restantes pessoas). Portanto, há uma noção de privacidade que é muito complexa, quase inexistente. A vida íntima do casal poderia perfeitamente ser escutada ou até vista por outros elementos da casa. Se as famílias com maior riqueza se podiam dar ao luxo de ter mais do que uma divisão na casa, então era no cómodo “extra” que decorria a vida íntima do casal. Naquela época, no século XVII, o quarto não tinha a mesma dimensão concetual que tem hoje.

Os quartos de dormir da Holanda do século XVII confirmam o carácter íntimo deste espaço. É aqui que as mulheres se vestem e despem, amamentam os filhos, e recebem visitas de familiares e amigos (Ariès & Duby, 1986). Camas de baldaquino com cortinas eram construídas, mas eram menos comuns do que na Inglaterra ou na França. A decoração holandesa era escassa. Os móveis deveriam ser admirados, mas também usados, e nunca se preenchia demasiado uma divisão a ponto de diminuir a sensação de espaço livre. As paredes raramente tinham papel de parede, mas eram enfeitadas com pinturas, espelhos e mapas. Os holandeses tinham trazido os tapetes orientais para a Europa, mas penduravam-nos na parede ou cobriam as mesas com eles. Foram os ingleses que popularizaram o uso de tapetes para cobrir o chão (Rybczynski, 1996).

As obras de Pieter de Hooch, Jan Steen e Johannes Vermeer demonstram como o quarto é o cenário do sonho erótico dos homens ricos. Nestas pinturas é possível ver como a casa mudou: tornou-se um ambiente para atividades privadas e para momentos pessoais.



Fig. 3: Jan Steen, “A Love Scene”, 1660.



Fig. 4: Jan Steen, “Noite de núpcias de Tobias e Sara”, 1668.

Na França dos séculos XVI e XVII, a “ruelle” - espaço entre a parede e a cama - era conhecida como um local particularmente íntimo (Ariès & Duby, 1986).

Na primeira metade do século XVIII, muitas famílias pobres de Rouen, França, dormem sobre um estrado de palha, como os animais num estábulo. Os filhos menores dormem sobre um saco de cinzas, e os outros (pais e filhos) deitam-se todos juntos sobre aquele leito indescritível (Benevolo, 2001). A decoração desta época toma cenas da Revolução Francesa como inspiração para ornamentos de espelhos, pratos e vasos. Os interiores eram lotados e frenéticos; os móveis chocavam uns com os outros.

Na década de 1880, a casa burguesa inglesa é decorada com ramos de flores, objetos de adorno, papel de parede, elementos geométricos e

cortinados ligeiros que realçam a entrada de luz natural. A primeira metade do século XIX foi a idade de ouro do papel de parede, que acompanhou os móveis neogóticos. Tornou-se uma obsessão burguesa não deixar nenhuma superfície despida, caso contrário seria a definição de pobreza (Guerrand in Ariès & Duby, 1990). Sendo assim, eram utilizados cortinados, revestimentos e estofos em todas as superfícies possíveis (Rice, 2007). As camas metálicas foram adotadas nesta época, pois a sua simplicidade agradava muito à população (Loos, 2004). As casas inglesas priorizam cenários adequados para os visitantes, enquanto o conforto dos próprios habitantes fica em segundo plano (Neves, 2012). O quarto de dormir como centro de atividade não é novidade: a ida para a cama era feita com muito pouca privacidade; o quarto era o espaço destinado à recepção de visitas.

A tangibilidade do lugar íntimo revela-se através da acumulação de objetos no interior privado, podendo afirmar-se que a decoração, cujas motivações estéticas se baseiam nas afinidades psicológicas entre o sujeito e os seus objetos, permitirá construir um lugar que reflete a imagem do seu ocupante (Pety, 2010).

Dominique Pety fala-nos de uma dimensão espiritual do design de interiores, estando representada na poesia da segunda metade do século XIX. Propõe-se uma outra perceção da relação entre o sujeito e os seus objetos, uma redefinição da sua própria identidade. Sobre a dimensão psicológica do habitar, a autora, Dominique Pety, referencia Walter Benjamin e Mario Praz, referindo que o interior deve funcionar como um “estojo”, simultaneamente um invólucro protetor para o corpo que o habita e uma marca da individualidade que nele se projeta. Mario Praz refere uma espécie de continuidade entre a alma, o corpo e os objetos que decoram a casa. O espaço privado, como um lugar de sonho e de intelectualidade, é também o lugar em que esta espiritualidade existe nos objetos. Neste sentido, são os objetos que estão imbuídos do discurso poético (Pety, 2010).

O quarto de dormir, espaço tanto físico como mental, tem sido o tema para uma miríade de obras literárias, ficção, prosa e poesia. O abrigo, o reduto, o lugar da criação, do sonho, mas também do sofrimento. Virginia Woolf, na sua obra *A Room of One's Own* (1929), procurava encorajar as mulheres a investirem criativamente em si mesmas, usando os seus quartos e espaços privados como locais ajustados para as suas atividades criativas.

E um grande número de peças de mobiliário são como moldes do corpo humano, formas vazias para o acomodar: a cadeira, a poltrona, o sofá são as suas bases, a cama o seu estojo; a secretária, cuja cavidade abriga os joelhos do homem, outro estojo; o espelho, uma máscara à espera que um rosto humano ganhe vida. Mesmo em móveis onde a possibilidade de acomodar a contraparte humana é menos óbvia, como o guarda-roupa ou a cómoda, domina uma simetria semelhante à do corpo humano, de modo que os puxadores e as saliências se unem como os olhos e as orelhas de um rosto. (Praz, 2008, p. 19-20)

De acordo com a autora Dominique Pety (2010), historicamente, a decoração é uma prática cultural, cujos objetivos estéticos visam os ambientes domésticos. Terá surgido na década de 1870, quando a noção de arte industrial e as artes decorativas terão ocupado um espaço culturalmente relevante. A autora referencia o público feminino como o público alvo dos manuais de decoração de interiores, que proliferaram no final do século XIX, sendo que, nas sociedades ocidentais, a mulher é associada à representação da casa, da vida privada e da interioridade doméstica.

O colecionismo, prática comum à época, é essencialmente masculino e perfaz o universo dos objetos. A função da decoração revela uma dimensão de intelectualidade e estética que projeta os objetos para além da matéria, conferindo-lhes uma outra essência. Assinalamos que as descobertas arqueológicas em Herculano e Pompeia, em meados do século XVIII, avivaram o interesse pelo mundo antigo. Estas escavações revelaram obras de arte e arquitetura que inspiraram artistas, arquitetos e intelectuais a visitar e imitar os estilos clássicos. É de salientar que, no século XIX, o colecionismo foi uma atividade muito valorizada entre as elites, tendo assumido muitas formas, nomeadamente as porcelanas, os selos postais, os livros, as gravuras e os objetos de arte. Pety afirma que “O crescimento e a multiplicação das práticas de colecionismo refletem a evolução da relação dos indivíduos com o mundo que os rodeia” (2010, p. 234). Tanto o colecionismo como a decoração têm lugar na casa, devendo analisar-se a procura por um espaço privado, resguardado das pressões da exterioridade social.

O interior é também um refúgio para a arte e nele estão presentes os objetos e as suas idealizações. “O colecionador gosta de evocar um mundo não só distante e defunto, mas ao mesmo tempo melhor; um mundo onde o

homem tem tão poucas necessidades como no mundo real, mas onde as coisas são libertadas da servidão da utilidade.” (Benjamin, 1939, p. 12). Na opinião do autor, *coleccionar* é sinónimo de *habitar*, pois que o espaço e os objetos nele presentes são projeções dos indivíduos. O interior (no original, *particulier*) é uma auto-representação, configurando, assim, uma encenação necessária ao equilíbrio psicológico do indivíduo, e na qual os objetos desviados da sua função se tornarão os suportes de uma auto-representação. O colecionador é exímio neste tipo de encenação (Benjamin, 1939).

Walter Benjamin, em *Louis-Philippe ou l'intérieur* (“Louis-Philippe ou o interior”, da conferência *Paris, Capitale du XIXe siècle*, 1939), assinala a emergência da individualidade a nível social no reinado de Louis-Philippe. Na sua opinião, este facto foi acompanhado de uma dissociação entre o local de trabalho e a casa, na classe da burguesia. No local de trabalho (ou no escritório), o indivíduo tem de enfrentar a realidade; na casa, pode refugiar-se no seu mundo de sonho. Conforme afirma o autor, a necessidade de construir uma representação de si próprio e, simultaneamente, de criar um invólucro protetor, poderá explicar o desenvolvimento do interior durante a denominada Monarquia de Julho¹. Walter Benjamin assinala a oposição entre exterior e interior, o espaço alargado das cidades e o ambiente íntimo da vida em casa. Diz o autor que o “indivíduo constroi num o que não encontra no outro: a representação da sua individualidade” (Benjamin, 1939, p. 11). O conceito de burguesia é constante e relevante para o entendimento da época: escreve Benjamin que, desde Louis-Philippe, “o burguês tende a compensar a ausência de qualquer vestígio de vida privada na grande cidade. Ele tenta encontrar essa compensação entre as quatro paredes do seu apartamento” (Benjamin, 1939, p. 12).

Sobre a decoração de interiores, Alexia Lebeurre (2006) refere que, até ao século XVIII, esta era considerada uma arte dividida em várias técnicas artesanais - as liberais e as mecânicas -, praticadas por artesãos como marceneiros, pintores, escultores ornamentais e estofadores, bem como por artistas e arquitetos. No entanto, por volta de 1750, com a retomada dos princípios académicos, os arquitetos começaram a assumir a responsabilidade por esta área, estabelecendo-se como os criadores da

¹ Monarquia de Julho é o nome que costuma designar o período histórico em França, entre 1830 e 1848, relativo aos ciclos da Revolução Liberal ou Revolução Burguesa.

decoração de interiores, especialmente em edifícios de prestígio. A autora refere que, assim, os arquitetos, embora tenham utilizado padrões acadêmicos, foram libertando-se progressivamente deles, afastando-se dos modelos tradicionais. A decoração, então, tornou-se um espaço de experimentação estética, onde os arquitetos podiam expressar a sua criatividade, imaginação e talento. Citam-se os espelhos, que parecem ter sido especialmente apreciados e valorizados nesta época, os efeitos “mágicos” e formas atraentes (como arabescos, influências exóticas e elementos da natureza). Nesta tendência de época, os arquitetos criaram ambientes exuberantes que transformaram as casas em pequenos palcos de intimidade.

2.3. A época das “luzes” - burguesia, luxo e intimidade

Consideramos que é relevante revisitar a época das Luzes, uma vez que nela se operam grandes transformações nas sociedades ocidentais.

O Iluminismo apresenta várias facetas, mas, apesar de uma grande diversidade, o objetivo comum parece ser afirmar a dignidade e individualidade do ser humano, que só pode ser plenamente atingida através da liberdade. Isso contrasta com os séculos anteriores, quando o indivíduo estava subordinado à autoridade e às tradições. Portanto, o Iluminismo tende a criticar os sistemas que limitavam essa liberdade e mantinham as pessoas em condição de subordinação (Bernard & Ferrandon, 2009). É sabido que o Iluminismo foi um ponto crucial na evolução do pensamento ocidental. Os principais valores desse período - como a autonomia, o pensamento crítico, a dignidade, a liberdade, os direitos humanos e a democracia - continuam a ser referenciados até hoje.

Durante o Iluminismo, houve uma grande divisão sobre a questão do luxo e da virtude. Os moralistas antigos e a tradição cristã criticavam o luxo, associando-o à luxúria. Algumas figuras da Igreja Católica viam o luxo como uma fonte de corrupção moral, uma visão que também foi partilhada por Rousseau e Adam Smith, que valorizavam a moderação e o ascetismo. Por outro lado, os defensores do progresso e os otimistas viam o luxo de maneira positiva, destacando a sua função económica. Bernard de Mandeville, por exemplo, acreditava que o luxo impulsionava o comércio e a indústria, gerando emprego e prosperidade. A meio do século XVIII, o luxo parecia ganhar mais aceitação, e num artigo da *Encyclopédie*, apesar de equilibrado, era bastante favorável a ele (Bernard & Ferrandon, 2009).

Quanto aos objetos, materiais e mobiliário de luxo, citam-se os interiores franceses, cujos estilos foram tradicionalmente nomeados em homenagem aos soberanos ou regimes da época: uma secretária pode ser designada como estilo Mazarin, Luís XIV, Regência, Luís XV, Luís XVI, Directoire, Império, entre outros. Em alguns casos, os nomes dos soberanos ou regimes foram substituídos por termos mais abrangentes, como estilo rocaille ou rococó, gosto grego, ou neoclassicismo. Já na Inglaterra, os estilos receberam os nomes de carpinteiros ou arquitetos que popularizaram o seu trabalho através de gravuras, sendo conhecidos, por exemplo, o estilo Chippendale e o estilo Adam (Michel, 2015).

Durante o Iluminismo a concepção da vida privada sofre uma mudança que terá sido influenciada, em parte, pela entrada dos valores burgueses nos círculos mais elitistas. A ideia de família, que anteriormente se centrava na linhagem e nas alianças sociais, passou por uma transformação: o casamento e a educação dos filhos ganharam um novo significado na vida familiar. A convivência social também mudou, tornando-se mais íntima e voltada para a companhia de parentes próximos ou amigos selecionados, com quem se estabeleciam interações mais espontâneas. Dessa forma, a riqueza e o gosto pessoal começaram a ter mais importância do que a posição social ou prestígio na determinação das comissões arquitetônicas (Ollagnier, 2015).

Apesar desta valorização da convivência familiar, segundo a autora Claire Ollagnier, a burguesia também desempenhou um papel crucial na disseminação das ideias de progresso e liberdade através dos seus salões, onde recebiam artistas, escritores e aristocratas, influenciando não apenas a vida intelectual e econômica, mas também as atitudes e mentalidades do cotidiano. O surgimento desta nova classe de clientes teve um impacto direto nas encomendas de projetos arquitetônicos, estimulando a criação artística, com uma forte competição tanto entre os clientes ambiciosos quanto entre os próprios arquitetos. Nesse cenário de corrida pela aquisição de propriedades, parte da aristocracia, endividada, foi forçada a vender terrenos, enquanto outras famílias destacadas conseguiram aumentar as suas fortunas comprando e especulando da mesma forma que os construtores e financeiros.

A burguesia, por sua vez, imitava os empreendimentos dos nobres, e, como observou Le Camus de Mézières - arquiteto e pensador francês do século XVIII -, "o parvenu² deseja apartamentos espaçosos, e o comerciante quer viver como um príncipe" (Ollagnier, 2015).

A par desta emulação e consequente pressão social, os autores observam que, ao longo do século XVIII, emerge um desejo crescente por privacidade e solidão, o que impulsionou novas configurações dos espaços. As ideias de conforto e comodidade manifestaram-se na proliferação e especialização dos espaços de habitação. Le Camus de Mézières, pensador e arquiteto, destaca essa tendência, ao descrever os apartamentos da época como compostos por múltiplas divisões: "O quarto de dormir deve estar próximo da sala de visitas e ser equipado com acessórios como um guarda-roupa especial, casa de banho, boudoir, além de espaços para um ou dois criados e um laçao. A casa de banho não deve estar longe" (Ollagnier, 2015). O projeto arquitetónico do espaço tornou-se cada vez mais integrado com o programa decorativo, que se expandiu graças às novas possibilidades oferecidas por edifícios mais abertos ao exterior.

Com o avanço do Iluminismo, a organização da casa passou a refletir mais diretamente o estilo de vida das pessoas, uma vez que este movimento trouxe novas ideias sobre racionalidade, funcionalidade e individualidade. Os espaços domésticos começaram a ser planeados com foco na praticidade e eficiência, separando os ambientes conforme as suas funções específicas, como quartos mais privados, cozinhas funcionais e áreas comuns destinadas ao convívio social. Além disso, o desejo por conforto e privacidade aumentou, acompanhando o desenvolvimento de uma classe média emergente, que procurava alinhar a sua habitação com os ideais de progresso, educação e bem-estar. Desta forma, a disposição do mobiliário, a ventilação e a iluminação natural tornaram-se elementos cuidadosamente planeados para promover o conforto e a harmonia no lar. Na primeira metade do século XVIII, as escolhas de decoração de interiores estavam fortemente influenciadas pelas convenções sociais e práticas culturais. No entanto, com o avanço do

² Pessoa de origem humilde que enriqueceu recente ou rapidamente, normalmente mantendo hábitos e gostos considerados desadequados pela classe social a que ascendeu. = NOVO-RICO, "parvenu", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/parvenu>.

Iluminismo, a organização da casa passou a refletir mais diretamente o estilo de vida das pessoas, com a conveniência rapidamente superando o antigo conceito de "decoro", tornando-se o princípio fundamental na composição dos interiores da elite (Ollagnier, 2015).

Desde o início do século, a intimidade do quarto de dormir já era valorizada pela presença de espaços privados adjacentes, mas agora esses espaços surgem de forma mais sistemática na concepção das residências. Além dos habituais roupeiros e camarins, presentes nas casas da elite, novos espaços privados foram incluídos, como escritórios para reuniões e leitura, e o *boudoir*. Este último, geralmente a última divisão no alinhamento de quartos, era frequentemente considerado o ponto central dos apartamentos, sendo explorado por Michel Delon em relatos literários que o associavam a propósitos eróticos. Contudo, o uso do *boudoir* era muito mais diversificado (Ollagnier, 2015).

Vale afirmar que as residências das elites, tradicionalmente associadas à ostentação e à representação social, passaram por uma transformação significativa: além de servirem para exibir estatuto, começaram a valorizar o bem-estar, o prazer e a intimidade. A riqueza deixou de estar apenas ao serviço do esplendor que afirmava a posição social, passando a ser direcionada também para o conforto e a felicidade pessoal. Além dos espaços de recepção, os quartos "de uso privado", tal como o *boudoir*, ganharam crescente relevância. O *boudoir* oferecia uma forma de escapar da sociabilidade forçada, privilegiando uma convivência mais seletiva. Na segunda metade do século XVIII, tornou-se uma presença comum nos apartamentos luxuosos (Lebeurre, 2015).

2.4. Esferas pública e privada e interiores domésticos

A distinção entre público e privado é considerada uma das grandes divisões do pensamento ocidental. Ela separa o mundo em duas categorias, que parecem abranger todos os aspetos da vida humana. Essa divisão é ampla e influencia outras diferenças sociais, como entre política e economia, ou trabalho e lar. Embora sejam opostos, público e privado são inseparáveis: se algo é público, pressupõe-se que há uma versão privada. Da mesma forma,

o espaço público acaba onde começa o privado. A expansão de um lado geralmente diminui o poder do outro (Collins, 2009).

Para compreendermos estas esferas será necessário ir até à cultura grega da Antiguidade que é, por assim dizer, a cultura que estruturou a base de toda a cultura ocidental - material, intelectual e artisticamente -, sendo portanto, o nosso modelo principal. Quanto à arquitetura, ao voltarmos à Grécia Antiga, regressamos a um padrão de construção que passou a ser um cânone. São padrões incontornáveis, onde se privilegia a beleza, a estética, a harmonia das formas. É, de certa maneira, um padrão de execução. A Antiguidade Clássica surge, aqui, como um modelo para o resto da civilização, onde a casa já era considerada como a materialização da esfera privada (Carneiro, 2014).

Segundo Habermas (2012) é na civilização clássica que a esfera pública é definida de forma clara, tratando de assuntos políticos e do governo. Nesta esfera pública, o ser humano expressa-se de uma certa forma, enquanto que na esfera privada e íntima, já se expressa de maneira absolutamente diferente. Portanto, as esferas pública e privada opõem-se uma à outra, e são, então, questões adjacentes ao tema do quarto de dormir, bem como a privacidade. Estas, constituem-se como esferas que existem separadamente. No domínio do espaço público, dá-se uma prática de liberdade, perante o cidadão, e uma demonstração da aparência do homem. Em contrapartida, a esfera privada da antiga cidade-estado é um espaço onde o indivíduo não se dá a conhecer e não expõe a sua aparência; é um espaço que abriga conteúdos e temas que não dizem respeito à restante comunidade (Prior & Sousa, 2014). Os assuntos relacionados com a sobrevivência dos indivíduos eram considerados como domésticos, privados e restritos ao ambiente familiar. Logo, a família tornou-se o lugar mais privado de todos, sendo definida como esfera íntima (Habermas, 2012).

O Império Romano vai assimilar toda a cultura grega, mas com uma abordagem diferenciada, em termos de arquitetura. Os romanos são mais pragmáticos, mais direcionados para a funcionalidade. Exemplo disso são os aquedutos, os viadutos, as estradas e as pontes romanas, feitos para satisfazer as necessidades da expansão do Império Romano. Os romanos contribuíram significativamente para aquilo que é a organização urbanística da atualidade. Interessavam-se pelo lado mais racional e funcional da vida e

da arquitetura. E, efetivamente, foram os romanos que compreenderam que as esferas pública e privada só poderiam subsistir sob a forma de coexistência. A casa romana surge como um espaço não totalmente privado, que casualmente se insere na esfera pública. As famílias recebiam, frequentemente, visitas, o que levou o arquiteto Vitrúvio a servir-se da expressão “locais públicos” para indicar as zonas das habitações em que eram recebidas as pessoas do exterior (Arendt, 2001).

Hannah Arendt, por sua vez, também questiona a definição entre o público e o privado, mas a partir de uma análise histórica: a do espaço público antigo. Segundo a autora, o espaço público não surgiu no século XVII, como afirma Habermas, mas dois milênios antes, em Atenas. Em “A Condição Humana”, de 1958, a filósofa descreve uma democracia ateniense onde o espaço público e o espaço político coincidem perfeitamente e se opõem ao espaço privado: “A distinção entre vida privada e vida pública corresponde aos domínios familiar e político, entidades distintas e separadas, pelo menos desde o surgimento da cidade antiga” (Dacheux, 2008).

Para Hannah Arendt, a vida pode ser dividida em duas áreas principais: a vida doméstica, que está relacionada com as necessidades básicas e práticas do dia a dia, e a vida política, que é o espaço da liberdade. Ela vê a atividade política como uma interação entre as pessoas que acontece na cidade, onde elas agem juntas de forma coordenada, dando mais importância à forma como se apresentam e representam do que ao uso da razão ou argumentação lógica. Para Arendt, tornar algo público não é apenas um gesto simbólico ou abstrato, mas uma ação concreta e real. O espaço público é um lugar físico e visível, onde as ações e palavras das pessoas se mostram e podem ser julgadas por outros (Dacheux, 2008).

Segundo Laura Nissinen (2013), os textos antigos revelam que os ambientes para dormir entre os romanos das classes sociais mais elevadas eram solitários, privados e não sociais, mas com algumas exceções: os cônjuges dormiam juntos. Como contraste, as *insulae* (edifícios de apartamentos para as classes menos favorecidas) tinham quartos partilhados e quase nenhuma privacidade. Sendo assim, estes espaços manifestavam um certo reflexo do tipo de sociedade daquela época face às perspetivas do privado e do público. Como anteriormente mencionado, a casa romana é um espaço onde ocorrem ações que são públicas, mas também é um espaço

onde existe toda uma vivência da família e de tudo o que diz respeito à casa. Os romanos acabam por ser um modelo importante para a nossa forma de habitar os espaços, e é aí que vamos buscar várias referências ao longo do tempo.

Sobre o quarto de dormir, não podemos falar deste espaço para uma classe social popular, devido à falta de pontos de referência. Quando falamos de arquitetura ou espaços interiores, referimos sempre a classe da burguesia, ou seja, classes com poder económico, com uma hierarquia social de notoriedade. Na Idade Média, os quartos de dormir, tal como os conhecemos hoje em dia, eram inexistentes. Estabeleceu-se um novo compartimento na casa, muito intimista - a câmara de dormir -, destinada ao ato de dormir. A delimitação de intimidade era clara de forma a que neste compartimento só podiam entrar pessoas com a autorização do Rei (Neves, 2012).

Aliando o quarto de dormir ao tema da privacidade, pode afirmar-se que existem, pelo menos, duas formas diferentes de entender o conceito de espaço privado. A mais comum está relacionada com a ideia de 'privacidade'. Neste caso, a privacidade é vista como algo interior, ligado à consciência e às emoções. Isso significa que certos aspetos da vida pessoal dos indivíduos devem ficar protegidos do olhar público, embora possam ser partilhados em relações amorosas, familiares ou de amizade.

Ao conceito de privacidade alia-se o sentido de intimidade. Alexia Lebeurre (2015) faz considerações interessantes sobre este aspeto, observando que este conceito é relativamente recente na história. Ela destaca que uma das suas primeiras manifestações coletivas ocorreu na sociedade de corte. Nessa sociedade, a aristocracia vivia à mercê do rei, que podia conceder ou negar favores conforme desejasse. Neste contexto altamente competitivo e controlado pelo monarca, a aristocracia era obrigada a adotar uma postura de autocontrole: dominar a sua aparência através de códigos de vestuário, adotar comportamentos e linguagens que revelavam o nível de educação, antecipar os acontecimentos e estar consciente do olhar dos outros. Em resumo, o homem da corte tinha de reprimir os seus impulsos para sobreviver socialmente e não comprometer as suas oportunidades. Paradoxalmente, esses constrangimentos, que restringiam a expressão pessoal, acabaram por contribuir para o desenvolvimento de um sentimento de intimidade. A aristocracia de corte começou a distinguir entre o que

pertencia à esfera pública e à esfera privada. A esfera privada, assim separada, tornou-se autônoma e passou a ter uma identidade própria, ganhando relevância como espaço de expressão pessoal.

As questões da intimidade conectam-se com os princípios da individualidade. Em sociedade, "nenhum homem se atreve a ser ele próprio", como observou Rousseau (Lebeurre, 2015). Os indivíduos, condicionados pelas convenções e obrigações de classe, escondem-se atrás de máscaras sociais. Essa realidade torna ainda mais urgente a necessidade de encontrar a própria identidade. Diante da constante agitação da vida em sociedade, as pessoas anseiam pelo repouso, um estado de tranquilidade que é considerado uma das formas essenciais de felicidade. Mesmo sem abrir mão da ostentação e do luxo, os mais privilegiados passaram a procurar uma organização interna que atendesse às suas necessidades mais íntimas. Conforme referido anteriormente, o *boudoir* tornou-se, ao longo do século XVIII, um símbolo dessa procura por um espaço pessoal. O próprio nome, derivado do verbo "boudier", que na época era usado coloquialmente para descrever crianças descontentes, reflete o desejo de abandonar a rigidez da postura pública para se dedicar aos próprios pensamentos ou prazeres. Em 1740, o dicionário da Academia Francesa reconhecia essa função ao definir o *boudoir* como "um pequeno quarto onde se retira quando se deseja estar só" (Lebeurre, 2015).

Embora sejam conhecidas diferentes interpretações sobre a evolução da casa, muitos historiadores e teóricos concordam que o impulso da modernização capitalista trouxe uma grande mudança para o espaço doméstico. Antes da industrialização, o lar era visto como um espaço social, onde a família e outros moradores conviviam de forma mais integrada. Além disso, era um local de produção, com todos os membros da casa, incluindo homens, mulheres e crianças, participando no trabalho. Com a modernização capitalista, o lar passou a ser um refúgio privado para a família, focado na criação dos filhos e no consumo, em vez da produção de bens. Essas mudanças ocorreram em diferentes épocas e regiões. Por modernização capitalista, referimos o processo histórico de transformação das sociedades tradicionais, principalmente a partir da Revolução Industrial, em economias baseadas no capitalismo. Esse processo envolve mudanças econômicas, sociais e culturais, com ênfase na industrialização, urbanização, avanço tecnológico e crescimento do mercado. A produção de bens deixa de ser feita

em casa ou em pequenas oficinas e passa a ser concentrada em fábricas. Além disso, ocorre a separação entre o espaço de trabalho - fábricas e escritórios - e o espaço doméstico, que passa a ser mais associado ao consumo e à vida privada.

Estas novas funções do lar adquiriram significado a partir de uma oposição mais ampla entre as esferas pública e privada, que eram concebidas como separadas e distintas. A diferenciação entre essas esferas trouxe uma nova forma de entender o mundo social e cultural, bem como o papel dos indivíduos nele. A esfera pública estava ligada ao universo da produção, do comércio e da vida urbana, mas também era vista como caótica, perigosa, marcada por contatos transitórios e impessoais, além de comportamentos imorais. De forma contrastada, a esfera privada do lar era associada à família e a uma série de valores e virtudes morais.

A partir da segunda metade do século XIX, tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, o lar passou a ser considerado um espaço diferenciado: um lugar onde se podia ser genuíno e criar raízes, um refúgio de inocência, calor e intimidade; um ambiente voltado ao casamento, à família, à religião e à moralidade. O lar também se tornou um lugar para demonstrar status e bom gosto por meio de um consumo apropriado. Essas ideias foram essenciais para a concepção de domesticidade que surgiu no Reino Unido e na França no final do século XVIII, e nos Estados Unidos a partir do início do século XIX.



Fig. 5: “Home”, Inês Azevedo. Ilustração digital (Dwelling in Transition, 2022, p. 101).

Às esferas pública e privada não eram apenas atribuídas funções e significados específicos, como também se associavam a papéis de identidade. Enquanto o mundo público do trabalho era relacionado ao papel do homem provedor, a esfera doméstica privada era ligada à mulher como dona de casa. Críticos feministas sublinham que a definição destes papéis representou uma mudança significativa nas relações de gênero. Com a transferência da produção e dos negócios para o espaço público, estas atividades passaram a ser vistas como masculinas. Neste contexto, as mulheres foram associadas à responsabilidade da vida familiar e doméstica e, por não receberem salário, tornaram-se financeiramente dependentes dos homens. Para alguns críticos, este foi um momento crucial na história das mulheres, gerando desigualdades duradouras entre os gêneros. Além disso, há quem argumente que a identificação das mulheres com o lar funcionou como uma forma de segregação espacial, confinando-as à vida doméstica. Historiadores feministas identificaram como os discursos de domesticidade, que produziram o significado do lar na vida moderna - e posicionaram as mulheres como donas de casa - foram produzidos através de textos como revistas femininas e literatura cristã evangélica e trabalharam para legitimar a divisão de esferas por gênero. No entanto, muitos críticos questionaram se essas ideias sobre domesticidade foram dirigidas a todas as mulheres e argumentaram que elas não só identificaram as mulheres com o lar, mas também desempenharam um papel fundamental na formação de novas identidades e culturas distintamente de classe média (e, nos Estados Unidos, essas identidades também eram distintamente brancas e provavelmente urbanas). Enquanto a maioria das teorias da modernidade assume que identidades e culturas de classe foram principalmente um produto da esfera pública (masculina), isso ignora a extensão em que culturas domésticas também desempenharam um papel central na produção de identidades de classe e gênero.

Acerca do significado da domesticidade, Hollows (2012) defende que este foi moldado pela religião evangélica, que promoveu novos modos de feminilidade doméstica e novos significados de lar para a população emergente da classe média na Inglaterra, entre 1780 e 1850. Essas religiões promoveram a ideia de que o lar era uma necessidade para promover a 'ordem moral' e combater o 'mundo amoral' da esfera pública. As mulheres foram vistas como sendo um gênero especialmente adequado para sustentar a moralidade do lar, porque se presumiu que elas eram naturalmente mais

cuidadasas e, portanto, seguiam de perto os preceitos cristãos, gentis e passivas. É de notar que estas qualidades as tornavam substancialmente inadequadas para participar da esfera pública mais competitiva e amoral.

Vale afirmar que os significados de domesticidade ajudaram a legitimar uma divisão sexual do trabalho, baseada no género masculino como os principais provedores, e mulheres como donas de casa economicamente dependentes: a masculinidade era definida em termos da 'capacidade do homem de sustentar e ordenar a sua família', enquanto a 'feminilidade da mulher era melhor expressa na sua dependência'. Tudo isto confirmava a ideia de que o lugar natural das mulheres era o lar e que elas deveriam ser economicamente dependentes dos homens, ideias que se mostraram notavelmente resilientes à mudança.

Nos discursos de domesticidade do século XIX, o lar era importante porque era o local da vida marital e familiar. Davidoff e Hall (2002) argumentam que as mulheres da classe média foram posicionadas não apenas como esposas que salvariam as almas dos seus maridos, mas como mães encarregues de socializar os seus filhos com os valores cristãos e de classe média. A importância da vida familiar também foi reforçada pelo novo status dado às crianças, que agora eram livres de quaisquer responsabilidades adultas que poderiam ter assumido no lar pré-industrial e que eram identificadas com a 'inocência'. No entanto, se o lar era primariamente identificado com mulheres e crianças, os homens também tinham um papel fundamental nas culturas domésticas da classe média. Como provedores, os homens eram mais propensos a ver o lar como um 'refúgio' da esfera pública e como um local de lazer e liberdade do trabalho, e os pais eram vistos como tendo um papel vital na vida familiar. Dessa forma, os discursos de domesticidade não apenas produziram identidades femininas específicas, como também masculinas.

Como muitos outros historiadores da vida doméstica do período, Davidoff e Hall (2002) tiram muitas das suas conclusões da análise das representações de domesticidade em fontes como tratados evangélicos e literatura de conselhos domésticos. No entanto, não se pode assumir que esses significados de domesticidade foram aceites inquestionavelmente pelas mulheres da classe média, havendo evidências significativas que sugerem que a separação de esferas por género nunca foi tão segura na prática quanto

nas representações. Embora a maioria dos espaços públicos fosse representada como um lugar inadequado para mulheres 'respeitáveis', um número significativo de mulheres da classe média realizou trabalho filantrópico na cidade e, a partir da segunda metade do século XIX, novos espaços femininos, como o *department store*³, surgiram na cidade. Para além disso, algumas mulheres da classe média participaram nos negócios dos seus maridos, sugerindo que “o público não era realmente público e o privado não era realmente privado” (Davidoff & Hall, 2002, p. 330). Assim como a vida pública moldou o significado da domesticidade, a domesticidade também foi usada para moldar e desafiar o significado da vida pública. Por exemplo, algumas mulheres usaram o seu papel doméstico como consumidoras, como base para a ação política na esfera pública - através de boicotes e protestos de consumidores. Dessa forma, o público e o privado nunca são distintos. A domesticidade desempenha frequentemente um papel fundamental na construção ou na manutenção das ideias de uma nação, como refere Alison Blunt (1999), que demonstra como a domesticidade “na Índia Britânica estava inextricavelmente ligada ao domínio imperial” (p. 438).

A ideia de que as culturas doméstica e de trabalho eram distintas e separadas, dependia da classificação das atividades das mulheres dentro de casa como sendo consumo, e não como trabalho. Embora muitas mulheres da classe média fossem empregadoras de trabalho, ainda estavam envolvidas na gestão do lar e na criação dos filhos. Além disso, o lar da classe média frequentemente servia como local de trabalho para mulheres da classe trabalhadora empregadas como servas. De facto, a própria posição das mulheres da classe trabalhadora, como trabalhadoras, problematiza qualquer ideia simplista de que todas as mulheres estavam confinadas ao lar e economicamente dependentes dos homens (embora fossem muitas vezes pagas significativamente menos do que os homens).

Pode então afirmar-se que todas as culturas atribuem um valor especial aos espaços privados e organizam-nos hierarquicamente. No Ocidente, os diferentes compartimentos de uma casa têm graus variados de intimidade, desde o semipúblico - como a sala de estar -, até à privacidade

³ *Department store* ou departamento de loja é um tipo de comércio que apresenta uma grande variedade e quantidade de produtos armazenados, englobando a área do vestuário, da cosmética, da decoração, de brinquedos, entre outros.

íntima do quarto de um casal (Chevallier, 2012). Por exemplo, a palavra alemã *raum* não tem o mesmo significado exato que a palavra francesa *espace*, pois a primeira refere-se a um espaço mais concreto, semelhante à palavra inglesa *room* (quarto/sala). Já o termo francês, tal como a palavra "space" (espaço) em inglês, pode referir-se a áreas mais flexíveis e adaptadas a diferentes funções. Em inglês e francês, os termos para "espaço" estão originalmente e cientificamente ligados ao conceito de "tempo". Estes têm um significado mais amplo e abstrato em comparação com o equivalente alemão, que é mais concreto e dialético. Quando se acrescenta o adjetivo "privado", como em *privatraum* ou *der privat raum*, a expressão refere-se à "esfera privada".

Como diz Chevallier (2012), a ideia de privacidade nas línguas inglesa e francesa, está associada à ideia de exclusão, isto é, a um acordo social que permite que uma pessoa mantenha os outros fora do seu espaço pessoal. Em geral, essa noção refere-se sobretudo às atividades, comportamentos e atitudes que se desenvolvem em relação a um lugar ao longo do tempo. Assim, a esfera privada deve ser vista como o resultado de longos processos históricos que envolvem não apenas a arquitetura e a decoração, mas também tudo o que acontece dentro de um lar, o modo como as pessoas interagem e se comportam umas com as outras. Embora estes aspetos da cultura material doméstica sejam muitas vezes vistos como permanentes, eles são dinâmicos e influenciados pela relação entre as esferas pública e privada e pelas mudanças inevitáveis que ocorrem nesta interação.

Sobre a materialidade ou o aspeto material dos interiores da casa, este desempenha um papel importante na forma como entendemos e utilizamos os diferentes espaços. Ele revela as várias funções de cada compartimento. Nas sociedades urbanas ocidentais, os compartimentos tendem a ser especializados, necessitando de mobília e objetos específicos que indicam o nível de intimidade associado a cada espaço. Em algumas culturas, é mais comum que os compartimentos e a sua mobília tenham várias funções, como uma cama que se transforma num sofá durante o dia, ou uma mesa que serve tanto para refeições como para outras atividades. Nesses contextos, a mobília é frequentemente multifuncional.

Alguns ambientes da casa são utilizados tanto pelos moradores quanto pelos visitantes, como a cozinha e a sala de estar, embora a primeira seja tradicionalmente dominada pelas mulheres e a segunda pelos adultos. Já

os quartos são espaços mais privados, destinados ao uso individual ou de casais. Há, dentro da casa, uma tensão entre a necessidade de convivência familiar ou conjugal e o desejo igualmente forte de privacidade, isto é, o direito de estar só. Os moradores procuram adaptar-se e criar o ambiente desejado, organizando objetos que ajudem a distinguir áreas específicas, como as de refeições ou de lazer (Chevallier, 2012).

No século XVIII, o espaço habitacional era menos povoado, havendo uma crescente preocupação com a saúde e a higiene pessoal, promovendo o ideal de camas e quartos individuais. Nesta época, as atividades desenvolvidas na esfera privada decorriam, fundamentalmente, no quarto. Segundo os autores Helder Prior e João Carlos Sousa asseguram, “o quarto de dormir era concebido como o derradeiro domínio privado, já que todos os outros espaços, incluindo os do domicílio, eram tidos como de vivência pública” (2014, p. 11).

No início do século XIX, surge um espaço considerado sagrado - o quarto conjugal -, destinado à intimidade do casal. Assume-se como uma das principais divisões da esfera íntima da habitação. Este quarto tem a capacidade de fortalecer os laços entre marido e mulher, pois está ligado à privacidade e à sexualidade do casal (Neves, 2012). A época em que se recebiam visitas num compartimento com cama parece ter, decididamente, chegado a um fim (Ariès & Duby, 1990). Os interiores burgueses deste século refletiam modos de vestir: as cadeiras aparentavam ter saias e cortinas drapeadas, representando o modo como os tecidos eram usados nas vestes femininas. O papel de parede também repetia os padrões dos tecidos das roupas. No fundo, os interiores domésticos retratavam os trajes luxuosos dos seus habitantes (Rybczynski, 1996).

Nesta época havia um certo sentido de obrigação em tornar a casa num espaço de beleza, devido às exposições de decoração, as quais pretendiam ensinar o público como habitar, através de quartos-modelo. A casa não devia ser decorada no gosto próprio de cada indivíduo. A habitação “com estilo” da época requeria extraordinários conhecimentos e capacidades na área (Loos, 2004).

No decorrer do século XIX e respetiva transição para o século XX, na Europa, dá-se uma transformação brusca no campo da arquitetura e,

consequentemente, nas formas de habitar burguesas. O habitante burguês interessa-se pela decoração e ornamentação, acabando assim com a personalidade própria de cada indivíduo. Ou seja, o caráter das habitações burguesas é ofuscado pela arte, bem como pelos ideais artísticos do arquiteto, que se refletem nas formas domésticas (Ruço, 2018).

Nos séculos XIX e XX, havia uma considerável preocupação com a ornamentação da superfície, a cor, a textura, o mobiliário e os acessórios; uma preocupação com a funcionalidade das coisas. Exemplo disso é o trabalho do arquiteto Frank Lloyd Wright, na primeira década do século XX. Wright desenhou interiores inovadores, onde todos os materiais, tecnologias e ornamentação estavam integrados num design orgânico (Kilmer & Kilmer, 2014).

Após a 2ª Guerra Mundial, os interiores tornaram-se mais complexos, devido ao crescimento das indústrias, e a atenção passou da decoração de superfícies para o estabelecimento de sistemas de apoio funcionais relacionados com atividades domésticas (Kilmer & Kilmer, 2014).

Desde o princípio do século XX até ao início dos anos 50, as habitações burguesas e as habitações populares distinguiam-se por um importante contraste. As habitações burguesas tinham espaço suficiente para sala de visitas, cozinha, anexos, um quarto para cada membro da família, e ainda outras divisões extra. Já nas habitações populares, apenas havia uma divisão, no máximo duas, onde toda a família dormia (Ariès & Duby, 1991).

Durante muito tempo, o quarto de dormir foi carregado com mobiliário. Ao tornar-se um espaço mais privado, o quarto de dormir tornou-se também um espaço mais simples e com menos decoração (Perrot, 2018). Atualmente, o quarto de dormir é solicitado a servir uma variedade de funções; o quarto moderno é um espaço que apenas necessita de uma única peça de mobiliário, mas passou a acomodar muito mais que isso. O indivíduo tem tendência a preencher o quarto com coisas que introduzem uma série de atividades para além do ato de dormir (Busch, 1999). O quarto é o espaço onde é acomodada a proximidade física e emocional, é o local destinado à intimidade.

O interior doméstico é o lugar exclusivo e específico do indivíduo no mundo. Este, como ser racional, é capaz de compreender e controlar o seu

espaço, adaptando-o à sua presença. Sendo assim, a criação do espaço e do lugar depende da sua forma estar, face ao ato de habitar e de construir. O quarto de dormir representa, em si, uma evolução dos conceitos, da mentalidade da sociedade, relativamente à questão da privacidade e da intimidade.

Pesquisas recentes têm questionado a utilidade do conceito que define a dicotomia público-privado. Alguns autores sugerem que se deveria abandonar este conceito, argumentando que há uma quantidade muito limitada de vida social que se enquadra num dos lados dessa divisão. No entanto, outros autores acreditam que, apesar dos debates sobre os termos público e privado, eles ainda possuem um poder descritivo importante na vida quotidiana e no discurso político. Embora esses debates continuem, é evidente que as noções de público e privado estão cada vez mais fluídas e as demarcações entre esses dois conceitos é cada vez mais difusa (Kenna, 2020).

Pode, pois, afirmar-se que a ideia sobre o que é público e privado está em evolução, sendo necessário continuar a reavaliar estas definições. Isto é sobretudo importante na era digital, onde os espaços público e privado estão cada vez mais entrelaçados e a noção de privacidade está a mudar. É crucial considerar a diversidade dos públicos e das esferas privadas, não estabelecendo definições fixas ou simplificadas. A divisão entre público e privado continua a ser amplamente utilizada no discurso público e político, por isso entender como estes conceitos evoluem é fundamental para lidar com as complexidades envolvidas (Kenna, 2020).

2.5. Uma breve linha temporal

Esta secção apresenta uma síntese que visa situar, de forma concisa, os principais momentos e marcos na história do mundo ocidental relacionados ao nosso tema.

O Renascimento caracterizou-se por um novo modo de vida; a redescoberta de clássicos preservados desde a Antiguidade despertou uma nova consciência e expansão das artes. A arquitetura dos interiores floresceu,

combinando as ordens clássicas com formas simples e geométricas. Sendo assim, nesta época, surgiram interiores e mobiliários mais elaborados, com variadas interpretações regionais (Kilmer & Kilmer, 2014). Este período histórico teve o seu início em Itália, no ano de 1400. Os interiores renascentistas eram pintados em tons neutros, os quais contrastavam com cortinados e acessórios brilhantes. No começo deste período, os interiores domésticos eram pouco mobiliados, com mobiliário de madeira funcional, que harmonizava com a arquitetura envolvente (Kilmer & Kilmer, 2014).

O mobiliário do Renascimento espanhol, baseado no Renascimento italiano, é simples. Eram comuns as cadeiras, mesas e arcas de madeiras variadas. Eram utilizados padrões de cores vivas e bordados ricos, com pormenores de ouro ou prata. O veludo e o couro eram materiais frequentemente utilizados nesta época, pois eram considerados materiais confortáveis e acolhedores aos utilizadores (Pile & Gura, 2000).

Já o Renascimento holandês teve um caráter muito único, com a introdução de porcelanas, tapetes e têxteis orientais nos interiores domésticos. O mobiliário era de grande escala e com pormenores de grande beleza. As camas eram fechadas com cortinas ou drapeados, de modo a permitir uma certa privacidade ao casal (Pile & Gura, 2000).

O interesse pelas ciências começa a crescer, e, portanto, os globos e mapas, bem como vários instrumentos musicais e científicos, passam a fazer parte da decoração de interiores. Apesar da sensação de riqueza que resulta da rica variedade de bens presentes nestes interiores, os objetos são sempre dispostos em quantidades mínimas, contra fundos lisos, de forma a transmitir conforto e simplicidade (Pile & Gura, 2000). Esta época estilística só foi possível graças às relações que se foram estabelecendo entre determinados arquitetos e decoradores de interiores e os respetivos clientes ou mecenas. Tais relações de afinidade são fundamentais nos processos de evolução de ambientes (Byrne, 2016).



Fig. 6: Quarto do Palácio de Malmaison, França, remodelado para a imperatriz Josefina de Beauharnais. Decoração com influências gregas, romanas e egípcias (Kilmer & Kilmer, 2014, p. 51).

A consciência da modernidade desenvolveu-se a partir do Renascimento, opondo o moderno ao conjunto dos valores tradicionais medievais. Esta consciência de modernidade surgiu com um duplo sentido: por um lado, como superação do mundo medieval e, por outro, como recuperação da linguagem clássica e da cultura da Antiguidade (Montaner, 2001).

É importante compreender porque é que o estilo Neoclássico surge, sendo que é um retorno ao padrão da Antiguidade Clássica, de uma forma mais purista, mais austera, e com outras explorações a nível tecnológico e a nível do domínio do espaço interior e da arquitetura. É um momento em que as grandes correntes filosóficas conduzem o mundo em direção a uma crença na ciência. Pela primeira vez na história, estamos mais distantes da religião e do misticismo, e estamos muito mais voltados para a ciência e para as matemáticas.

A possibilidade de imitar as formas góticas, em vez das formas clássicas, esteve presente na cultura arquitetónica desde a segunda metade do século XVIII e acompanhou todo o ciclo do Neoclassicismo. O uso de formas góticas era considerado como um gosto pelo exótico (Benevolo, 2001).

Portanto, desde os finais do século XVIII, desenvolveu-se o gosto pelo espaço privado da vida doméstica, cada vez mais confinada ao núcleo da família. Vemos um novo tipo de habitação a aparecer, dando mais importância

aos compartimentos da casa onde a personalidade própria de cada indivíduo se forma, e onde há espaço para uma intimidade doméstica no convívio entre os membros da família, abrigados dos olhares do exterior (Rodrigues, 1985).

Um nível cultural como aquele que a humanidade atingiu na Antiguidade Clássica já não se consegue esquecer. A Antiguidade Clássica é a origem de todos os períodos culturais seguintes (Loos, 2004). A Antiguidade Clássica começa a ser conhecida na sua objetiva estrutura temporal; o Classicismo transforma-se em Neoclassicismo. A evolução do Renascimento até ao Neoclassicismo consiste na introdução de graus mais elevados de racionalismo, em função das legitimações mitológicas e religiosas.

Este estilo arquitetónico surge após o barroco tardio e o rococó, como um regresso da Antiguidade Clássica grega e romana, e coincide com a Revolução Industrial. Dá-se em meados dos séculos XVIII e XIX, permanecendo como a maior corrente artística na Europa. Neste período, vemos surgir um novo tipo de habitação reservada ao núcleo da família, na qual é dada uma maior importância ao resguardo da personalidade própria de cada membro da família. Desta forma, cria-se uma certa intimidade doméstica e familiar no interior das habitações (Rodrigues, 1985). No entanto, a vida privada desenvolveu-se, essencialmente, como um fenómeno burguês.

No final do século XIX, o Neoclassicismo foi identificado como o estilo mais adequado para simbolizar a República Americana, pois evocava qualidades de solidez, resistência e harmonia universal (Massey, 1996). O Neoclássico sustentou toda uma fase de revivalismos na arquitetura, desde o romano ao grego, gótico, renascentista, barroco e islâmico, resultando assim num ecletismo europeu que teve grande influência nos interiores (Osório, 2007). Caracteriza-se pela expressão linear e pela correspondência entre a forma e a função, mantendo assim um nível estético próprio e bastante flexível. Utiliza perspetivas e planos simétricos, volumes simplistas e bem definidos (Kilmer & Kilmer, 2014). Nesta época, eram típicas as salas de formas simples, com painéis de cores pastel e uma ornamentação de superfície esculpida (Pile & Gura, 2000).

Desde o Neoclassicismo até ao século XX, dão-se múltiplas alterações em termos de domínio do espaço interior, nomeadamente, no quarto. O mobiliário desta era assume uma qualidade mais retilínea e

geométrica do que os seus antecessores. Os pormenores entalhados e dourados são típicos. As cortinas das janelas, anteriormente raras, tornaram-se cada vez mais comuns, de cores carmesim ou amarelo dourado, muitas vezes com franjas e borlas. Aparecem frequentemente motivos egípcios e elementos militares que podem ser identificados como as campanhas de Napoleão no Egito (Pile & Gura, 2000).

O período da Revolução Industrial corresponde, de certa maneira, ao Neoclassicismo. O termo “classicismo” dá lugar a uma grande variedade de correntes estilísticas que se relacionam de formas diferentes com o desenvolvimento da técnica de construção (Benevolo, 2001). No século XVIII dão-se alterações no estilo arquitetónico dos lares burgueses, enfatizando, cada vez mais, a esfera íntima e familiar. Com o desenvolvimento da modernidade, surge então uma nova dimensão de privatização da vida: as casas oferecem mais espaço às divisões destinadas à intimidade.

A Revolução Industrial trouxe um aumento da produção industrial, conjugando-se a um aumento da densidade populacional nas cidades. Num determinado ponto de vista também contribuiu para melhorias da qualidade de vida, como, por exemplo, na alimentação e na higiene pessoal, e na separação entre a casa e a oficina, tendo contribuído para habitações mais limpas (Benevolo, 2001). Portanto, com a Revolução Industrial, a sociedade muda de uma forma crítica. A Revolução Industrial traz algo novo para esta área profissional - novos materiais e novas formas de construir. Traz toda uma panóplia de conhecimento que é aplicado na área da construção, da arquitetura e dos interiores. Os materiais tradicionais são trabalhados de forma racional e são distribuídos de maneira mais liberal. Surgem novos materiais, como o ferro, o vidro e o betão. O ferro e o vidro são utilizados desde tempos imemoriais, mas só neste período é que os progressos da indústria permitem que as suas aplicações sejam ampliadas, introduzindo conceitos de construção completamente novos (Benevolo, 2001). Os primeiros resultados da evolução industrial revelaram-se na construção: os materiais naturais foram substituídos por materiais artificiais. Exemplo disso é o ferro - material de grande resistência e baixo custo -, que veio introduzir uma nova alternativa à madeira e à alvenaria como material de construção, para além de que é um material que permite, com mais facilidade, manter um espaço mais limpo e higiénico (Pile & Gura, 2000).

Como mencionado acima, a Revolução Industrial veio tornar o espaço doméstico num espaço totalmente autónomo e separado da zona de trabalho. Com a industrialização, a casa perdeu o carácter figurativo e ganhou uma imagem estereotipada do habitar (Milano, 2005).

A primeira vaga da industrialização baseou-se em algumas invenções fundamentais, como a máquina a vapor, por exemplo. O impacto das fases iniciais da Revolução Industrial no design de interiores foi mais técnico do que estético. O termo Revolução Industrial, no fundo, é utilizado para descrever a enorme quantidade de progressos na Grã-Bretanha, e, mais tarde, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, responsáveis pela transformação destas nações em indústrias modernas (Pile & Gura, 2000).

Nos finais do século XIX, tanto a Europa como os Estados Unidos vivenciaram uma explosão de estilos artísticos e arquitetónicos que refletiam as mudanças rápidas da sociedade. Influenciados pela industrialização, avanços tecnológicos e um desejo de inovação e ruptura com o passado, espelham-se no *Arts and Crafts* e *Art Nouveau*, por exemplo. Os modernistas introduziram novas conceções espaciais e determinaram novas condições habitacionais, tal como a ideia da casa como máquina para habitar, sendo preconizada a eliminação do ornamento (Loos, 2004). Esta ideologia resultou numa diferenciação mais rígida entre espaço coletivo e espaço privado, e, inversamente, numa maior fluidez e flexibilidade espacial (Milano, 2005). Le Corbusier era apologista de que o conceito de casa como máquina industrial alterava o psicológico dos seus residentes, instruindo-os a habitar de determinada maneira. Desta forma, surge o homem moderno, cujas exigências e desejos são diferentes, e, portanto, as habitações “de antes” já não o satisfazem (Silva, 2023).

Na segunda metade do século XIX e início do século XX, com a produção em massa, as habitações familiares nas grandes cidades passaram a ser projetadas conforme um padrão base. Os arquitetos e designers do Movimento Moderno começaram a conceber interiores funcionais, que ofereciam uma nova estética. O modernismo admitia a necessidade de libertação do excesso de decoração, proveniente dos períodos anteriores, de forma a encontrar soluções económicas e práticas para a materialização do espaço doméstico (Carneiro, 2014). Assim sendo, o modernismo apresentava um tipo de arquitetura e design sem adornos, purista e austero, dentro do qual,

a partir do momento em que o arquiteto identificasse a solução correta a um problema específico, cabia ao morador adaptar-se a ela (Massey, 1996; Vianna, 2010). No entanto, uma das questões que toma maior protagonismo na arquitetura, a partir dos anos 40, é a procura de uma maior expressividade (Montaner, 2001).

A importância da tecnologia na definição dos percursos em análise é muito significativa. Portanto, a ciência, a tecnologia e a industrialização são aceites como parte da existência progressiva, e a nossa civilização depende, em grande parte, da ciência e da tecnologia. A industrialização transformou as experiências privadas e públicas das pessoas, afetando as suas identidades pessoais e coletivas. Veio impor um novo modo de viver para toda a população (Massey, 1996). Estas transformações, que se deram na década de 1950, afetaram muito a vida humana, a cultura, a economia, a moral e a sociedade. Neste sentido, vivemos numa era industrial (Banham, 1967).

O consumo em massa foi uma das características responsáveis pela modernidade, mas, como já mencionado anteriormente, alguns arquitetos e designers modernistas vieram a rejeitar a ornamentação, pois era considerada sinónimo de domesticidade burguesa do século XIX e de aspiração social (Sparke, 2008).

Sendo assim, o modernismo é um movimento de revolta contra todas as normas e valores da sociedade burguesa (Carvalho, 1999). O conceito de moderno surge muito antes da ideia de moderno em si, tratando-se, assim, de um conceito mais avançado, resultante da industrialização. O movimento moderno, entre 1918 e 1927, compreendeu um grande número de contribuições e, portanto, não é possível fixar a sua origem num só lugar (Benevolo, 2001). E, entre os muitos contribuintes efetivos para a sustentação do Movimento Moderno, temos que contar com o tributo de Adolf Loos. Embora Adolf Loos admirasse algumas consequências da indústria americana, ridicularizou as ideias de uma economia de alta obsolescência. A independência de ornamento é o símbolo de uma mente não corrompida, uma mente que Adolf Loos apenas atribui aos camponeses e aos engenheiros. A construção sem ornamentos é capaz de oferecer maiores possibilidades de pureza da expressão arquitetónica (Banham, 1967). Segundo Montaner (2001), a arquitetura do movimento moderno é baseada na ideia da ausência de caráter.

No mundo moderno, a experiência da vida humana desenrola-se, em grande parte, em espaços interiores. As realidades sociais, económicas e políticas influenciaram a vida humana e tiveram grande impacto nos ambientes construídos (Pile & Gura, 2000). Racionalismo e funcionalismo são dois fatores que definem o design, a arquitetura e o urbanismo do movimento moderno (Montaner, 2001). Para além disso, também a sistematização da casa, a industrialização e a produção “em massa” da habitação contribuíram para o desenvolvimento do moderno, implementando, assim, mudanças permanentes no carácter do espaço doméstico (Silva, 2016).

O projeto moderno marcou definitivamente as transformações da cidade do século XX. As inovações introduzidas pela arquitetura modernista permanecem como as últimas transformações mais significativas nas tipologias de habitação, na qualificação do espaço e na construção de edifícios. Estas inovações modernas são mais evidentes nas soluções arquitetónicas das fachadas de edifícios, sobretudo em edifícios de habitações multifamiliares em altura (Fernandes & Cannatà, 2003).

No início da década de 1970, as realizações do Movimento Moderno tinham sido largamente desacreditadas. No design de interiores estava a surgir um novo pluralismo, onde se reconheceu que o bom design já não podia ser medido por um único critério mutuamente aceite. Portanto, os interiores contemporâneos apresentam frequentemente uma mistura e combinações de padrões e cores muito diferentes entre si (Massey, 1996). Ser contemporâneo é estar vivo. Estar vivo é estar confortável, é estar bem, é estar sereno. No entanto, um dos problemas da cultura contemporânea está na tendência para que tudo se torne uma questão de entretenimento, e não de criação. No fundo, entretenimento é a palavra-chave da cultura contemporânea (Byrne, 2016).

Na sociedade americana dos anos 2000, dá-se um auge do consumismo em massa e um crescente desejo pelas novas tecnologias. Este tipo de sociedade tende a criar um colecionismo generalizado de objetos e, consequentemente, gastos excessivos. Muitas famílias da classe média americana concebem grandes suítes com *closets* espaçosos; no entanto, este acaba por ser o espaço menos utilizado da casa, tornando-se, assim, uma espécie de santuário. Os quartos de casal são vistos, então, como um refúgio e são tratados de forma particular, pois abrigam um significado psicológico positivo. Este espaço privado e, por vezes, luxuoso, simboliza um ideal

americano moderno de lazer, inspirado nos quartos de hotéis (Arnold, Graesch, Ragazzini & Ochs, 2017).

Atualmente, muitos estudos de investigação difundem a ideia de que estamos a viver uma grande mudança social na forma como entendemos a intimidade. As repercussões que as mudanças culturais e a evolução dos estilos de vida podem ter na utilização do espaço doméstico, e, especialmente, do quarto de dormir, são notadas em todo o mundo (Bernard, 1993). Roseneil e Budgeon (2004) citam Anthony Giddens, Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim, que referem a mudança na intimidade, e discutem como os significados e as práticas do amor e dos relacionamentos familiares estão a evoluir. Segundo eles, a individualização e a quebra das tradições estão a transformar a forma como vivemos e pensamos os relacionamentos.

“Construímos casas para acolher numa forma de intimidade uma porção de mundo - feita de coisas, pessoas, animais, plantas, atmosferas, eventos, imagens e recordações – que tornam possível a nossa felicidade.” (Emanuele Coccia, 2021, p. 6)

Durante a pandemia covid-19, iniciada em 2020, habitámos o nosso universo mais privado, revelando os espaços mais íntimos do nosso habitar e do nosso ser. O quarto de dormir tornou-se um espaço capaz de acolher múltiplas atividades, longe do ruído doméstico envolvente, revelando, assim, uma dimensão completamente diferente do que estávamos habituados. Desvendou-se como um local da casa muito relevante, tanto física como mentalmente, tendo sido explorado até ao máximo das suas potencialidades (Milano, 2022). Sendo assim, habitar durante uma pandemia mundial trouxe novos significados às nossas vidas e obrigou-nos a descobrir/recriar as nossas próprias identidades pessoais (Cardoso, 2022).

Vejo o confinamento como uma oportunidade de embarcar numa viagem ao interior mais íntimo, ao encontro de nós mesmos e a oportunidade de ver quem verdadeiramente somos, ao ponto de nada voltar a ser como foi até então. Tocar nas proximidades do verdadeiro “Ser” é uma experiência única, íntima entre a entidade e o “Sagrado” que “Há” em cada um de nós. (Cristina Valadas in Cardoso, Vita, Milano & Cruz, 2022, p. 23)

No fundo, o quarto de dormir é mais do que um espaço físico; é onde

encontramos conforto; é onde temos a liberdade para ser quem somos, a salvo do mundo e das opiniões de terceiros.



Fig. 7: “Padrão de Repetição”, Jessica Soffiati e Gian Luca Mazza
(*Dwelling in Transition*, 2022, p. 40).

Os imensos acontecimentos mundiais e culturais pelos quais passámos, tiveram um grande impacto na vida doméstica durante a última década, alterando, assim, a forma como as pessoas habitam a casa. Alguns desses eventos foram e são as alterações climáticas, as guerras, o custo de vida, a tecnologia, e, claro, a pandemia. O bem-estar emocional das famílias veio-se a alterar face a estes eventos, bem como as escolhas sobre como e onde viver; a necessidade de um santuário e de um refúgio ao exterior aumentou consideravelmente.

Com a retrospectiva acima sistematizada, percebemos, ao olharmos para a história ao longo dos tempos, que cada dependência da casa, ou o próprio conceito de casa, vai evoluindo conforme a história e conforme as sociedades e culturas. O grau de privacidade presente num espaço varia tanto na Antiguidade Clássica como nos tempos contemporâneos em que vivemos hoje em dia. A privacidade é uma experiência pessoal, considerada como um direito humano fundamental e universal (Nissinen, 2013). É a rampa de lançamento para a liberdade e para a auto expressão, pois desempenha um grande papel no conforto e no prazer de viver. No entanto, é uma parte crucial da vida à qual nem todos temos acesso; muitos de nós ainda lutam muito para a ter como garantida.

capítulo
03

DA TEORIA À PRÁTICA

Este capítulo final é dedicado à experiência adquirida em contexto de estágio, no gabinete AR Studio Architects, sob orientação do arquiteto Ricardo Russo, e com apoio do arquiteto Tiago Almeida.

3.1. Caraterização da empresa

O arquiteto Ricardo Russo, responsável pela constituição do escritório AR Studio Architects, estudou arquitetura na Universidade Lusíada do Porto, em 2002, tendo alguns professores que, para além de já serem bastante reconhecidos, trabalhavam com notáveis tendências e inspirações dos arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura.

Ainda antes de finalizar os seus estudos, deu início à vida profissional em conjunto com um amigo engenheiro, permitindo assim perceber a realidade processual dos projetos arquitetónicos, bem como compreender melhor a parte construtiva dos mesmos.

Já como arquiteto freelancer, fez o seu primeiro estágio no gabinete do arquiteto Florêncio da Costa (Oficina d'Arquitetura), no Porto. Após um ano, fundou o gabinete que tem hoje, intitulado de AR Studio Architects, sendo que os primeiros anos de projetos se centraram principalmente na cidade de Bordéus, em França. Esta atividade deu-se numa empresa de construção na área das fachadas, e, portanto, permitiu que Ricardo Russo ganhasse uma experiência bastante enriquecedora, podendo manter o sonho de continuar a fazer arquitetura.

Mesmo depois de uma fase de crise nesta área profissional, nos últimos anos o AR Studio teve a oportunidade de desenvolver alguns projetos que possibilitaram a aplicação de traços caraterísticos das diferentes experiências que o arquiteto citado foi adquirindo no decorrer do seu percurso.

O facto de manter relações com França ofereceu a oportunidade de o escritório poder participar em alguns projetos com uma escala diferente daquela a que estão acostumados no nosso país. No enquadramento local em que o AR Studio se situa, será difícil dizer que não passam em grande maioria por programas habitacionais unifamiliares, e esporadicamente, multifamiliares, mas mantêm sempre uma perspetiva de poderem alcançar

alguns projetos que obriguem a aceitar novos desafios, e que permitam alcançar novas escalas.

O gabinete AR Studio Architects compreende o mesmo método de trabalho que os restantes gabinetes de arquitetura, passando, primeiramente, por uma conversa inicial entre os clientes e os arquitetos, de modo a entenderem qual a visão que os clientes têm para o espaço em questão; de seguida, é feita uma análise ao espaço, realizando um estudo minucioso do local, tendo em conta as potencialidades do espaço; é, então, desenvolvido um projeto, conjugando as ideias dos clientes e a estética do gabinete; é feita uma apresentação da proposta do gabinete aos clientes, discutindo cada pormenor do projeto com os mesmos; após debate da proposta com os clientes, são feitas correções e aperfeiçoamentos; e, por fim, após a aprovação final da proposta, é iniciada a fase de execução do espaço.

3.2. Enquadramento do estágio curricular

O estágio curricular teve início em janeiro de 2024 e foi concluído em maio do mesmo ano. Foi levado a cabo no atelier de arquitetura AR Studio Architects, localizado em São João da Madeira, Aveiro.

Este atelier oferece um ambiente acolhedor e convidativo, sendo assim mais fácil a integração na equipa. A receção, por parte do co-orientador arquiteto Ricardo Russo, foi excelente e imediata. Desde cedo criaram-se boas relações entre colegas de trabalho, e, tendo em conta que a equipa é constituída por apenas três arquitetos, gerou-se um ambiente quase familiar.

Todos os projetos desenvolvidos no decorrer do estágio curricular passaram sempre por algumas correções e pela aprovação final do arquiteto Ricardo Russo. Deste modo, os projetos realizados correspondiam aos requisitos dos clientes e à estética do atelier.

Podemos afirmar que foram adquiridas novas aptidões em relação ao programa 3ds Max, utilizado para desenvolver os estudos e renders dos interiores das habitações; deu-se uma melhoria de competências a este nível, com o apoio do arquiteto Tiago Almeida. Para além destas novas

aprendizagens, também foram melhoradas as competências a nível do desenvolvimento de metodologias de conceção, idealização, planificação, projeção e execução de projetos de interiores, e a capacidade de criação de projetos que correspondessem aos objetivos definidos.

Os projetos realizados no decorrer deste estágio foram direcionados, essencialmente, para a reabilitação de interiores, design de interiores e decoração de espaços, em habitações unifamiliares e multifamiliares, tendo sido prestado apoio na definição de espaços interiores e na realização dos mesmos.

Este estágio curricular contribuiu para o estudo em questão, relativo à evolução de espaços interiores, com foco no quarto de dormir principal de uma habitação privada, no sentido em que foram elaborados projetos que consolidam a análise deste progresso desde o século XVIII, ou seja, desde o período do neoclassicismo e suas influências, até ao período contemporâneo em que nos encontramos. Um dos projetos que mais cooperou para o avanço do estudo aborda uma estética que remete para o estilo Art Déco. Os restantes trabalhos compreendem uma estética mais modernista e contemporânea, com linhas retas e elementos mais simplistas. Deste modo, é possível entendermos a grande e inegável evolução que os ambientes interiores sofreram ao longo do tempo, analisando o tipo de projetos que são feitos hoje em dia.

3.3. Projetos executados

PROJETO 01

Tipo de projeto: Reconstrução e Ampliação de Moradia Unifamiliar

Localização: São João da Madeira, Aveiro

Requerente: Família de três pessoas (casal com 1 filho)

A área objeto de estudo corresponde a um terreno com 1320m² onde se encontra edificada uma casa de habitação de rés do chão e 1º andar. Este edifício está inserido numa área categorizada como “Espaço urbano de baixa densidade”.

O edifício apresentava sinais de degradação evidentes e um programa desajustado para as ambições do requerente. Desta forma, a premissa deste projeto foi a reconstrução e ampliação desse mesmo edifício, de forma a que permita adequar-se às necessidades das vivências contemporâneas desta família. A proposta desenvolve-se a partir da “casca” – revestimento – da casa antiga, demolindo-se todo o interior e mantendo-se apenas as paredes exteriores em pedra. Assim, são criadas novas volumetrias que nascem a partir das paredes interiores do edifício original.



Fig. 8: Moradia antes de intervenção.

Esta habitação é composta por 4 volumes que se conectam a partir de uma pala, que é o principal elemento do projeto. A nível de interior destacam-se os espaços com ideologia de open-space, que permitem uma socialização constante, mesmo entre pisos, através de uma zona com pé-direito duplo. Do ponto de vista programático, este edifício trata-se de uma tipologia T3 com garagem e anexos exteriores. No que diz respeito aos materiais e acabamentos selecionados, a ideia seria dar uma imagem contemporânea ao projeto.

Inicialmente, foi-nos proposto trabalhar e melhorar algumas zonas interiores da casa, bem como algumas peças de mobiliário. No piso 0 - rés do chão -, ficámos encarregues de trabalhar os móveis do hall de entrada e da sala de estar. Sendo assim, e tendo em conta os materiais previamente definidos e a conformidade do espaço, estes móveis abrangem linhas retas e simplistas, ambos com nichos e espaços para arrumação. Na mesma linha de raciocínio, também foi desenhado o interior do espaço da sala de lazer. Esta é uma divisão da casa que podia servir vários propósitos, tais como escritório, sala de jogos, biblioteca, entre outros. Optámos por uma sala de lazer, compreendendo assim uma grande estante de livros, uma mesa de matreco sobre um tapete de um amarelo mostarda, um pequeno aparador para mais arrumação de livros e outros objetos, e um canto com um puff para descanso. Visto que se trata de uma sala de lazer, como a própria denominação indica, é um espaço alegre, relaxado e agradável. Era importante adicionar um toque de cor à paleta de cores sóbrias e industriais pré-definida pelo arquiteto. Ainda no piso 0, também trabalhámos a casa de banho de serviço. Esta casa de banho, tal como as restantes, já estava desenhada e já tinha o layout definido. É muito minimal, apenas com o essencial: sanita, lavatório e chuveiro. Esta casa de banho não tem mobiliário destinado a arrumação, pois é extremamente pequena, e na zona de entrada da habitação já existe um grande armário com o propósito de abrigar tudo o que for necessário.

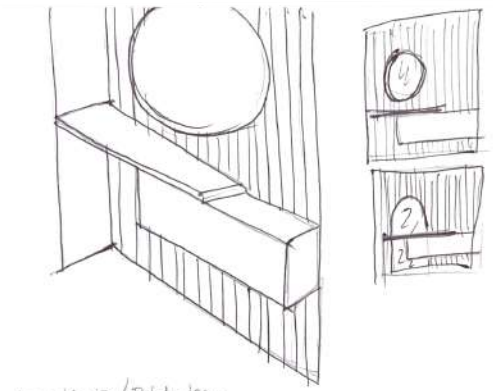
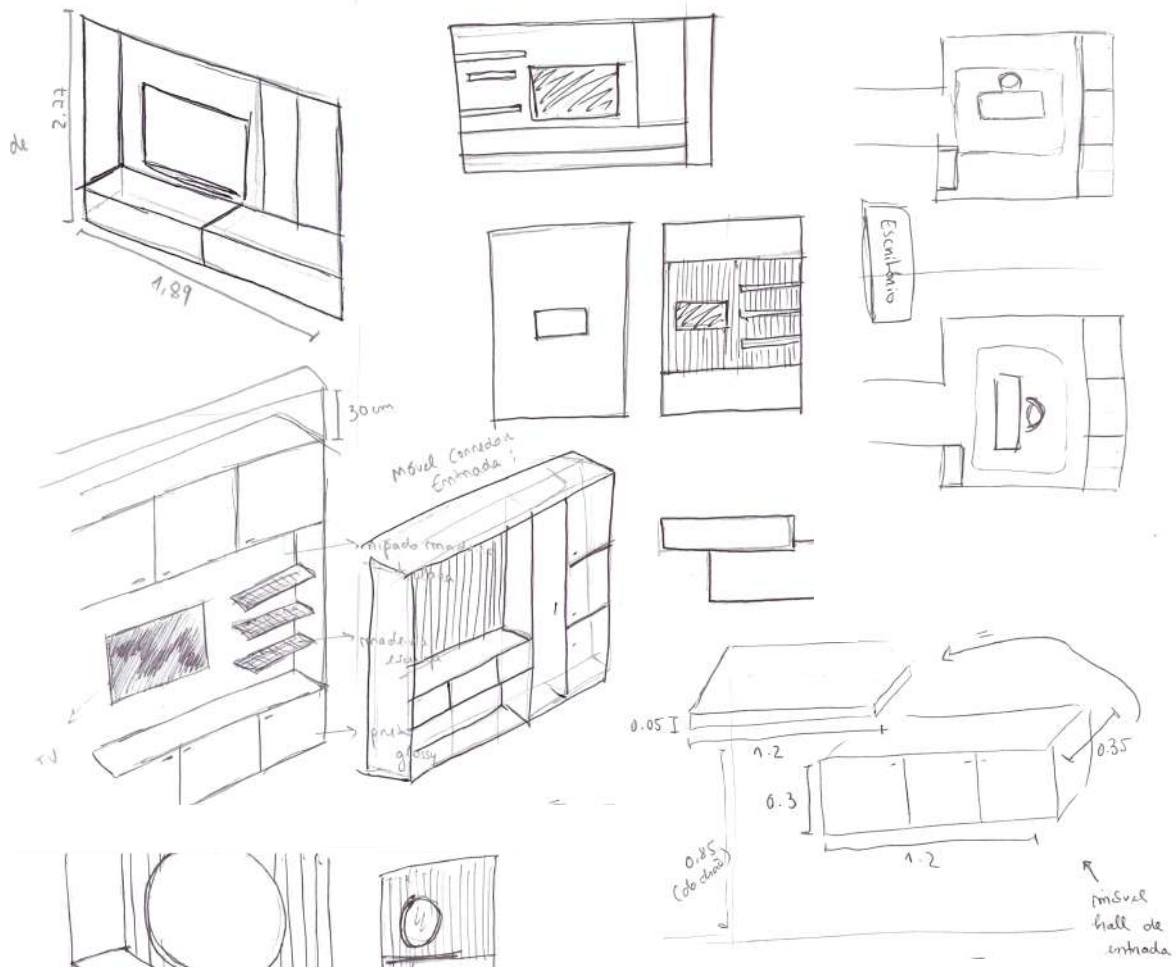
No piso superior foi-nos dada a tarefa de trabalhar um espaço sem qualquer propósito específico. Decidimos transformar esta zona num escritório, pelo facto de se localizar no piso dos quartos - uma área mais silenciosa e reservada, ideal para trabalhar com foco e sem distrações. Primeiramente, aproveitando o grande armário de pé direito total que os arquitetos haviam desenhado, apenas conciliamos com uma pequena secretária e uma cadeira, no centro do escritório. Seguidamente, após

discussão com o co-orientador e arquiteto, Ricardo, achámos que seria, de facto, mais eficiente desenhar uma grande estante e secretária que seguissem as linhas de uma parte do armário. Deste modo, foi projetada uma peça de mobiliário multifuncional, que traz mais ordem e harmonia ao espaço. Esta peça compreende o tampo da secretária – que faz frente com uma barreira de proteção de vidro, devido à zona de pé direito duplo –, cubículos para arrumação e prateleiras. De forma a contrastar com o armário simples e branco, esta peça multifuncional é em madeira de nogueira.

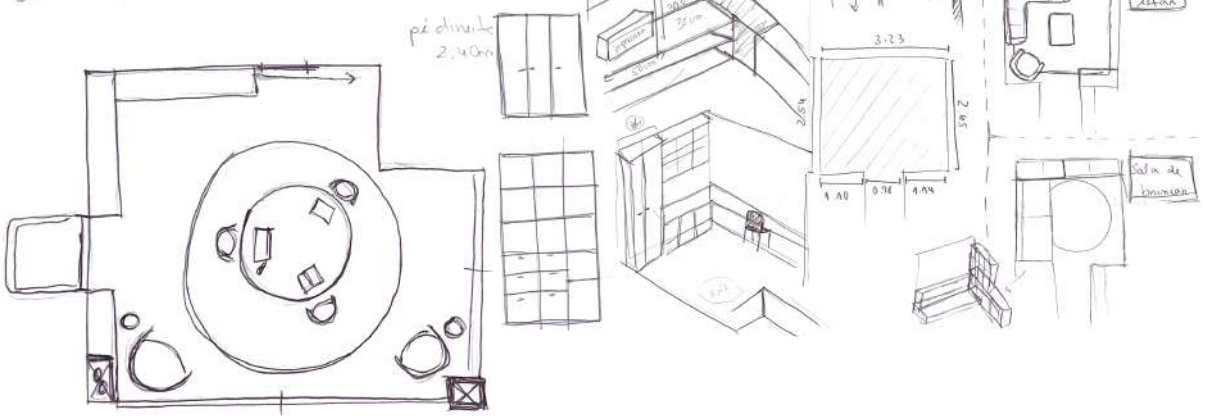
Neste piso, tal como no piso inferior, também trabalhámos ambas as casas de banho privativas dos dois quartos – o quarto do casal e o quarto do filho –; o layout já estava previamente definido. As superfícies das paredes, do pavimento e do teto deveriam ser revestidas num microcimento de tom areado, a pedido do cliente. No entanto, foi-nos dada liberdade para experienciar outros materiais e outras estereotomias de revestimentos na casa de banho do quarto do casal. Portanto, decidimos fazer o teste de revestir as paredes do chuveiro com uns azulejos retangulares em diversos tons de verde garrafa. Sendo assim, o chuveiro teria que ser em dourado, para dar um toque mais elegante e para se realçar mais.

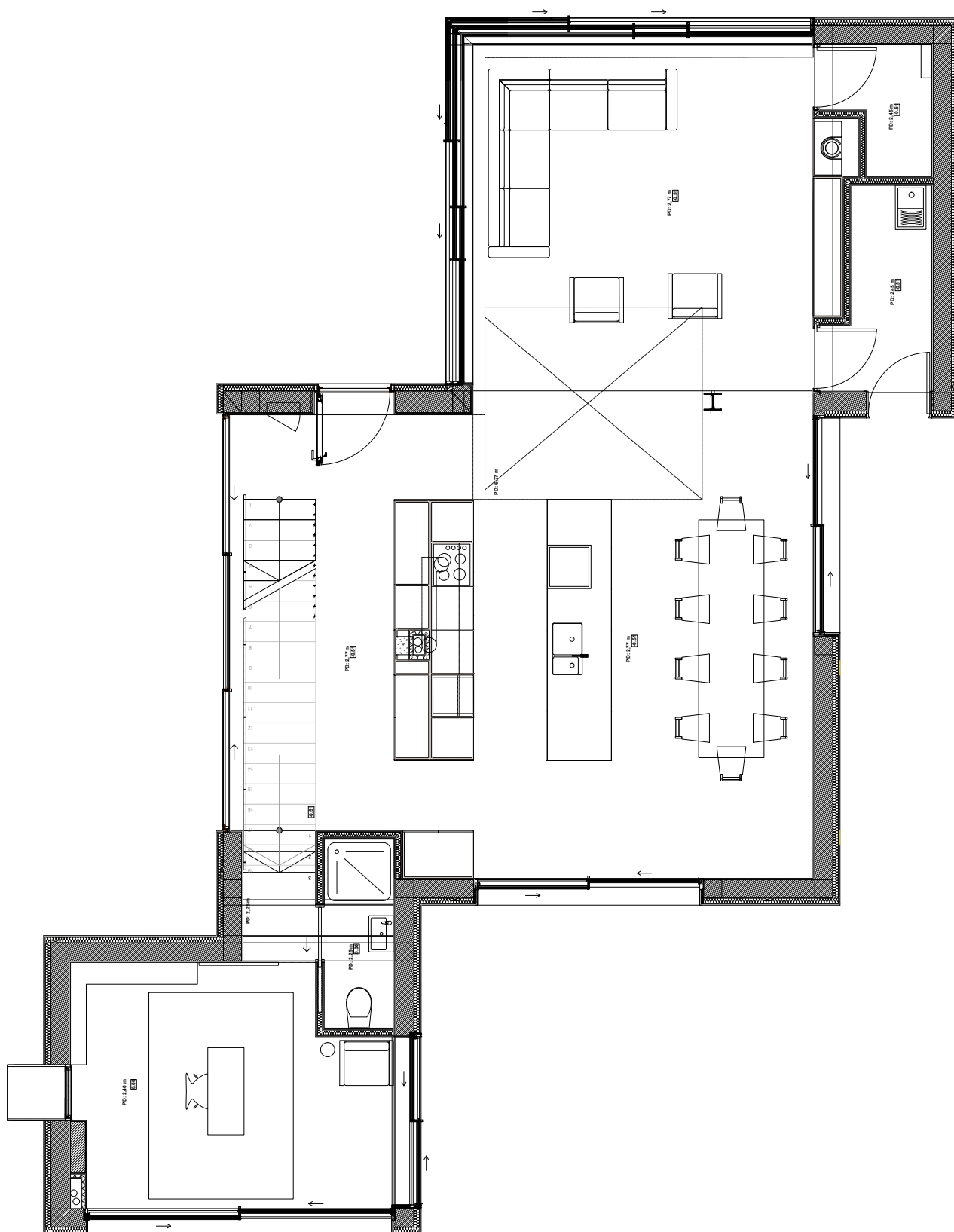
Os interiores desta habitação, como já foi mencionado anteriormente, já estavam definidos na sua maioria, incluindo os materiais, então, a partir daí, foi mais fácil decidir a estética dos espaços trabalhados. A paleta de cores aborda os pretos e brancos. A madeira de nogueira é predominante neste projeto, assim como o microcimento.

No decorrer deste projeto, as tarefas em questão passaram por esboços iniciais, nos quais foram estudadas as diversas possibilidades de desenho dos móveis indicados acima e da disposição de mobiliário e decoração nos espaços interiores. De seguida, foram feitos estudos em AutoCAD, de modo a obter uma perceção mais rigorosa dos espaços nos quais trabalhámos, e, por fim, esses mesmos estudos passaram para o 3Ds Max, onde foram realizados renders.

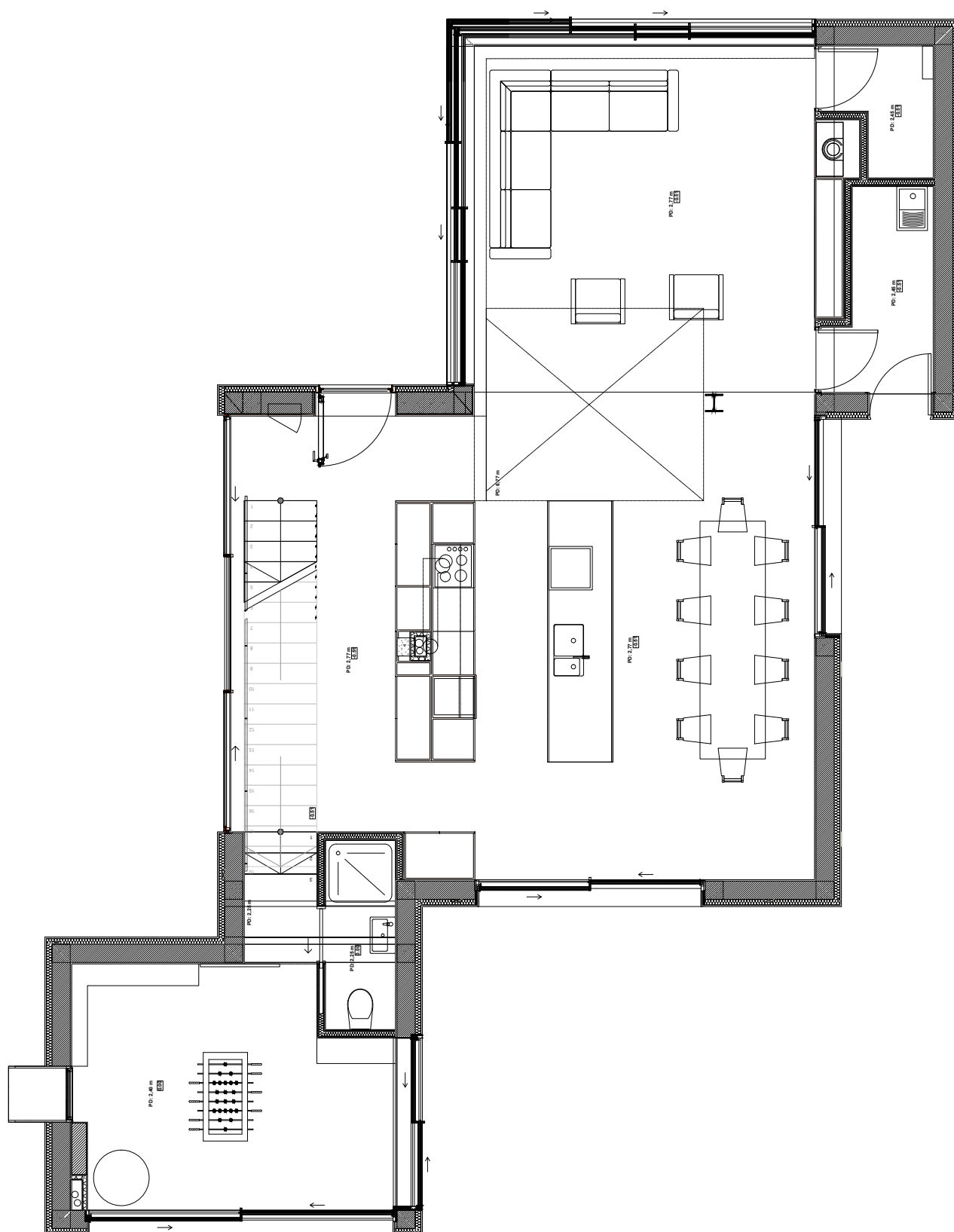


Escritorio/Biblioteca:

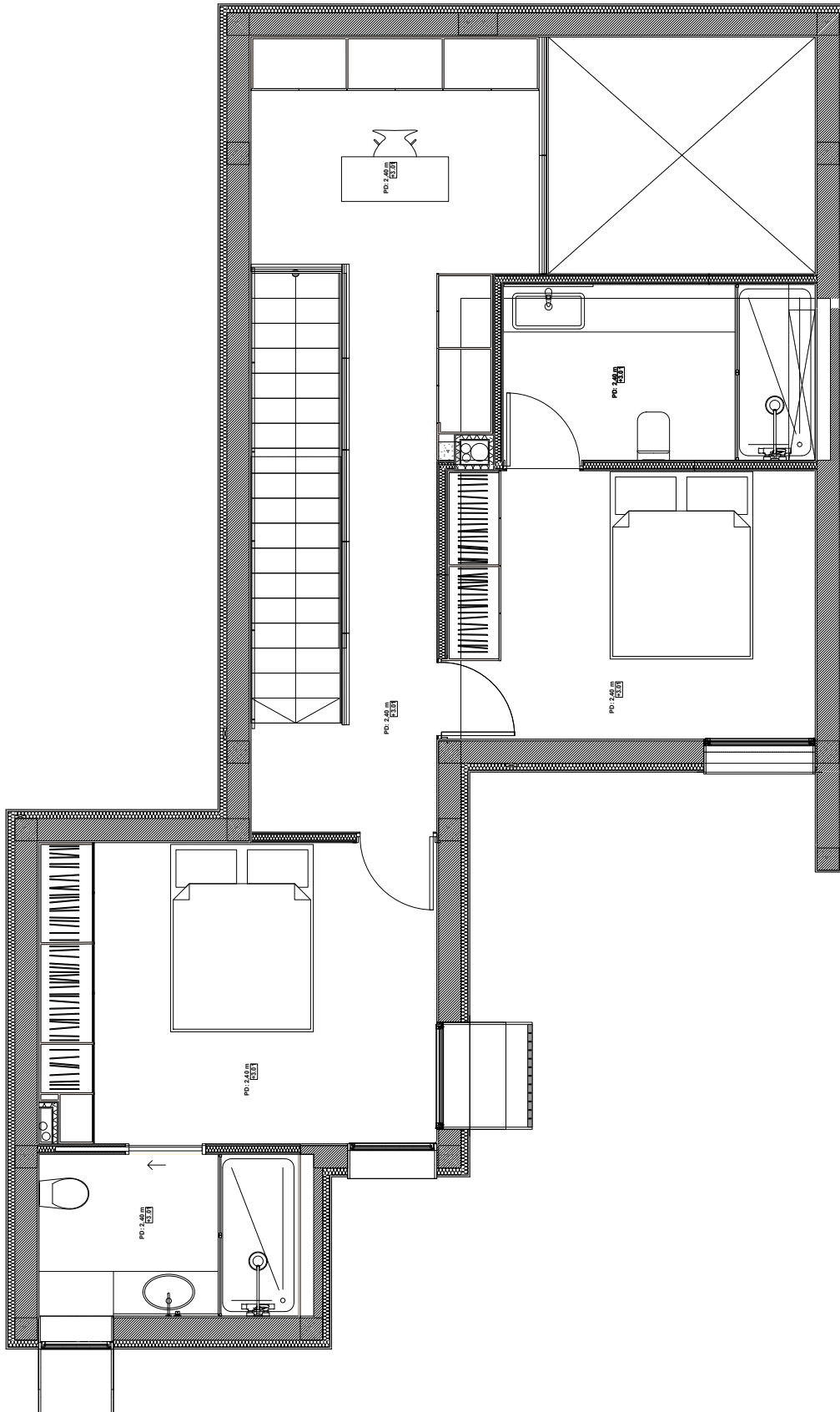




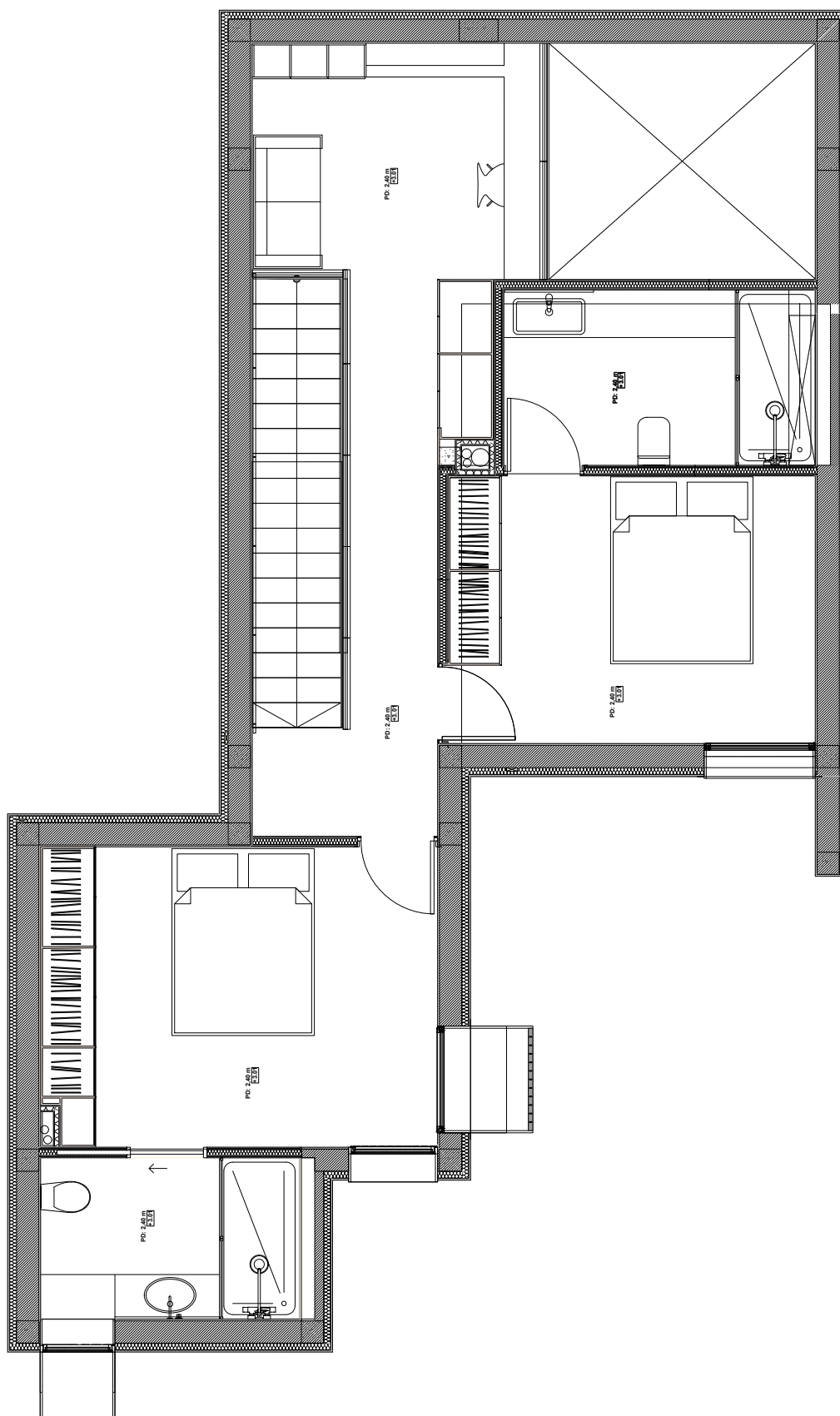
Planta piso 0 - proposta 1
Escala 1:100



Planta piso 0 - proposta 2 (proposta final)
Escala 1:100



Planta piso 1 - proposta 1
Escala 1:100



Planta piso 1 - proposta 2 (proposta final)
Escala 1:100



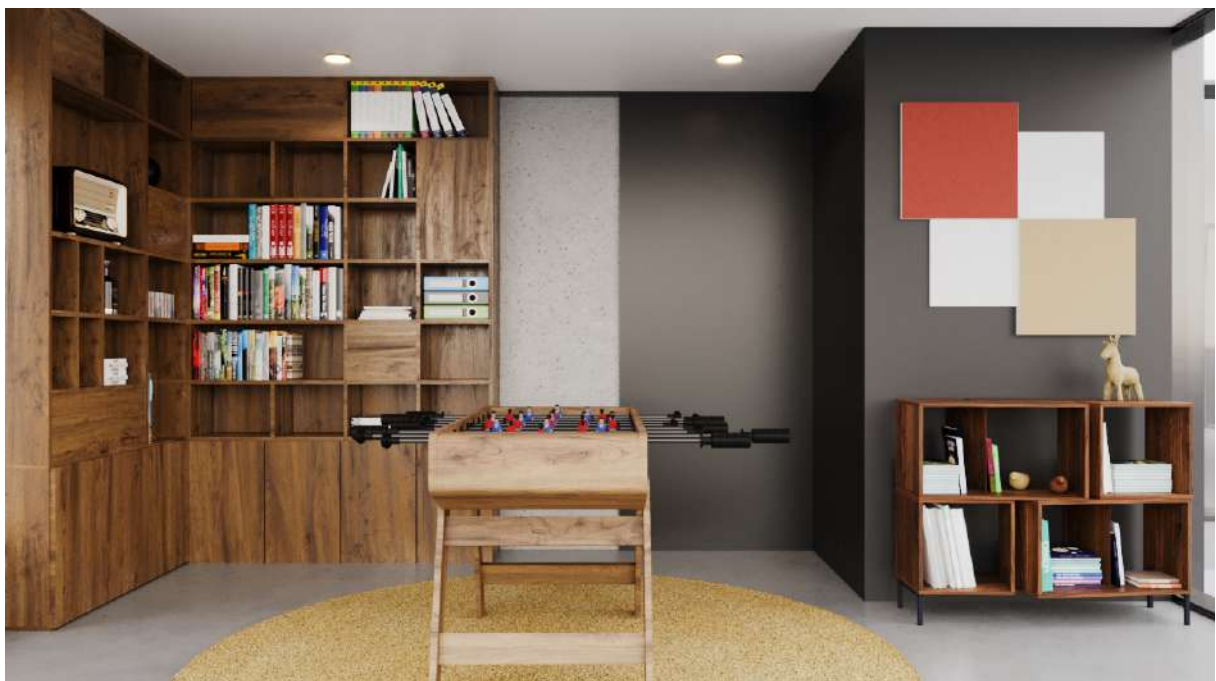
Render ilustrativo do móvel da entrada
piso 0



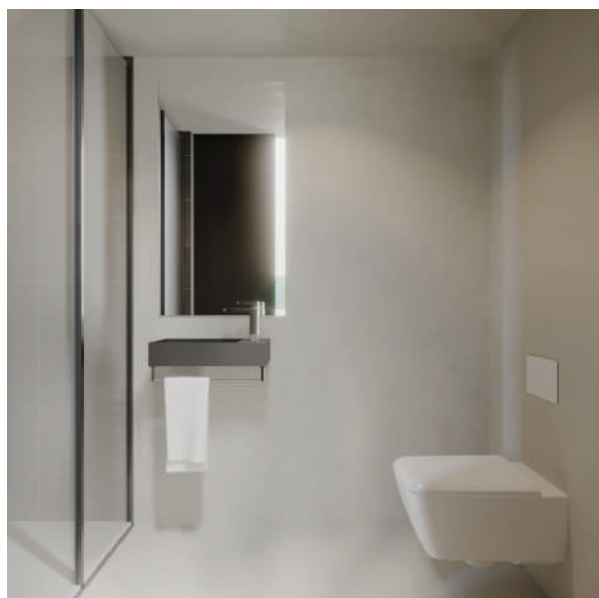
Renders ilustrativos do móvel da sala de estar
piso 0



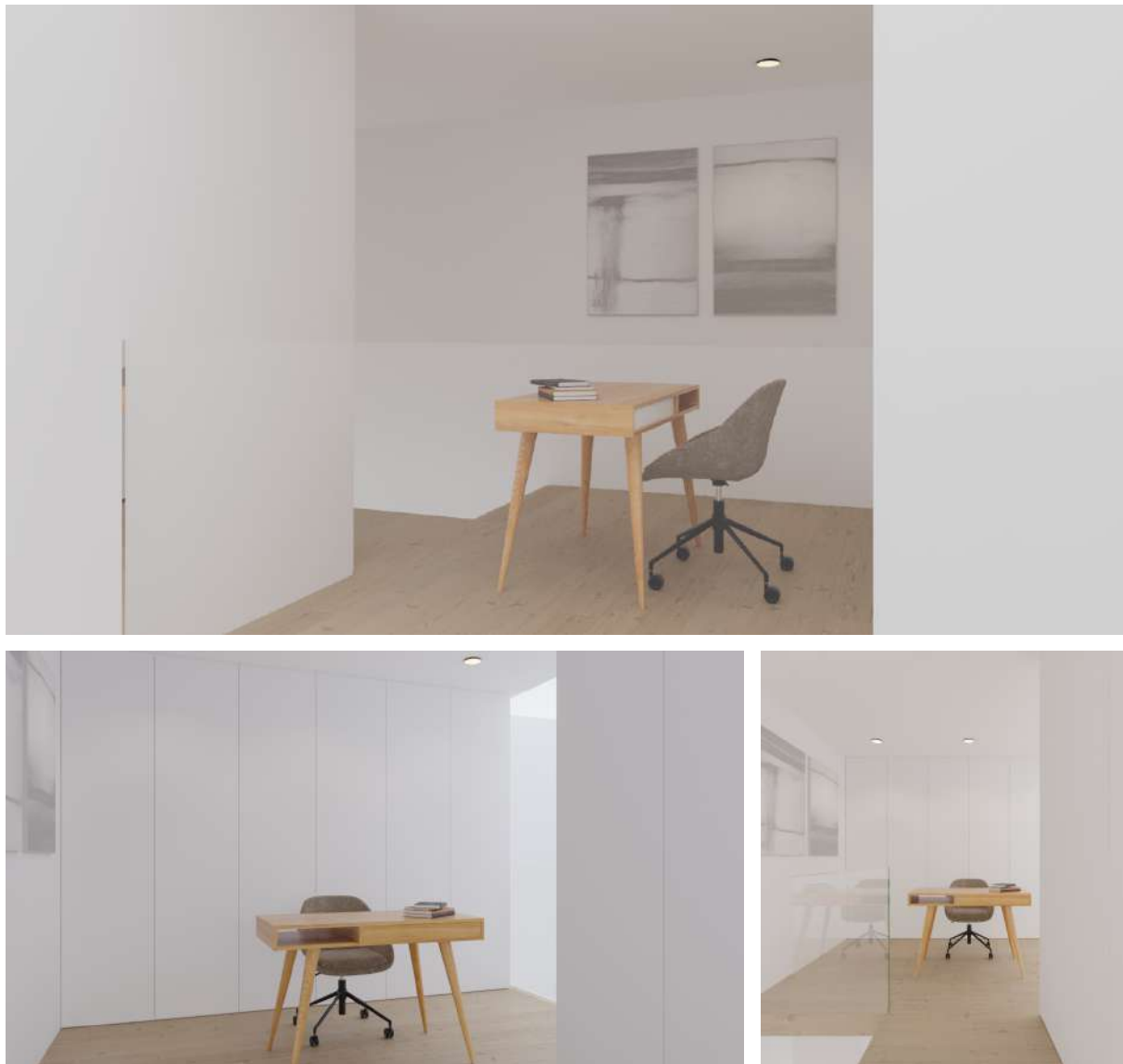
Renders ilustrativos da proposta 1 da sala de lazer - escritório
piso 0



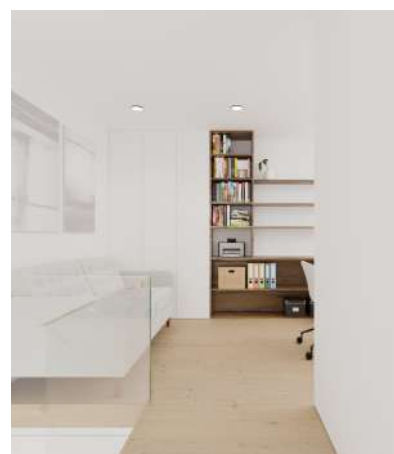
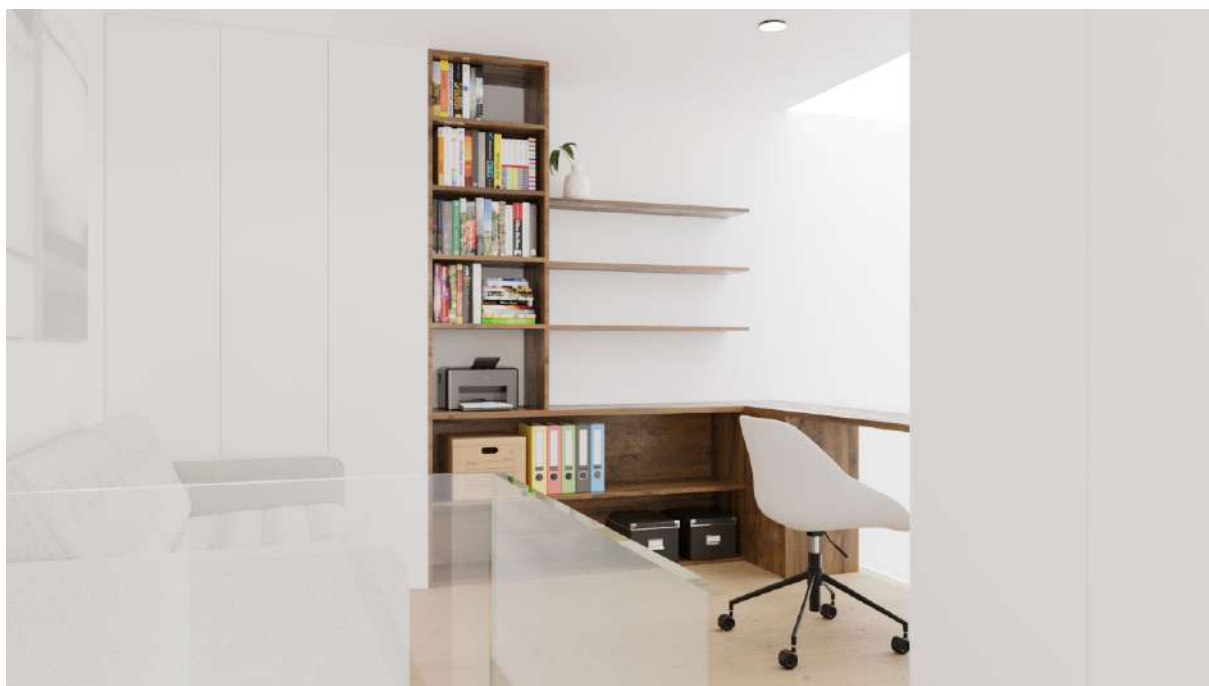
Rendersilustrativos da proposta 2 da sala de lazer - sala de jogos (proposta final)
piso 0



Renders ilustrativos da wc de serviço
piso 0



Renders ilustrativos da proposta 1 do escritório
piso 1



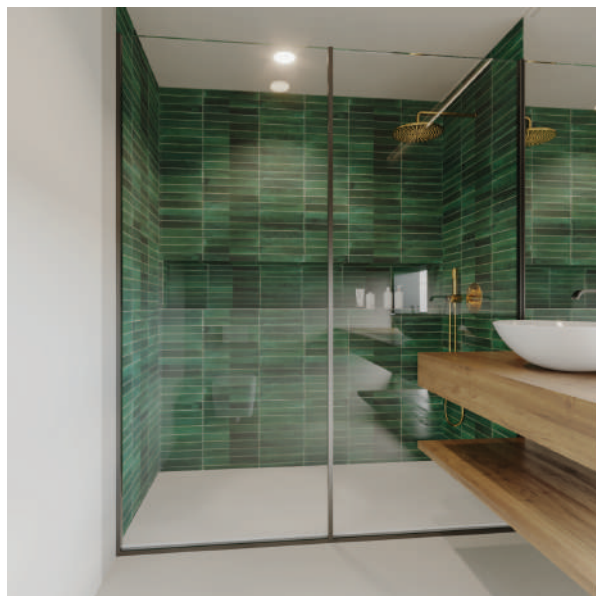
Renders ilustrativos da proposta 2 do escritório (proposta final)
piso 1



Renders ilustrativos da wc privativa - quarto do filho
piso 1



Renders ilustrativos da proposta 1 da wc privativa - quarto do casal
pisso 1



Renders ilustrativos da proposta 2 da wc privativa - quarto do casal
piso 1

PROJETO 02

Tipo de projeto: Remodelação de Interiores

Localização: Vale de Cambra, Aveiro

Requerente: Família de quatro pessoas (casal com 2 filhos)

A área objeto de estudo em questão corresponde a uma área interior com 215m², sendo que o projeto de remodelação de interiores aborda o piso do rés do chão e o piso superior.

Uma vez no interior da habitação, a partir do hall de entrada, é possível acedermos ao escritório à direita, e à sala de estar e de jantar à esquerda; esta está diretamente ligada à cozinha. Já no piso superior, temos acesso a 4 quartos e a uma casa de banho comum. Três destes quartos são suítes, um deles sendo o quarto do casal, ou seja, o quarto principal. O gabinete ainda tem estudos a decorrer para a hipótese de aproveitar um dos quartos e criar um closet para esta suíte principal. Os restantes dois quartos são destinados aos filhos do casal.



Fig. 9: Habitação antes de intervenção.

Neste projeto de remodelação de interiores, era importante conseguir criar uma envolvimento entre as peças de mobiliário e a decoração do espaço, de modo a haver uma coerência e harmonia, correspondente ao estilo Art Déco e ao pedido da cliente. O estilo Art Déco é um movimento estético do século XX, que ficou marcado pelo uso de formas geométricas, curvas aprimoradas, iluminação atmosférica, materiais de luxo – como mármore, veludo e latão –, acabamentos metálicos e cores fortes.

Primeiramente, foi-nos atribuída a tarefa de trabalhar a cozinha, a partir do layout já definido pelo atelier. Duas das solicitações da cliente para esta divisão da casa são o pavimento cerâmico em xadrez preto e branco, e a utilização de madeira de nogueira. Visto o gosto estético da cliente ser mais singular, remetendo para o estilo Art Déco, optámos por trazer muita cor a este projeto. Portanto, de forma a conjugar com o preto e branco do pavimento e com a madeira de nogueira, decidimos usar a cor verde azeitona nos armários da cozinha. Para além destes materiais, também foram utilizados mármore e ripado brancos.

A sala de estar e jantar, dividida por uma lareira e um pilar – mais tarde aproveitados para a criação de uma estante de requinte mais industrial –, remete para um estilo mais clássico e, ao mesmo tempo, moderno, autêntico e vibrante. Foram feitas várias experiências de layouts, alternando a zona da sala de estar pela zona da sala de jantar e vice-versa. Decidimos pintar as paredes e o teto de um cor-de-rosa muito subtil e acolhedor. De maneira a trazer algum contraste a este espaço, e mantendo os princípios da Art Déco, as cadeiras da mesa de jantar são num tom amarelo mostarda, e o sofá é revestido por um tecido de veludo verde esmeralda, muito elegante. A madeira de nogueira também tem um grande protagonismo neste espaço, nomeadamente no pavimento, na mesa de jantar e no aparador suspenso de apoio à sala de jantar. São utilizados alguns elementos de carácter mais luxuoso, em tons de dourado, como por exemplo espelhos, contribuindo, assim, para a ornamentação deste compartimento da casa.

Já no piso superior, trabalhámos a suíte do casal e os dois quartos dos filhos. A suíte foi, sem dúvida, o maior desafio deste projeto, pois é o cómodo que melhor representa o gosto e o carácter único da cliente; é o universo mais próprio e íntimo do casal. Este quarto deveria corresponder às expectativas da cliente e, possivelmente, superá-las. Sendo assim, tendo por

base o layout previamente decidido pelo atelier, foram decididos os tons para a paleta de cores deste espaço (tendo em consideração as imagens de referência da cliente) e, a partir daí, foram iniciados os estudos e as propostas em 3D.

O layout da suíte compreende a cama de casal, uma zona destinada ao embelezamento da cliente – um toucador –, um roupeiro, um móvel aparador de apoio à televisão, e uma cristaleira para dispor elementos de decoração, sapatos, chapéus ou malas. O tom escolhido para as paredes e para o teto é um verde esmeralda mais escuro, trazendo ao quarto uma dimensão particular e agradável. Decidimos colocar um papel de parede na cabeceira da cama, que remete à natureza. Inicialmente, numa das propostas teste, o papel de parede selecionado era de um padrão de William Morris – mais floral. No entanto, após debate com os colegas do atelier, resolvemos alterar, então, para um papel de parede mais natural.

Tal como na sala de estar e jantar, era necessário trazer algum contraste de cores ao quarto. Portanto, optámos por um jogo de cama em tons de laranja, o banco aos pés da cama em tom de amarelo mostarda, o banco do toucador em tom de violeta, e o móvel aparador em cor-de-rosa ténue. Todas estas cores, em contraste com o verde esmeralda, acabam por ganhar um certo protagonismo neste espaço. Para contribuir ainda mais para a singularidade desta suíte, foram adicionados alguns elementos mais luxuosos, oriundos do estilo Art Déco, como elementos tubulares em latão e candeeiros dourados.

Diríamos que este é um quarto deveras feminino, de carácter sedutor e algo misterioso, capaz de oferecer uma sensação de conforto e intimidade ao casal.

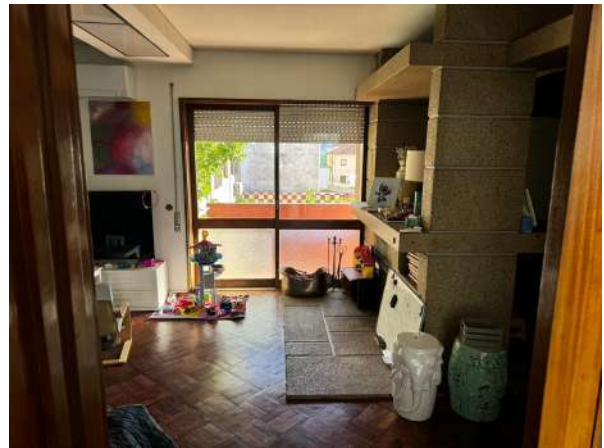
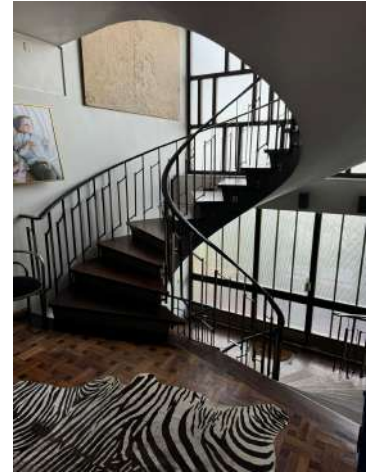
Ainda na suíte, trabalhamos a zona de quarto de banho, que engloba a zona molhada – chuveiro –, a zona da sanita, dois lavatórios, uma banheira e armários para arrumação diversa. Para este espaço, decidimos trazer algum luxo, característico do estilo Art Déco. Logo, por cima da banheira de estilo vintage, num tom laranja vibrante, encontra-se um lustre dourado. Este, encontra-se sob um elemento decorativo de teto: uma mandala colorida – elemento inspirado pela imagem de referência que a cliente nos proporcionou como ponto de partida.

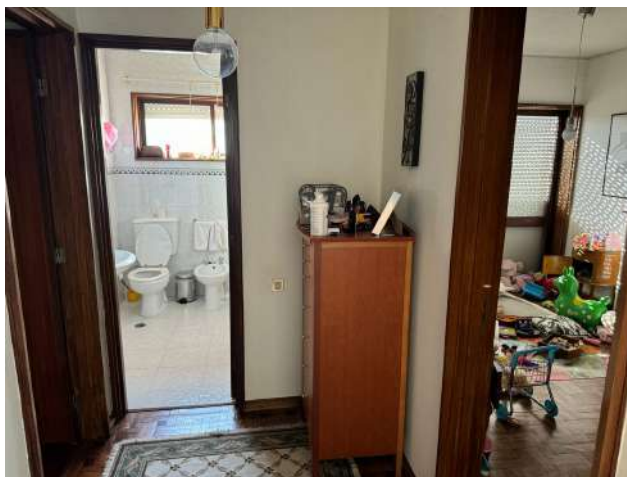
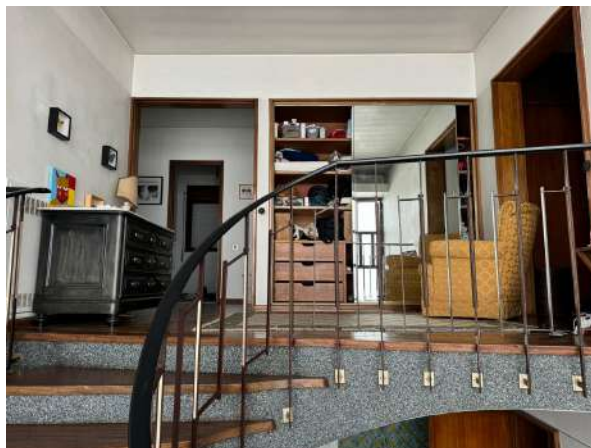
A cor das paredes, teto e armários da casa de banho é o mesmo tom da imagem de referência que a cliente nos deu, seguindo à risca a sua inspiração, não nos afastando muito do seu gosto particular. Para os lavatórios duplos, no centro do quarto de banho, optámos por utilizar madeira de carvalho num tom mais quente para as gavetas, e revestimos o topo deste móvel com uma placa de terrazzo da coleção M5 da “Mosaic Factory” num tom terracota; o restante móvel é revestido a mármore de tom bege. Cada pia do lavatório tem o próprio espelho suspenso, envolvidos por elementos metálicos dourados. As paredes das zonas do chuveiro e da sanita são revestidas por azulejos cerâmicos de tom cor-de-rosa claro.

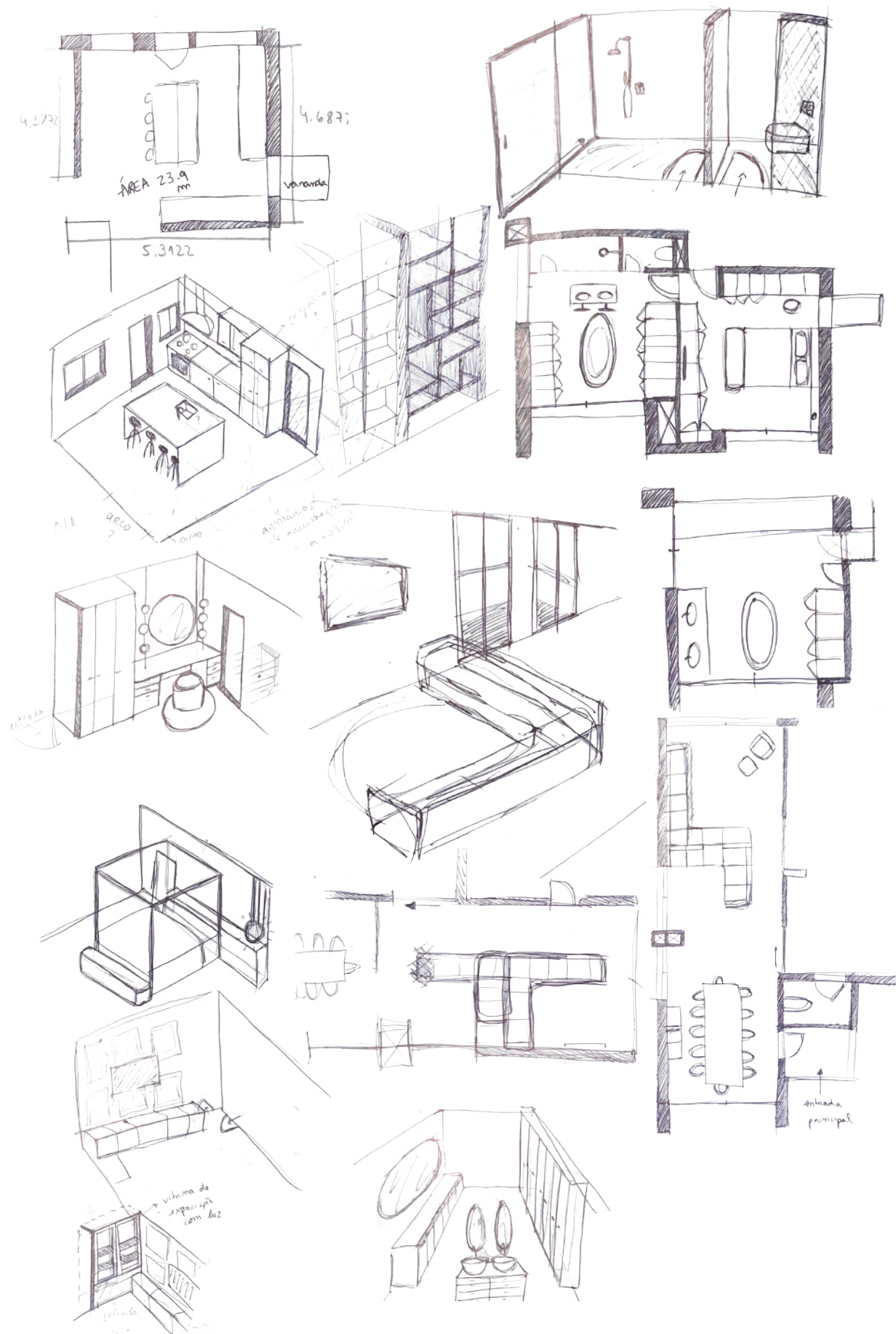
Partindo para os quartos dos filhos, foi-nos requerido que mantivéssemos uma decoração mais sóbria, ainda dentro do estilo Art Déco, mas adequada a crianças, dando espaço a eventuais futuros brinquedos e elementos decorativos mais infantis. Então, trabalhamos um quarto para menina e um quarto para menino. Para o quarto da menina, foram empregues tons rosa, e para o quarto do menino, tons azuis. Os papeis de parede são elementos fulcrais para estes quartos, pois são alusivos ao estilo artístico em questão e, também, aos gostos mais infantis, prolongando-se até à adolescência e, talvez, até mais tarde. No que diz respeito ao mobiliário utilizado em ambos os quartos, não se trata de nada muito elaborado, fazendo jus à sobriedade solicitada para estes espaços.

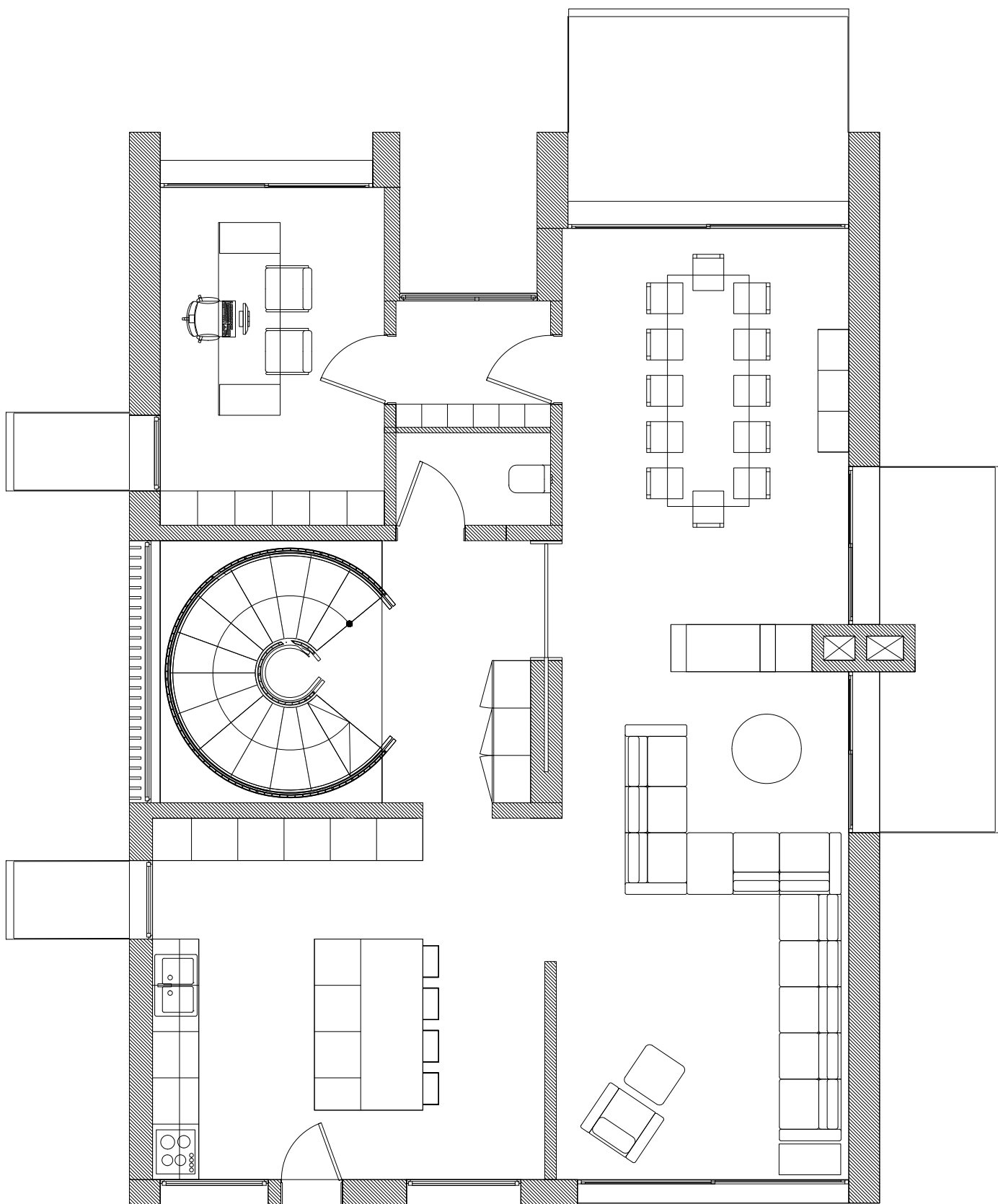
Fig. 10 a 25:

Fotografias do interior da moradia
antes de intervenção.

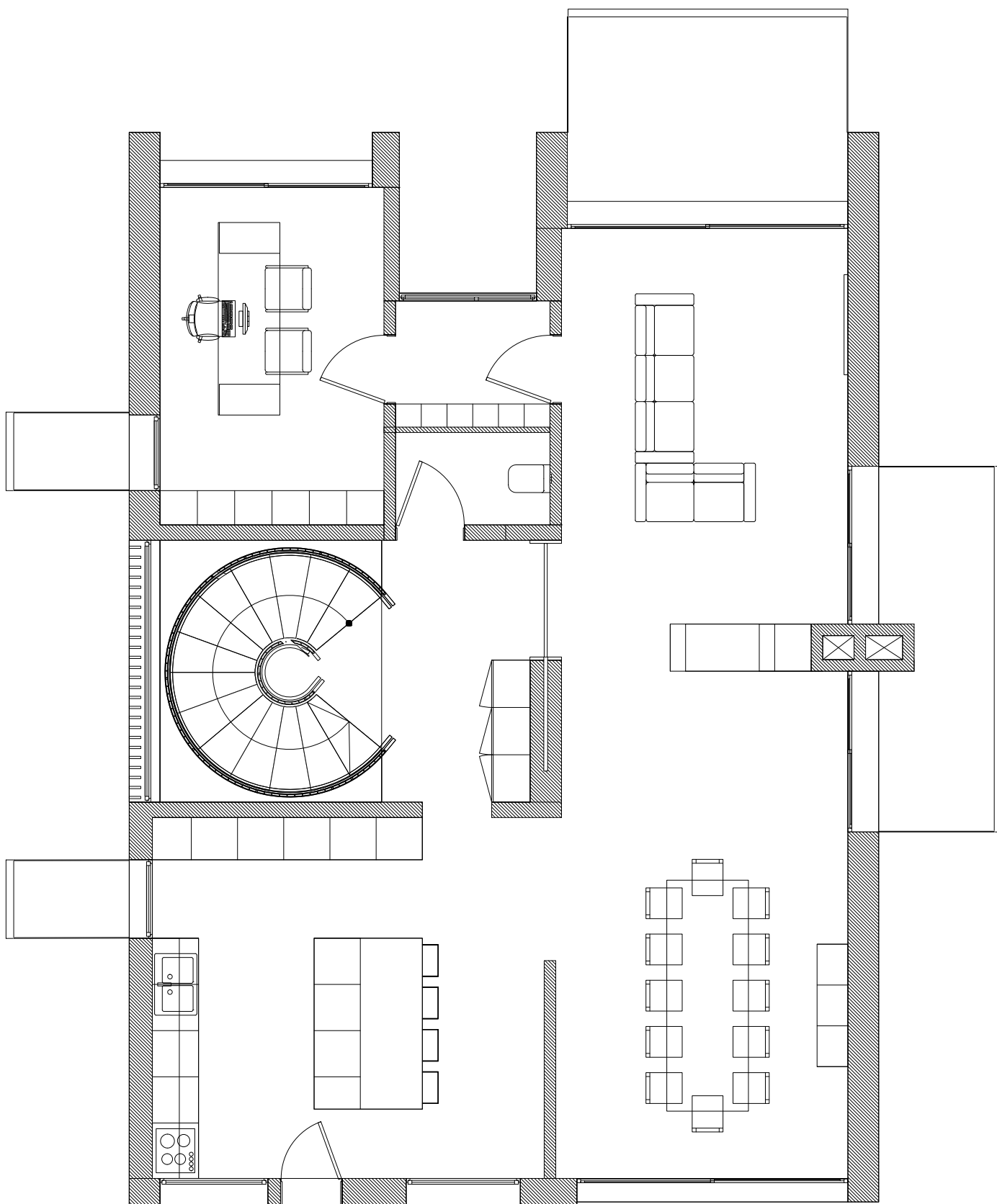




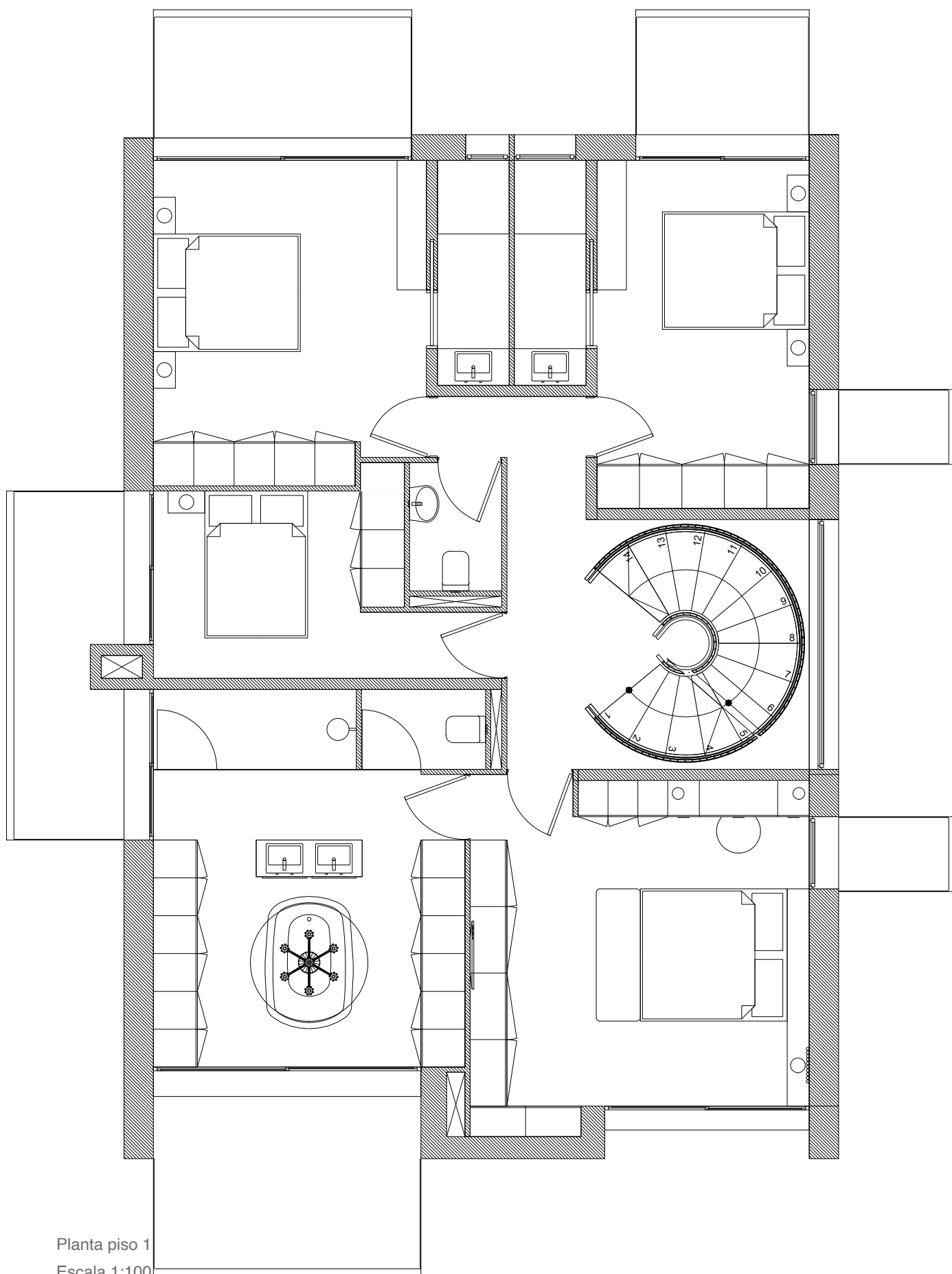




Planta piso 0 - proposta 1
Escala 1:100



Planta piso 0 - proposta 2
Escala 1:100



Planta piso 1
Escala 1:100



Renders ilustrativos da cozinha
piso 0



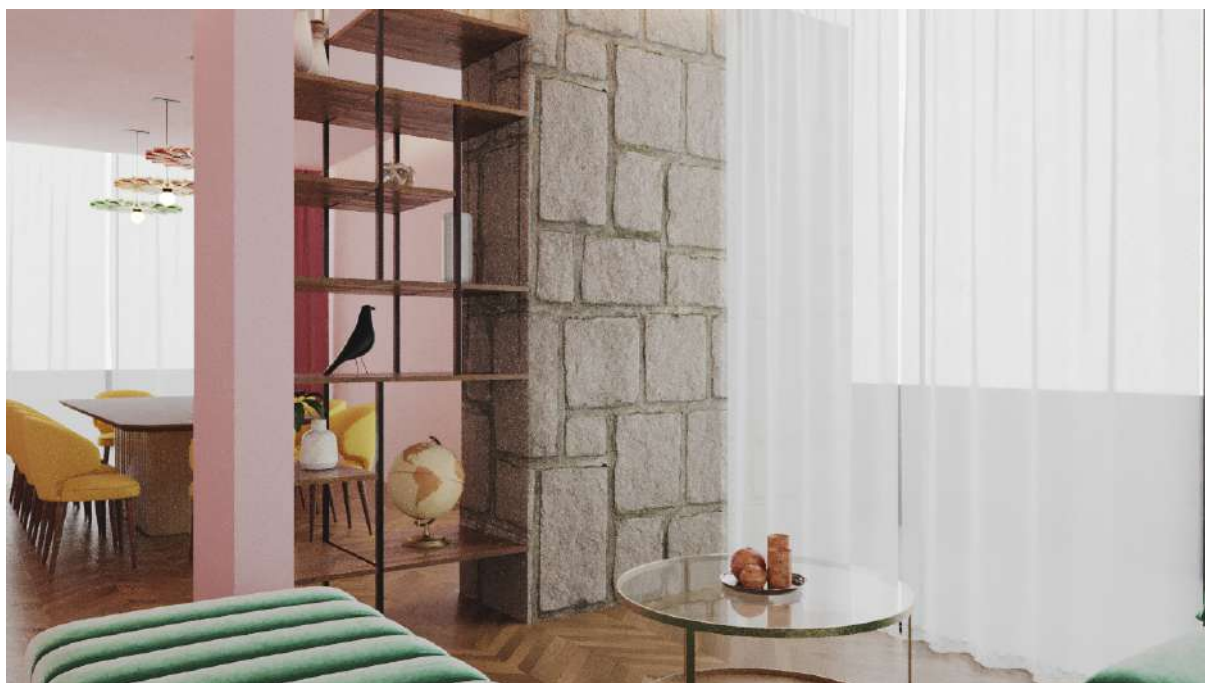
Render ilustrativo da cozinha
piso 0



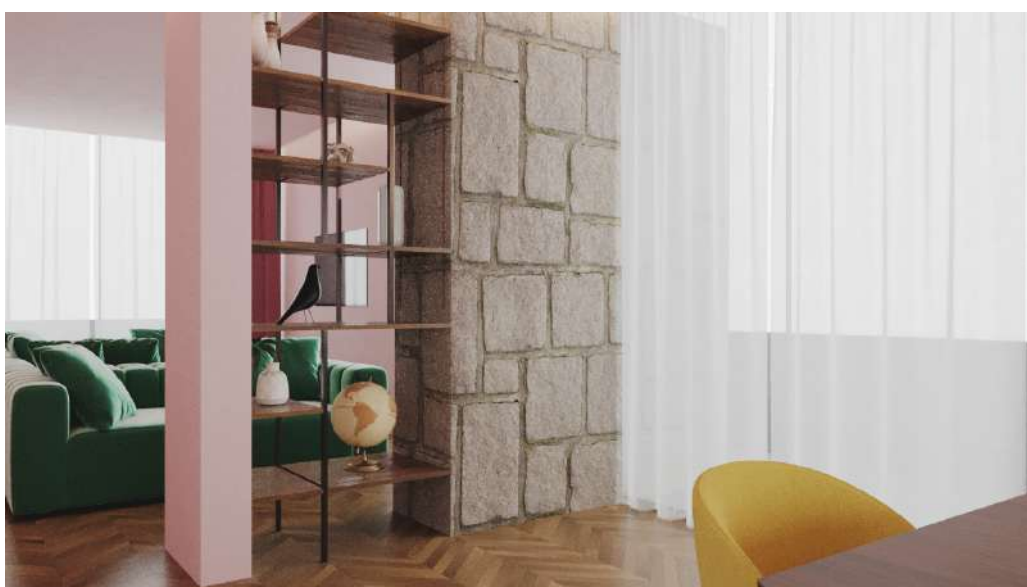
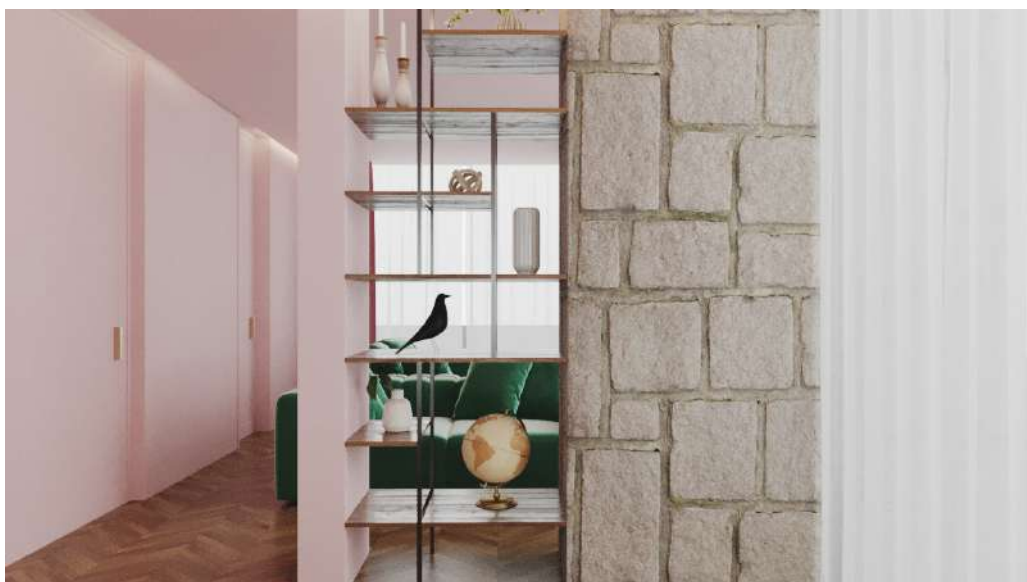
Renders ilustrativos da sala de estar - proposta 1
piso 0



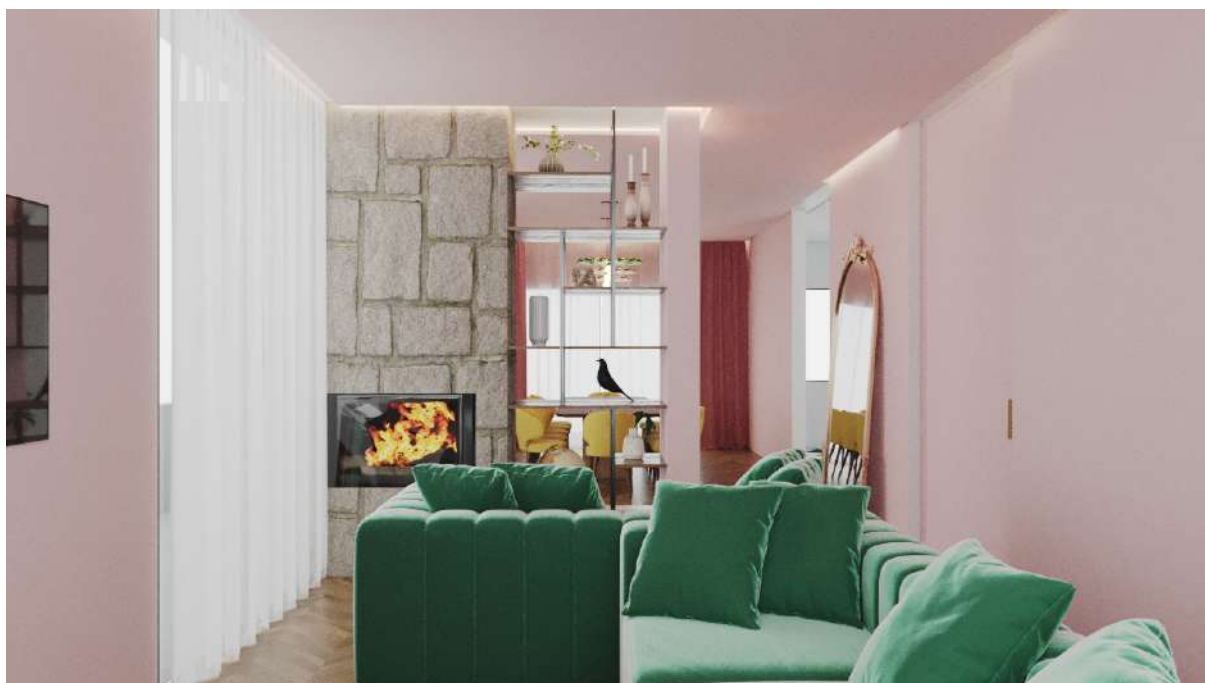
Renders ilustrativos da sala de estar - proposta 1
piso 0



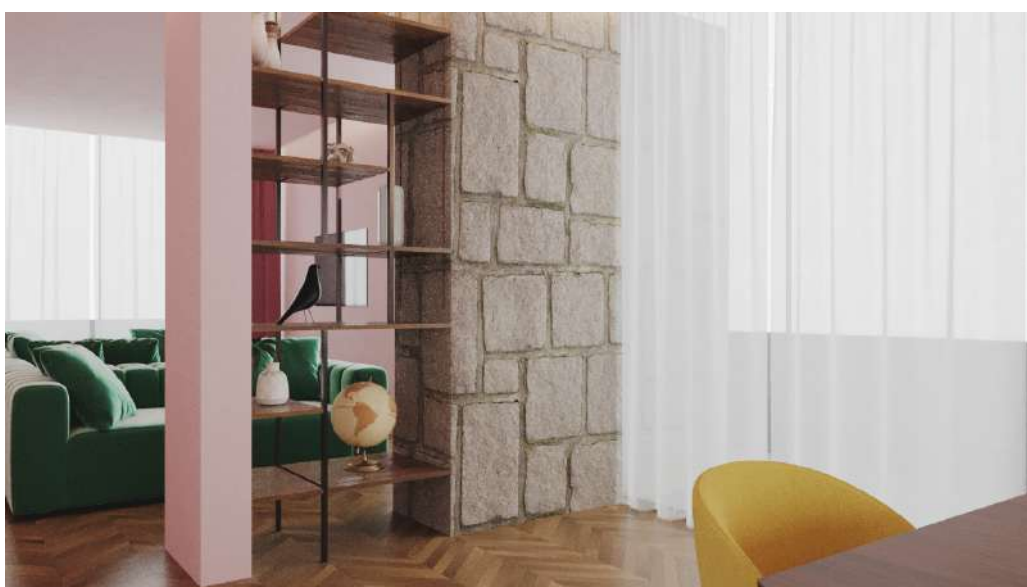
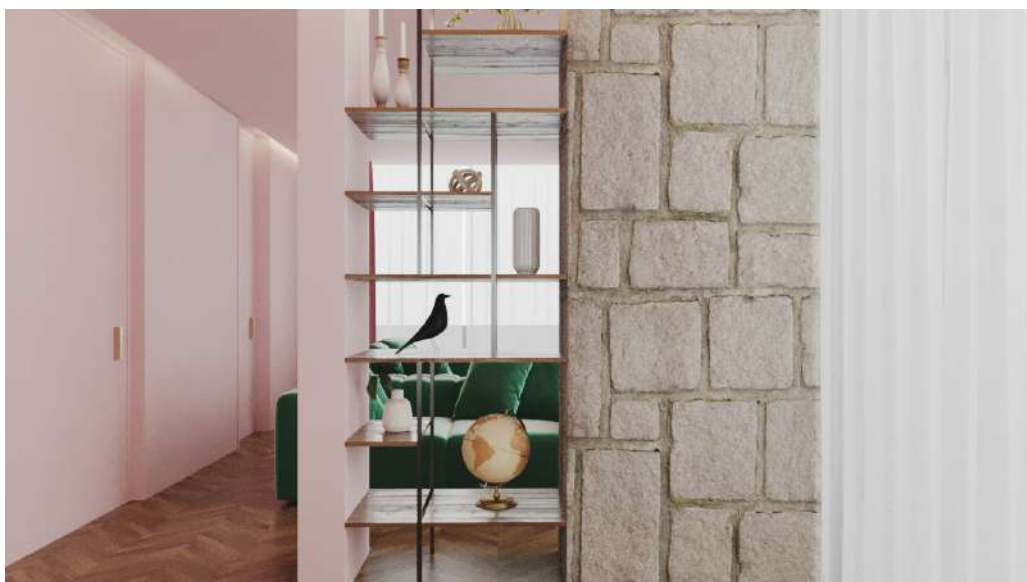
Render ilustrativo da sala de estar - proposta 1
piso 0



Renders ilustrativos da sala de jantar - proposta 1
piso 0



Renders ilustrativos da sala de estar - proposta 2
piso 0



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar - proposta 2
piso 0



Renders ilustrativos da sala de jantar - proposta 2
versão 1 - parede do espelho totalmente rosa
piso 0



Renders ilustrativos da sala de jantar - proposta 2
versão 2 - parede do espelho totalmente rosa, com dois focos de luz
pisso 0



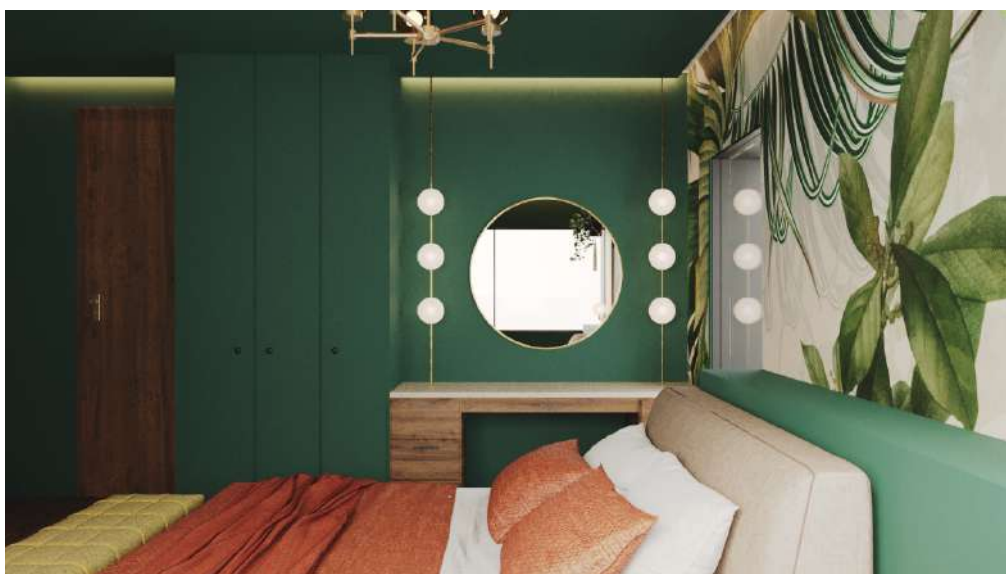
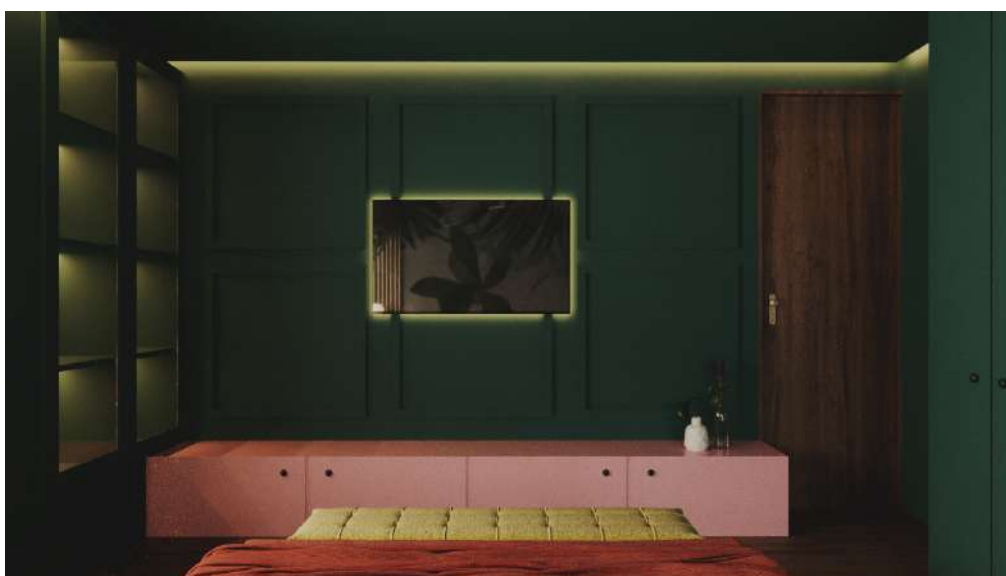
Renders ilustrativos da sala de jantar - proposta 2
 versão 3 - parede do espelho branca, com os frisos decorativos em rosa
 piso 0



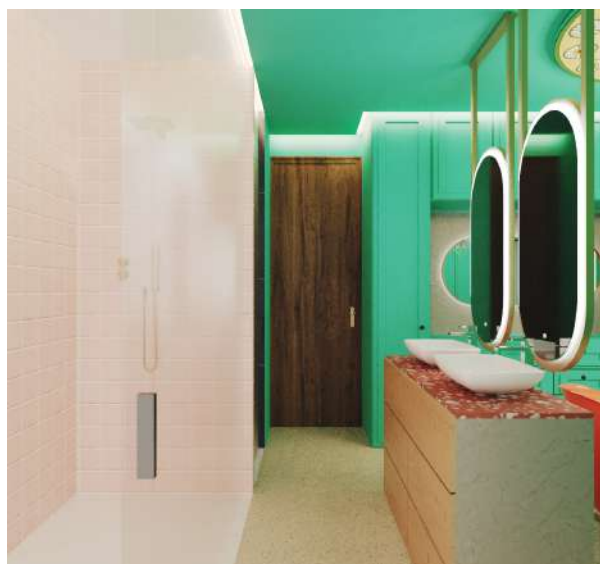
Renders ilustrativos da sala de jantar - proposta 2
versão 4 - parede do espelho branca, com os frisos decorativos em rosa e com dois focos de luz
piso 0



Renders ilustrativos da suíte do casal
versão 1 - com estrutura de madeira para dossel
piso 0



Renders ilustrativos da suíte do casal
versão 2 - sem estrutura de madeira para dossel
piso 0



Renders ilustrativos da wc da suíte do casal
piso 1



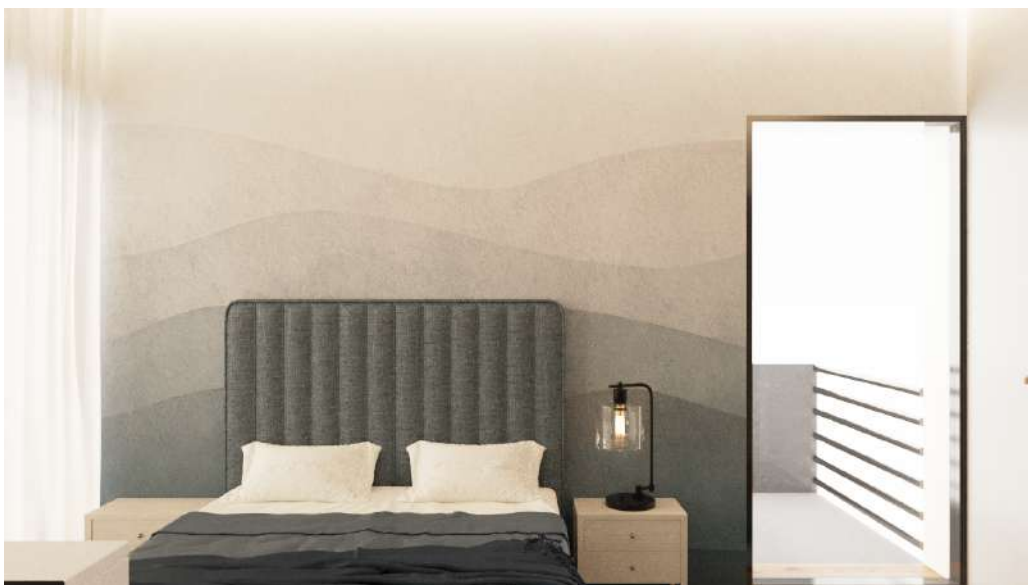
Renders ilustrativos da wc da suíte do casal
 piso 1



Renders ilustrativos do quarto da filha
piso 1



Renders ilustrativos do quarto da filha
piso 1



Renders ilustrativos do quarto do filho
piso 1



Renders ilustrativos do quarto do filho
pisso 1

PROJETO 03

Tipo de projeto: Construção de Edifício Multifamiliar

Localização: São João da Madeira, Aveiro

Requerente: Empresa (habitação para aluguer)

A área objeto de estudo em questão corresponde a um terreno com 311m², sendo que o imóvel em questão está inserido numa área categorizada como “Espaço urbano de baixa densidade”. O pedido para esta área surge a cargo do proprietário do terreno, e refere-se ao projeto de arquitetura de construção de edifício multifamiliar, tratando-se de duas casas geminadas. A tipologia T2 definida para cada uma das habitações organiza-se em reflexo uma da outra.



Fig. 26: Estudo da fachada do edifício multifamiliar.

Uma vez no interior de cada casa, a partir do hall de entrada, é possível acedermos à cozinha e aos espaços de jantar e de estar – com uma ideologia de open-space –, à wc de serviço ou à escadaria, que nos levará até ao piso superior, onde se localizam dois quartos e uma wc comum. No que diz respeito aos materiais de acabamentos interiores, os pavimentos das instalações sanitárias são revestidos a cerâmico, e os restantes espaços são revestidos em pavimento de madeira flutuante. As paredes e tetos são em pladur e estuque pintado de branco.

Estas habitações foram requeridas com o propósito de alugar a outrem, portanto o estilo de decoração deveria corresponder a um estilo “low cost” – de baixo custo –, ou seja, mantendo um ambiente simplista, com pouca ornamentação, e, fundamentalmente, com mobiliário económico. No entanto, era essencial humanizar os espaços, trazendo elementos que têm como objetivo proporcionar conforto aos indivíduos que residam nesta habitação.

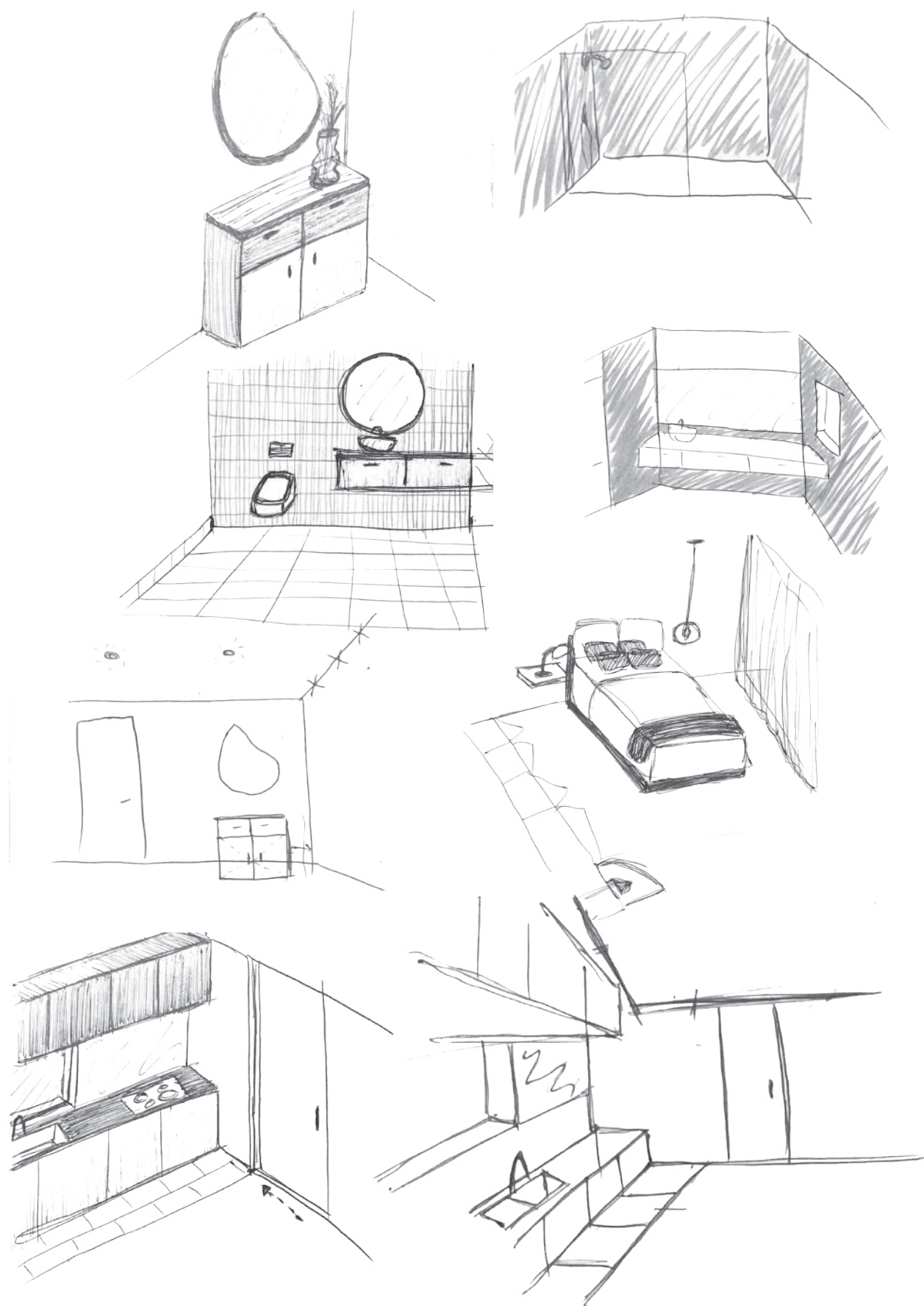
A cozinha aborda linhas muito retas e simplistas, com um estilo de mobília modernista. Dá-se um contraste de materiais nos armários e na banca da cozinha: são utilizados armários laminados, feitos a partir de painéis de aglomerado ou MDF, pintados em tons de branco e cinzento brilhantes. A banca é uma placa de mármore branco, que tem continuidade na parede, até à janela. Foi disposto um espelho no seguimento da janela, de modo a dar mais profundidade ao espaço e um toque mais moderno e elegante. Também foi acrescentado um pavimento cerâmico branco na zona da cozinha, de forma a tornar ainda mais evidente a distinção entre a zona da cozinha e a zona da sala.

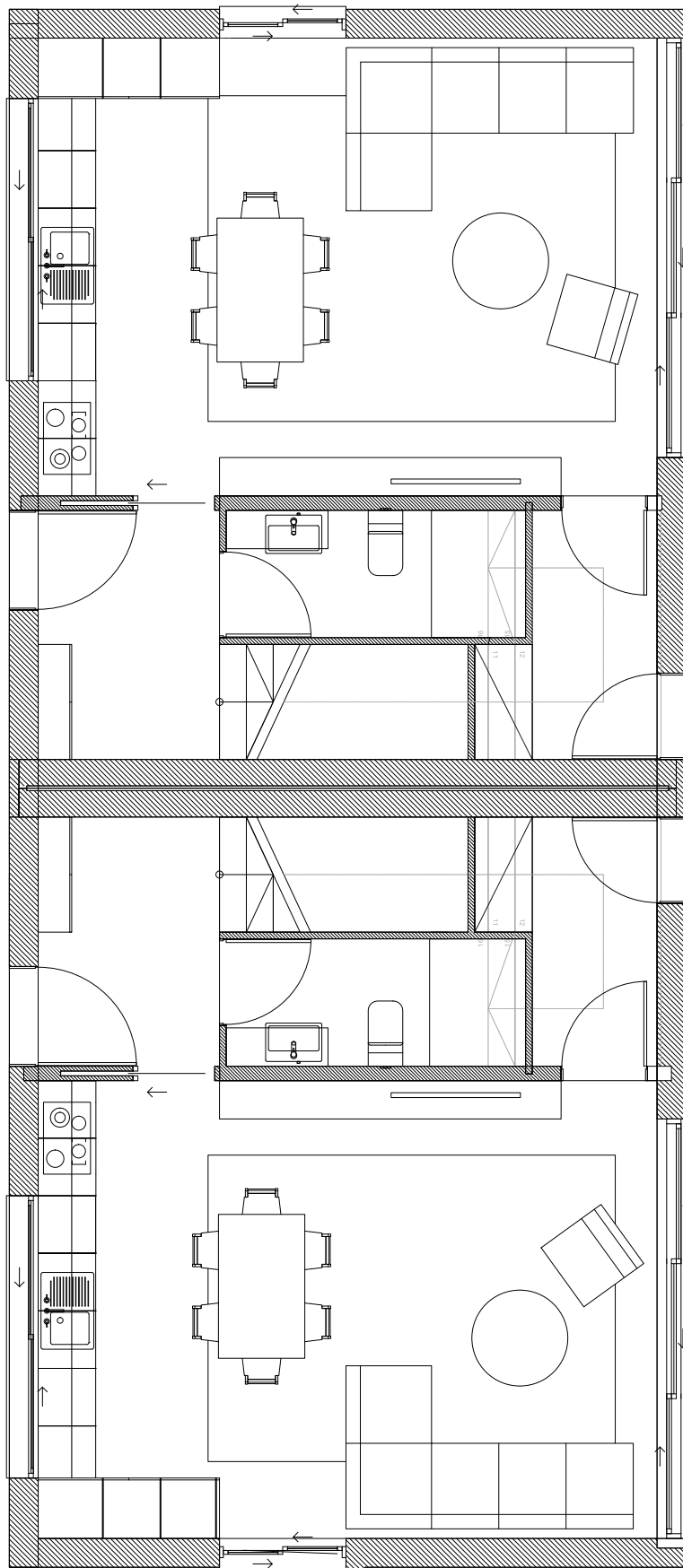
A sala de estar aborda uma estética muito simples, utilizando muito o branco e o bege, então era essencial criar algum contraste, portanto o aparador da televisão é no mesmo material e tom dos armários superiores da cozinha. Assim, também há uma certa coerência e uniformidade no espaço.

A casa de banho de serviço já tem uma abordagem um pouco diferente da restante casa, pois a parede do lavatório é revestida por um painel de azulejos cerâmicos, orientados verticalmente, num tom verde escuro. O mesmo se passa na casa de banho do piso superior, partilhada entre os dois quartos, mas, neste caso, os azulejos cerâmicos são num tom

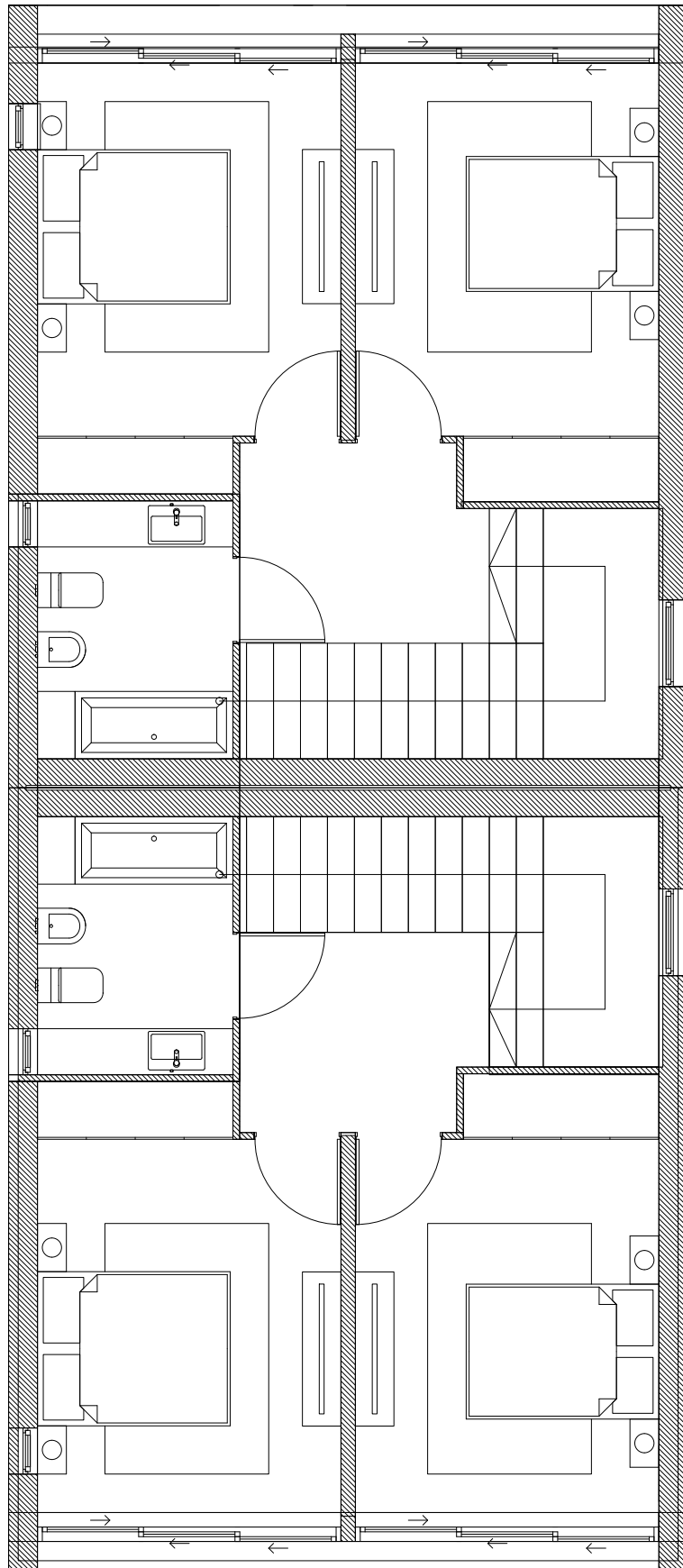
azul bebê e encontram-se dispostos em todas as paredes da casa de banho.

No que diz respeito à decoração de ambos os quartos, foi feita de modo exatamente igual, pois estes não são quartos destinados especificamente a um casal e respetivos filhos, por exemplo. Tendo em conta que este é um projeto destinado a aluguer, mantivemos um estilo decorativo que se adequasse a qualquer indivíduo, de qualquer idade e gostos, portanto os tons neutros seriam a melhor aposta. Foram criados painéis para as televisões, dispostas nas paredes em frente às camas, e foram utilizados ripados em madeira de carvalho e um elemento em lacado branco para suportar as televisões.





Planta piso 0
Escala 1:100



Planta piso 1
Escala 1:100



Renders ilustrativos da cozinha
piso 0



Renders ilustrativos da cozinha
piso 0



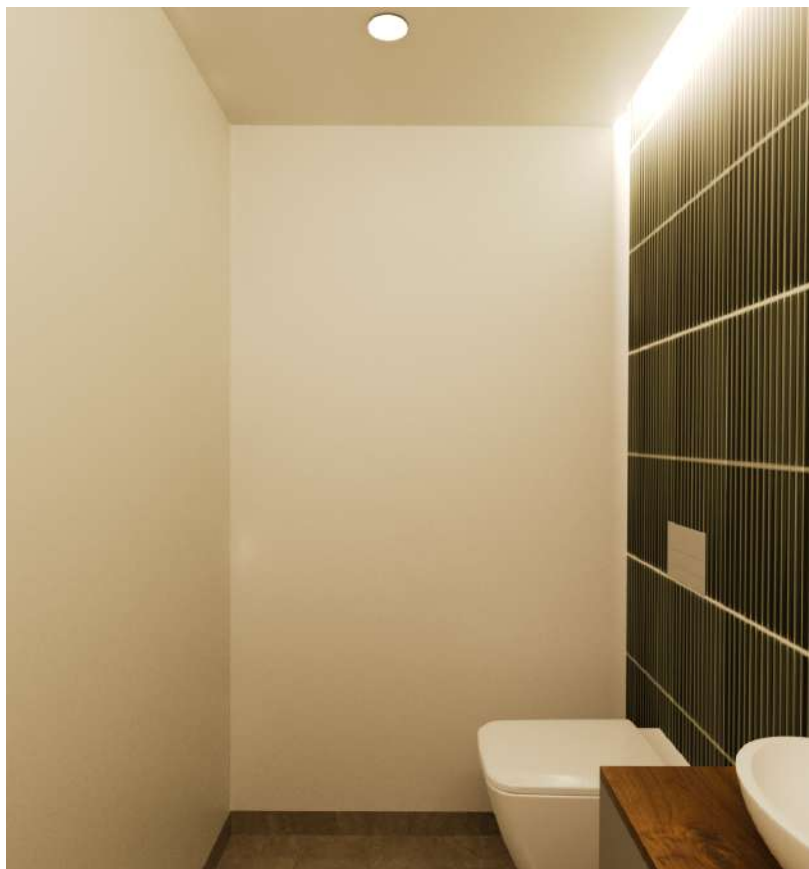
Renders ilustrativos da sala de estar
piso 0



Renders ilustrativos da sala de estar
piso 0



Renders ilustrativos do hall de entrada e da escadaria
(iso 0)



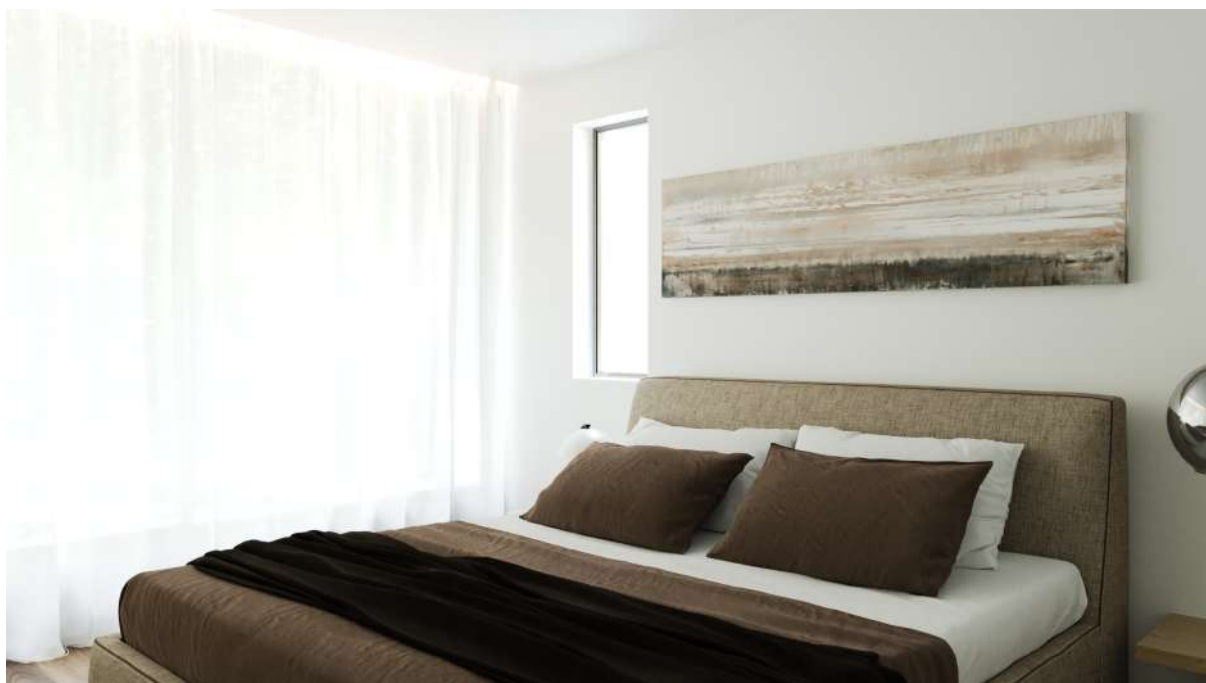
Renders ilustrativos da wc de serviço
piso 0



Renders ilustrativos do hall dos quartos e da wc comum
piso 1



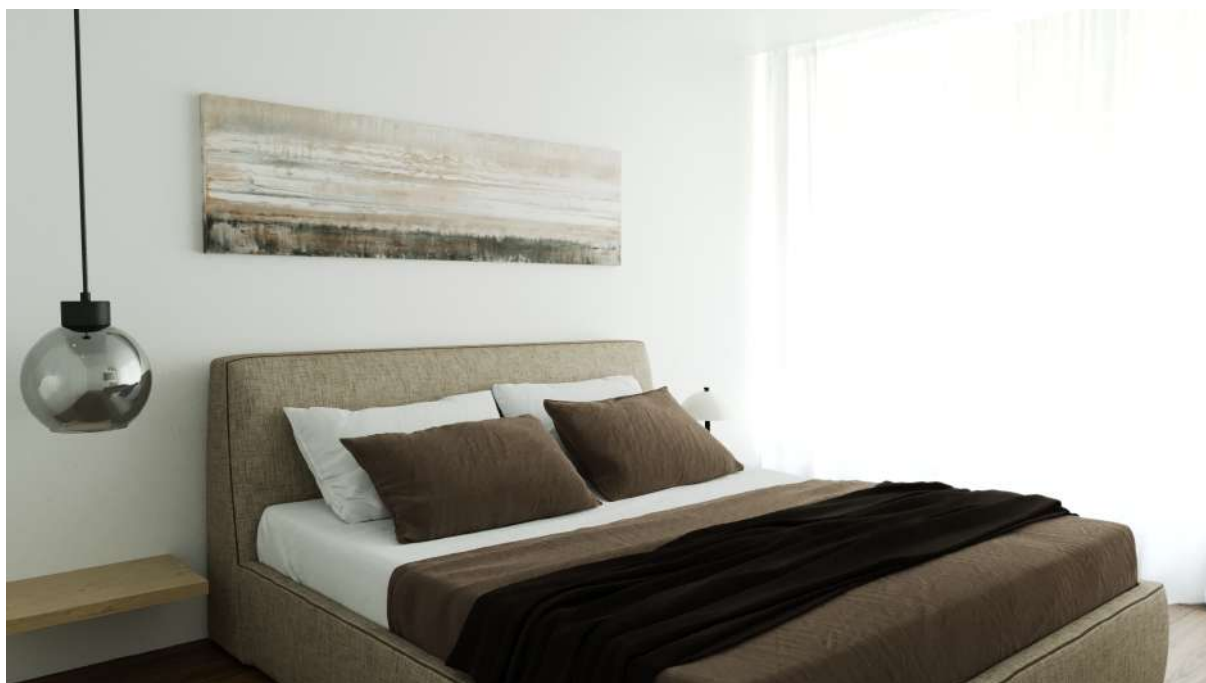
Renders ilustrativos da wc comum
piso 1



Renders ilustrativos do quarto 1
piso 1



Renders ilustrativos do quarto 1
pisso 1



Renders ilustrativos do quarto 2
piso 1



Renders ilustrativos do quarto 2
piso 1

PROJETO 04

Tipo de projeto: Remodelação de Interiores

Localização: Dornelas, Aveiro

Requerente: Casal

A área objeto de estudo em questão corresponde a uma área interior de 104m², sendo que o projeto de remodelação de interiores aborda apenas o piso inferior, ou seja, o rés do chão.

Uma vez no interior da moradia, a partir do hall de entrada, é possível acedermos a uma casa de banho de serviço em frente, à sala de jantar e a um quarto à nossa esquerda, e, por fim, a uma escadaria, à sala de estar e à cozinha à nossa direita. Através da cozinha, é possível aceder a um salão.



Fig. 27: Moradia.

Tendo em conta que este layout não é totalmente funcional, foram feitas algumas alterações por parte do arquiteto Ricardo Russo, tais como: a sala de jantar foi eliminada, dando lugar ao quarto de dormir; a sala de estar passou a dar lugar a uma extensão da cozinha, com uma ilha que abriga até 4 lugares sentados; a divisória que dava lugar ao quarto, passou a dar lugar à sala de estar; e a parede que separava o quarto do salão foi demolida, criando um conceito de open-space entre o salão e a agora sala de estar. Deste modo, o layout espacial deste piso inferior torna-se melhor e mais prático às atividades do dia-a-dia.

Tratando-se de uma moradia do século anterior, tem uma abordagem ao design de interiores muito característica daquela época, e, portanto, a nossa tarefa neste projeto seria trabalhar na mudança radical dos interiores, adaptando-os a uma estética mais moderna e contemporânea. No que diz respeito aos materiais e acabamentos interiores, optámos por pavimentos vinílicos de madeira de nogueira em todas as divisões, com exceção da casa de banho, cujo pavimento é revestido com um cerâmico branco. As paredes e tetos foram todos pintados de branco, incluindo o ripado de madeira já existente nas áreas da cozinha e do salão. As grandes vigas de madeira, presentes no teto do salão, mantêm-se no tom natural da madeira, dando um contraste interessante a este espaço.

O quarto de dormir é muito simplista, em tons de branco, apenas com o essencial. Foram testadas duas opções de disposição neste cómodo. Inicialmente, encontrávamos um armário aparador atrás da cama, que servia os propósitos de mesinha de cabeceira e, também, de espaço para arrumação. Para além disso, delimitava uma espécie de corredor por trás da cama, desde a porta de entrada até ao espelho que se encontrava na parede. De seguida, foi testada uma nova disposição, na qual a cama está encostada à parede e foi adicionado um banco em frente à cama e um candeeiro alto no canto, entre janelas. Assim, há mais espaço para circulação. Em relação à casa de banho, também ela é muito simples, com um lavatório minimal, a sanita e um chuveiro de 1x1 metros. No que toca aos materiais, como já foi mencionado, o pavimento é revestido com um cerâmico branco, e duas das paredes são revestidas com um azulejo de 60x30 centímetros num tom cinzento quente.

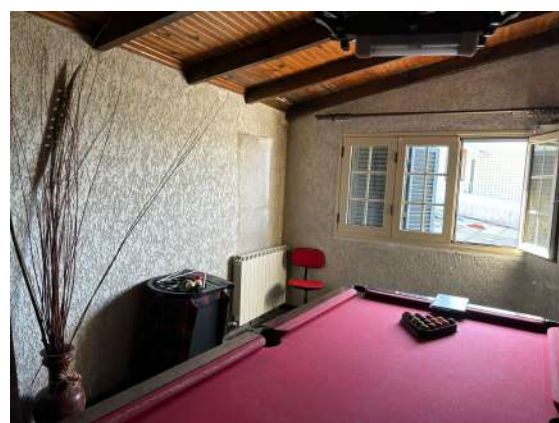
No espaço da cozinha, existia um grande arco entre as antigas

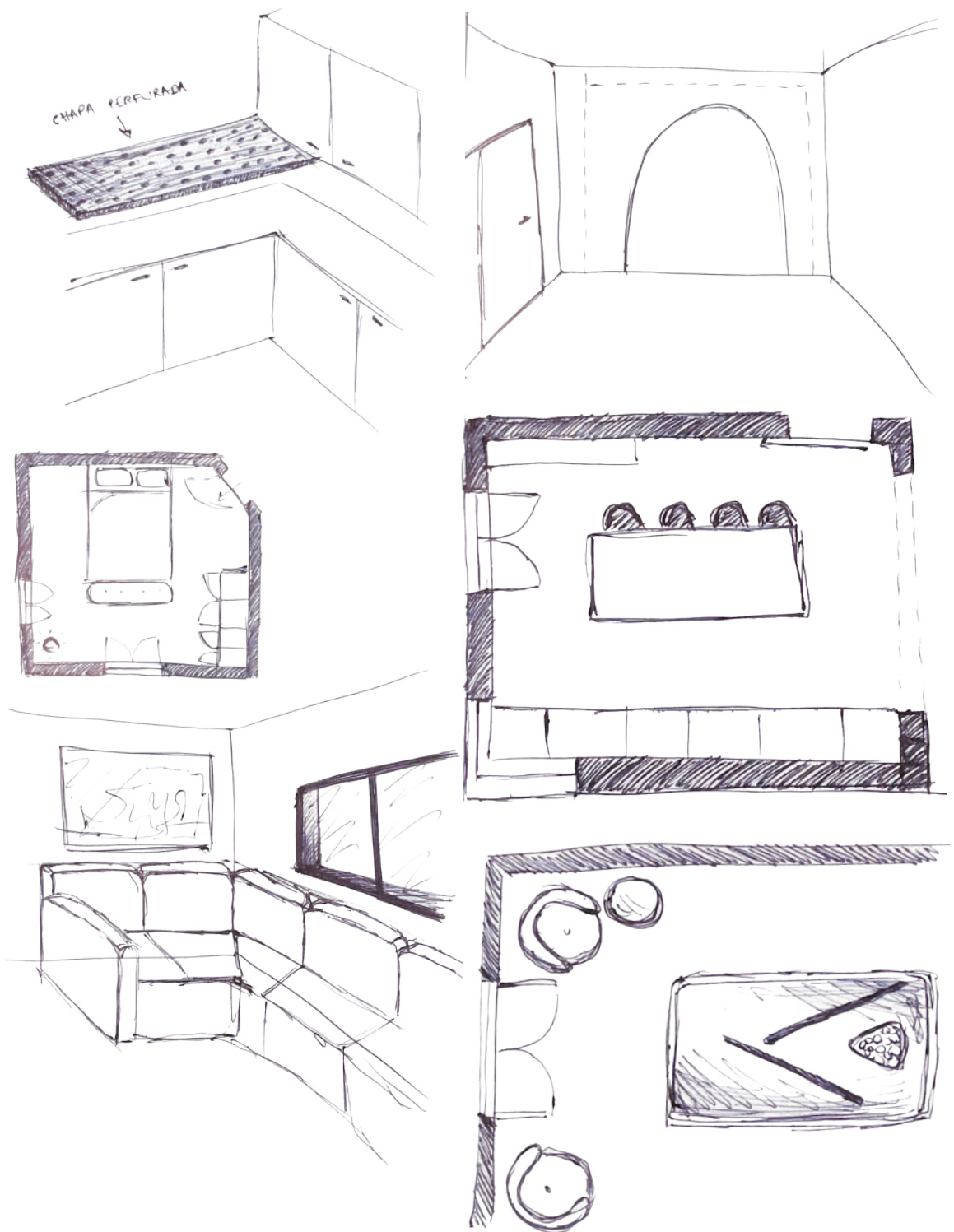
divisões da cozinha e da sala de estar; tornamos esse arco reto, sem eliminar totalmente a sua essência e propósito. Aproveitamos a zona mais reservada da cozinha, onde já anteriormente estavam dispostos os armários da cozinha e a zona de preparo de comida, e mantivemos a mesma ideologia, apenas eliminando parte dos balcões. Foi criada uma abertura na parede, de modo a ser possível a passagem de pratos e alimentos diretamente da cozinha para o salão, onde se encontra a mesa de jantar. Do outro lado da cozinha, dispusemos uma ilha que abriga 4 lugares sentados e dá mais espaço de manobra para a preparação de alimentos.

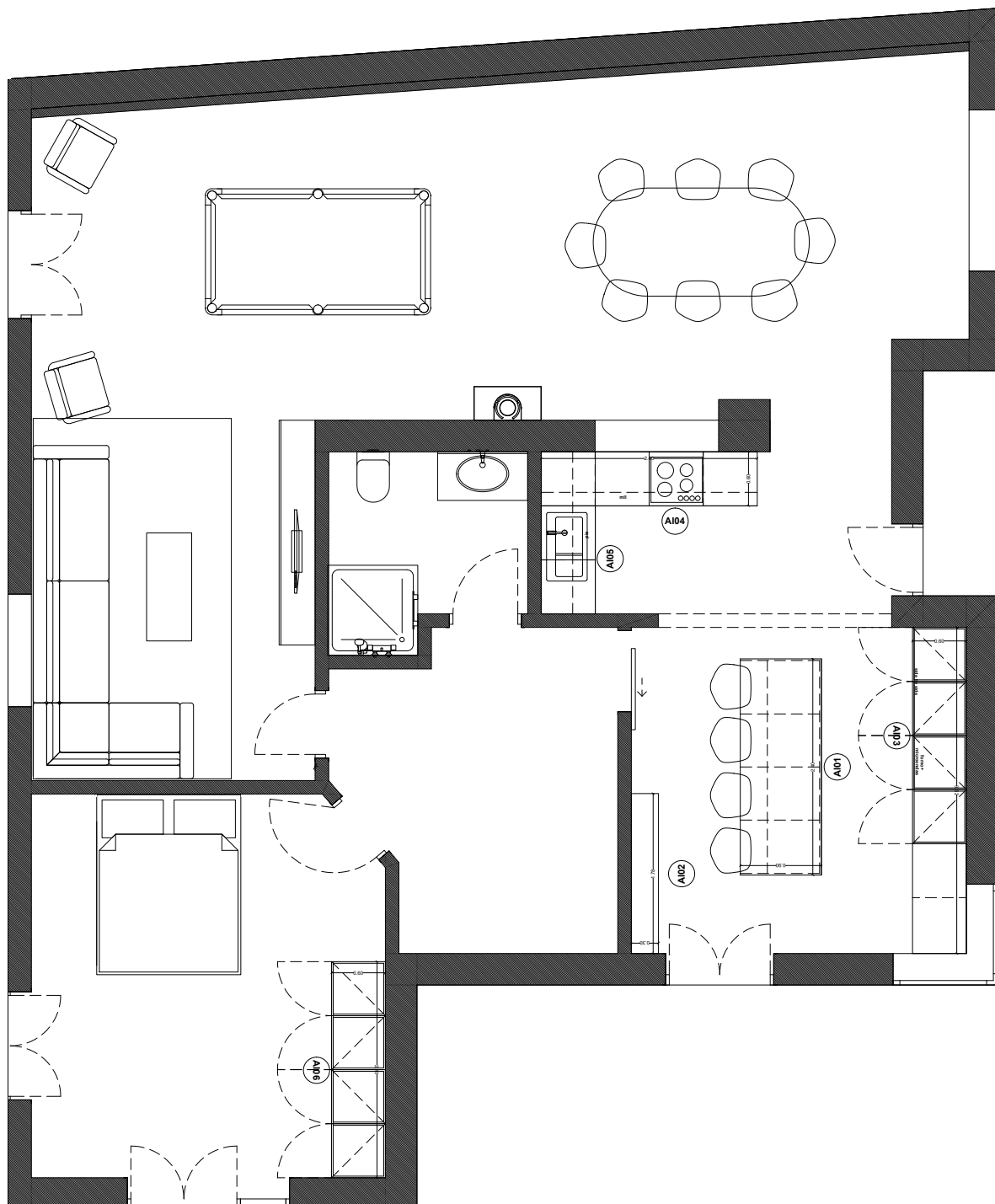
No salão, como já referimos, temos uma zona de sala de jantar, com lugar para 8 pessoas, uma salamandra suspensa, uma mesa de bilhar, e uma zona de descanso ou leitura, composta por duas poltronas. Tanto a salamandra como a mesa de bilhar já se encontravam neste espaço e foram aproveitadas para este projeto de remodelação. Dando continuidade ao espaço, surge a sala de estar, em conceito de open-space. Esta sala de estar vem trazer a mesma estética do quarto de dormir, com tons de branco e bege, muito simplista e confortável.



Fig. 28 a 41: Fotografias do interior da moradia antes de intervenção.







Planta
Escala 1:100



Render ilustrativo do quarto



Renders ilustrativos do quarto



Render ilustrativo da wc



Render ilustrativo da wc



Renders ilustrativos da cozinha



Renders ilustrativos da cozinha



Renders ilustrativos da cozinha



Renders ilustrativos do salão



Renders ilustrativos do salão



Renders ilustrativos do salão



Render ilustrativo da sala de estar



Render ilustrativo da sala de estar

PROJETO 05

Tipo de projeto: Restauro e ampliação de edifício para comércio e habitação

Localização: Vale de Cambra, Aveiro

Requerente: Edifício para habitação plurifamiliar (para alugar)

A área objeto de estudo em questão corresponde a um prédio com 204m² de área de implantação, e está inserido numa área categorizada como zona de “Solo Urbano - Área Urbanizada Tipo II”. Este projeto surge por parte do proprietário do imóvel como um pedido de restauro e ampliação do edifício, para abrigar tanto comércio como habitações. A zona comercial desenvolve-se no piso rés do chão e os apartamentos em que trabalhamos desenvolvem-se no piso 1, ambos se tratando de apartamentos de tipologia T2.

Em termos de organização espacial dos apartamentos, a partir da entrada temos acesso à sala de estar e à cozinha, aos dois quartos e a uma casa de banho comum. O layout dos apartamentos tem algumas diferenças entre eles, tornando cada apartamento único.

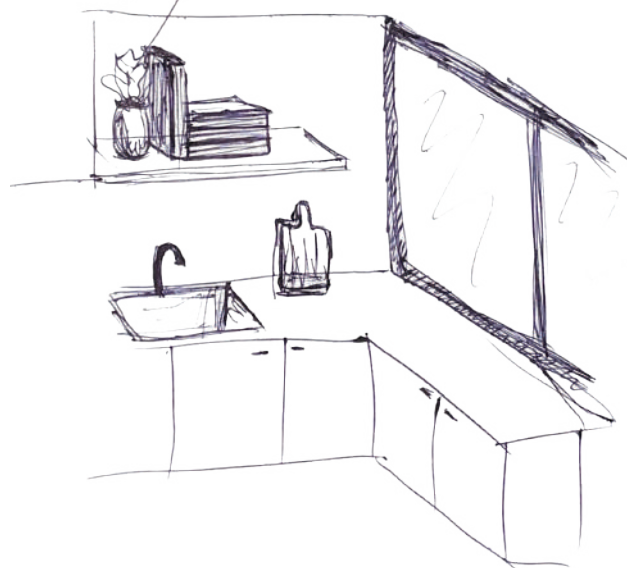
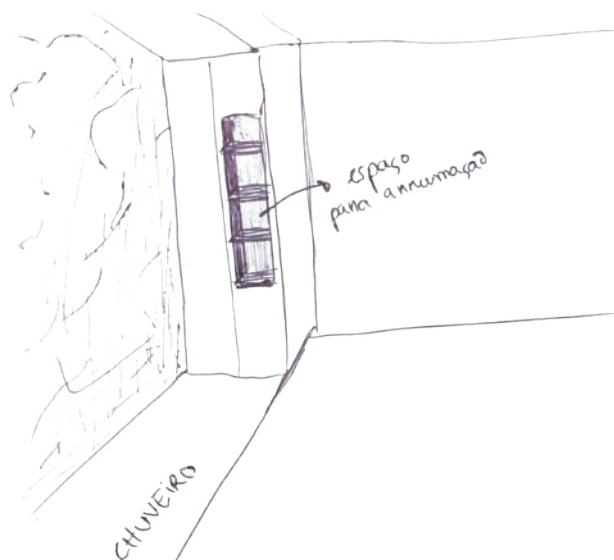
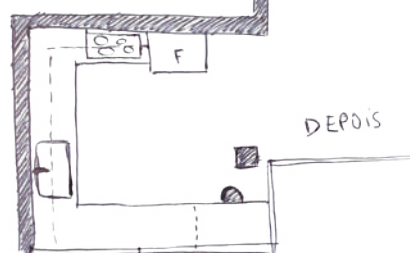
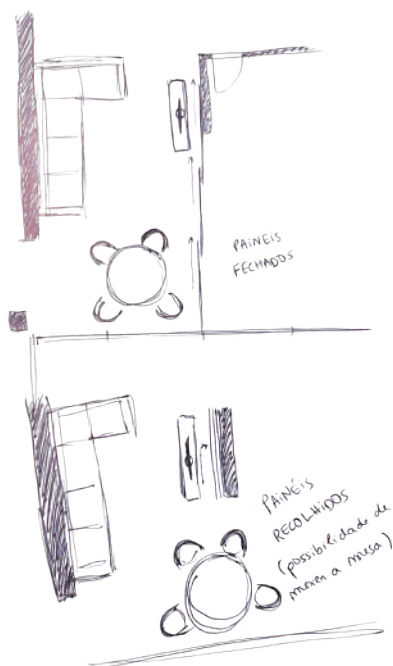
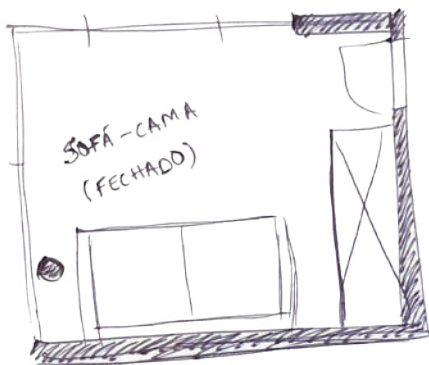
No que diz respeito aos materiais de acabamento interiores, os pavimentos são em flutuante de madeira - à exceção das instalações sanitárias que são revestidas com elementos cerâmicos -, as portas são em madeira pintadas a branco, as paredes são acabadas com um reboco liso pintado a branco e os tetos são em gesso cartonado, também pintado a branco.

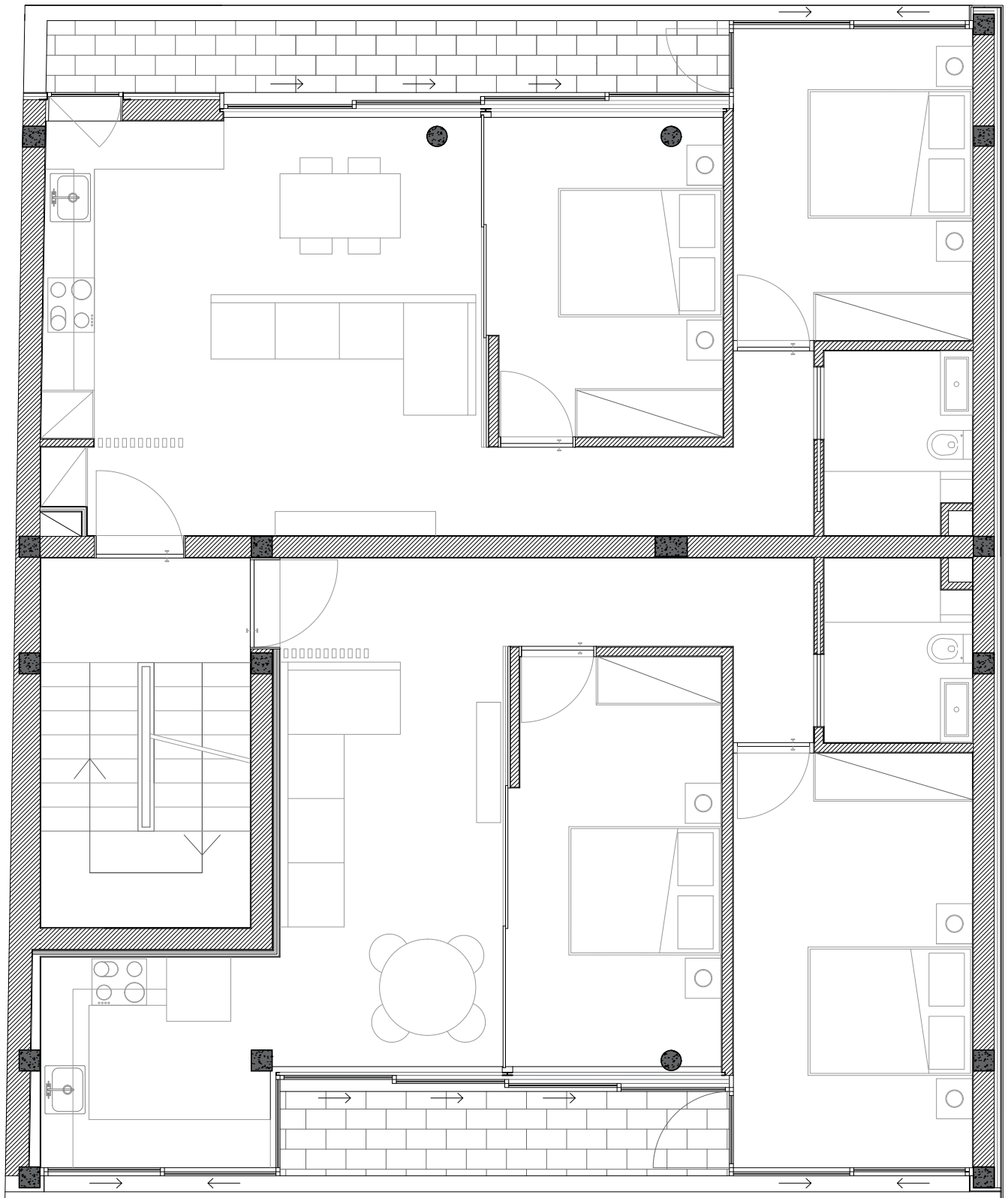
Para este projeto, foi requerido um estilo de decoração “low cost”, capaz de proporcionar conforto aos residentes com o mínimo gasto possível. Portanto, decidimos recorrer a um estilo de design escandinavo, que aborda o minimalismo, linhas retas e cores neutras dentro de espaços funcionais. Este estilo é característico dos países nórdicos europeus, como a Islândia, a Noruega, a Dinamarca, a Suécia e a Finlândia.

Tanto num T2 como noutro, foram dispostos barrotes verticalmente, de modo a criar uma divisão entre a zona de entrada e a sala de estar. Estes barrotes, em madeira de carvalho, foram aproveitados para servir mais propósitos para além de criar uma simples divisória, através de prateleiras para colocar chaves e outros objetos, e, também, através de cabides para pendurar casacos e malas.

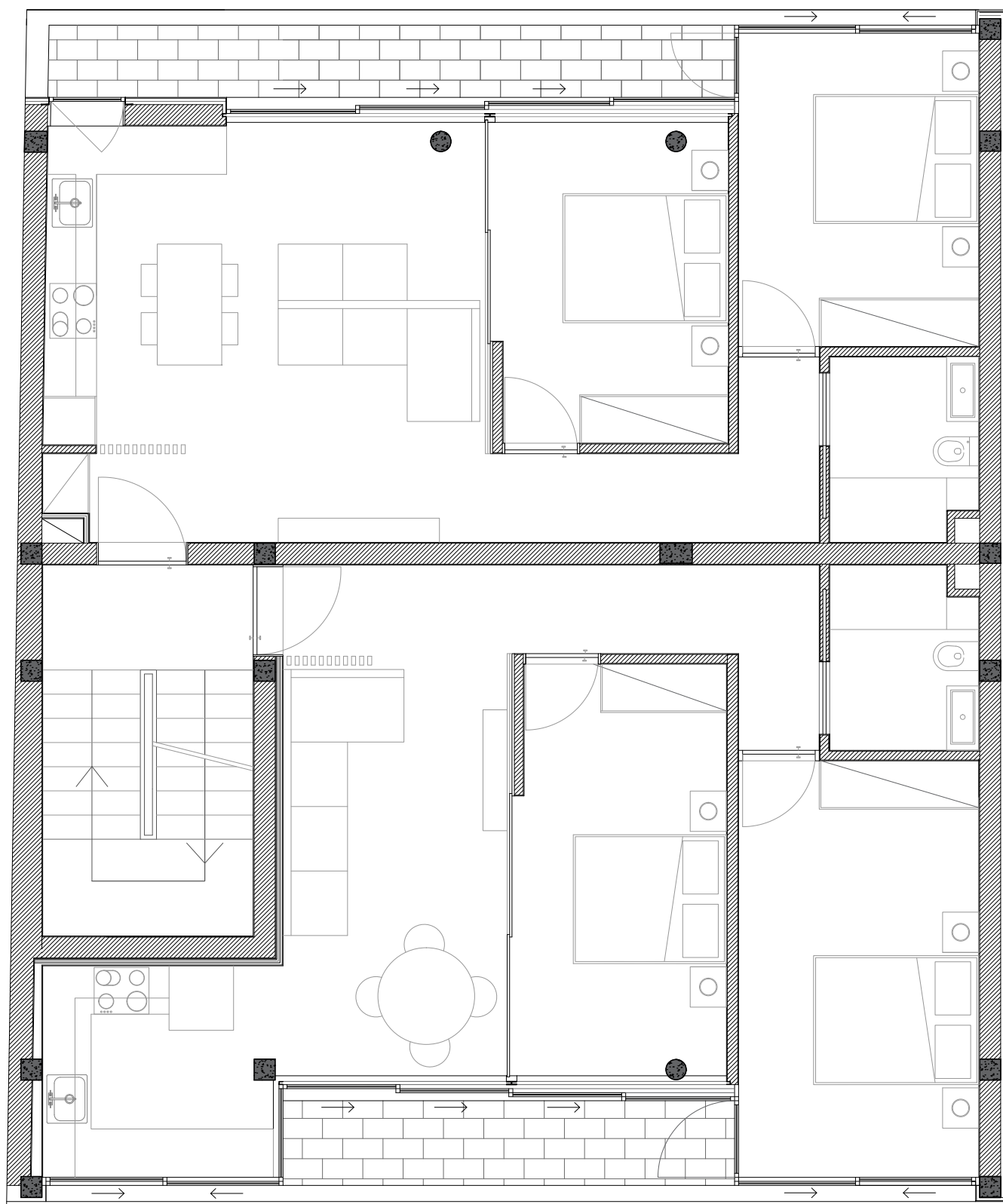
Neste projeto, é possível encontrarmos 3 grandes painéis de madeira em cada apartamento, na sala de estar. Estes, definem a divisão entre a sala de estar e um dos quartos, como se se tratasse de uma parede. No entanto, são painéis de correr, que se permitem recolher quando necessário, de forma a haver uma melhor comunicação entre espaços e dando a ilusão de uma maior amplitude no interior. Sendo assim, neste quarto está disposto um sofá cama, pois quando os painéis estão abertos este espaço torna-se um prolongamento da sala de estar, e quando os painéis estão fechados trata-se de um quarto de dormir, com o sofá cama aberto. Toda esta dinâmica dependerá, como é óbvio, dos residentes e das suas necessidades.

Os quartos são simples, com linhas modernas e contemporâneas, correspondentes ao estilo escandinavo, e com mobiliário e peças decorativas de baixo custo. Uma vez que as paredes, os tetos, os armários e as portas são em branco, era necessário trazer algum contraste de cor aos espaços, portanto foram selecionados elementos de cores neutras, mas quentes, dando mais conforto aos quartos, juntamente com a utilização de plantas.

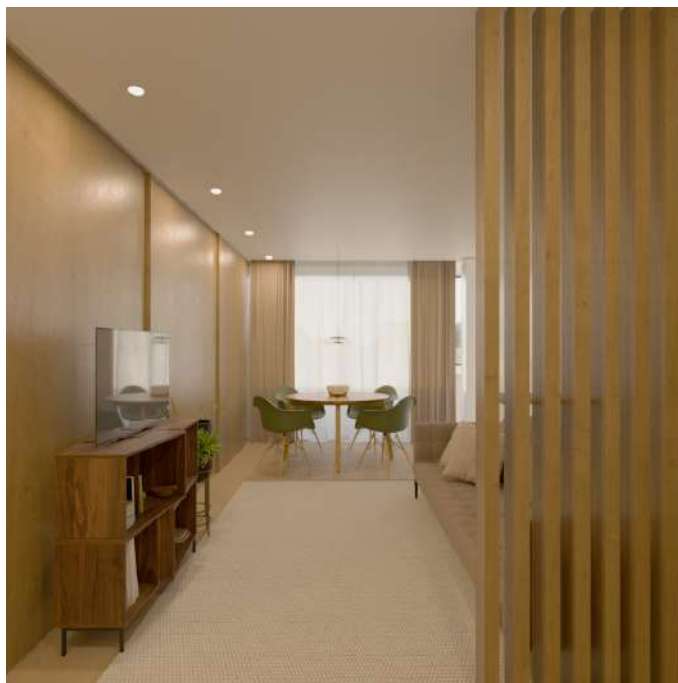




Plantas - proposta 1
Escala 1:100



Plantas - proposta 2
Escala 1:100



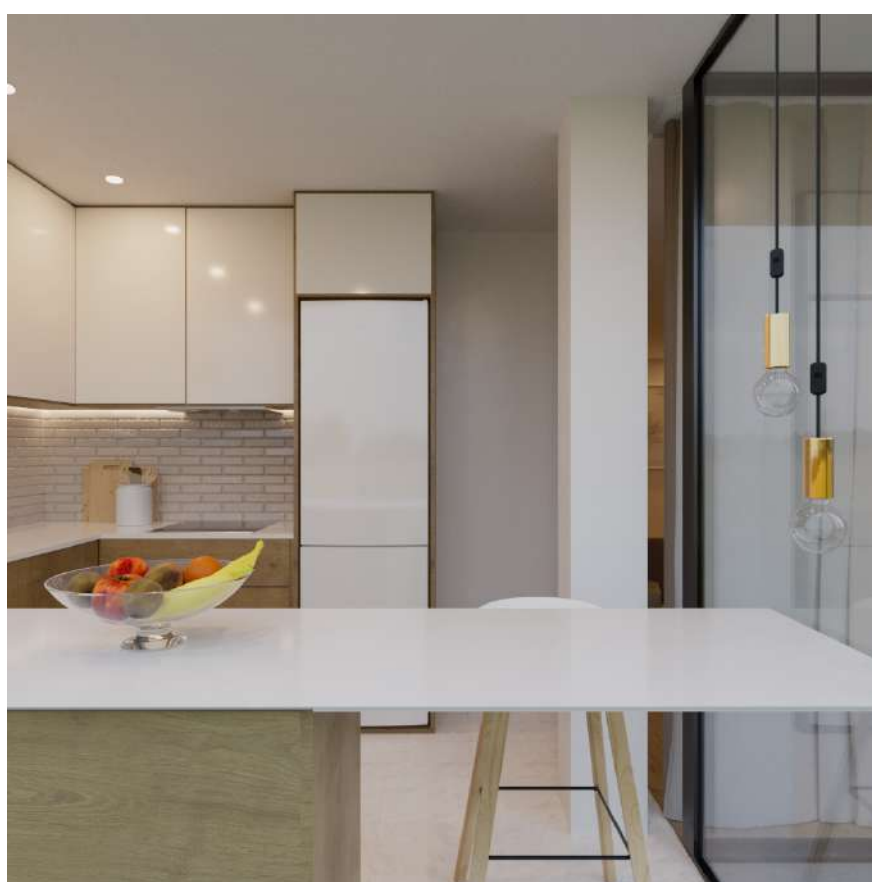
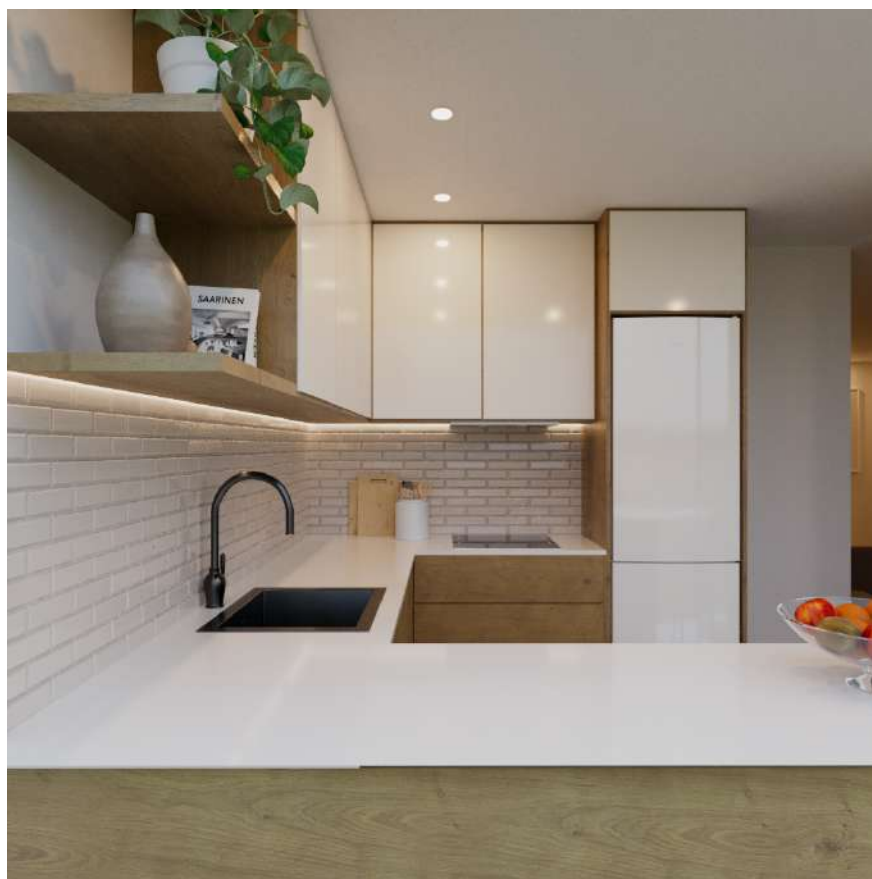
Renders ilustrativos da sala de estar e jantar
(primeiro T2)



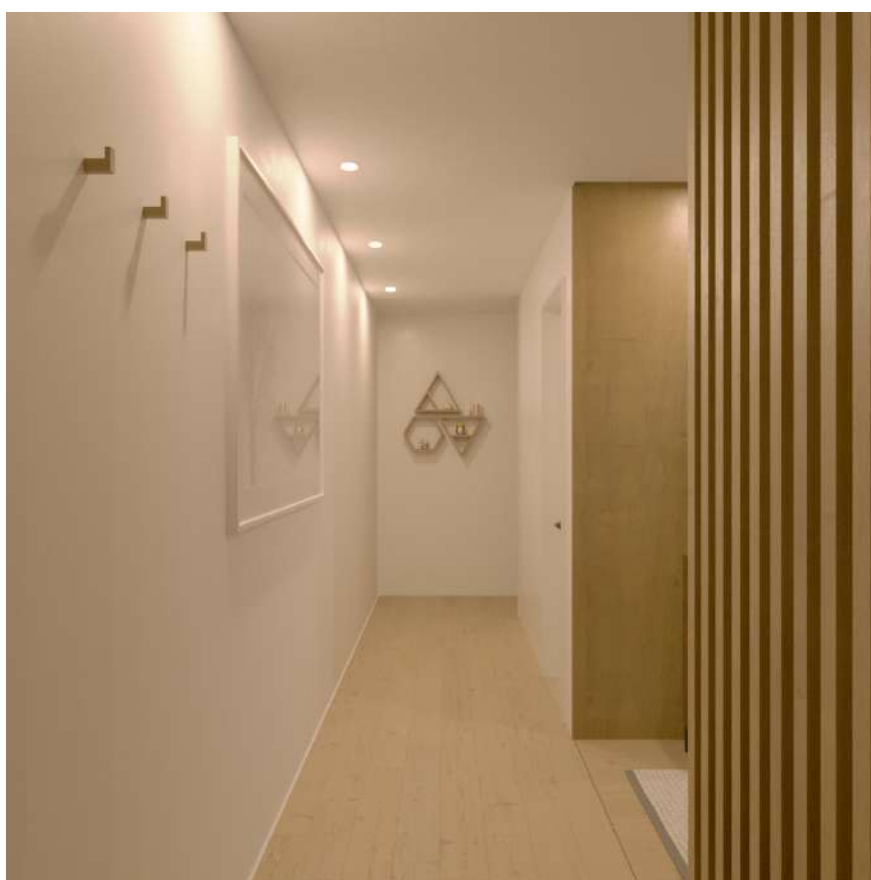
Renders ilustrativos da sala de estar e jantar
(primeiro T2)



Renders ilustrativos da cozinha
(primeiro T2)



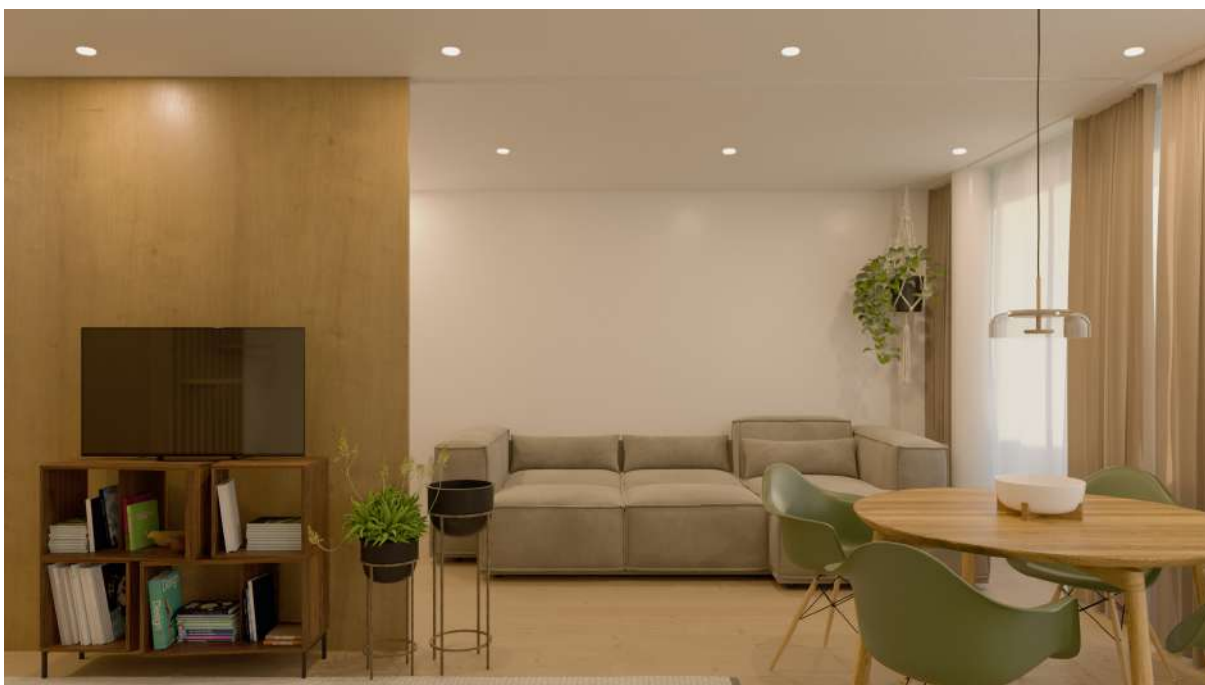
Renders ilustrativos da cozinha
(primeiro T2)



Renders ilustrativos da cozinha e do hall de entrada
(primeiro T2)



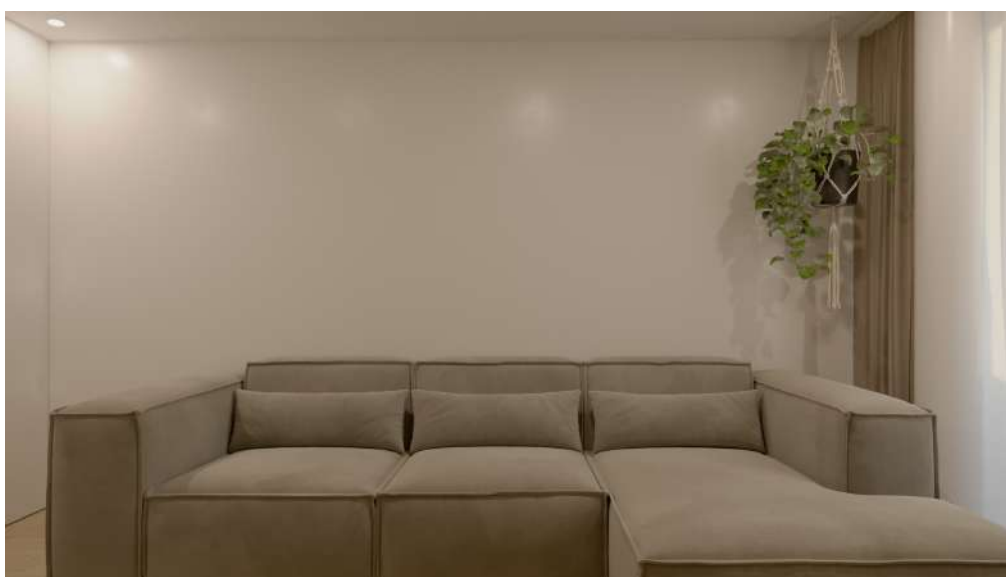
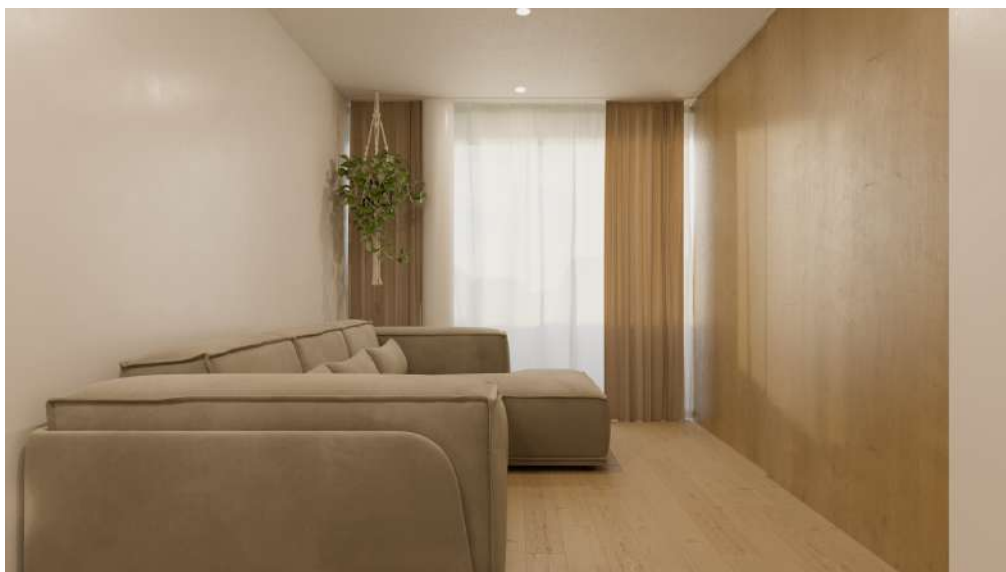
Render ilustrativo da sala de estar e jantar e do quarto 1 - painéis abertos (proposta sofá-cama) (primeiro T2)



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar e do quarto 1 - painéis abertos (proposta sofá-cama fechado e aberto, respetivamente) (primeiro T2)



Renders ilustrativos do quarto 1 - painéis abertos (proposta sofá-cama fechado e aberto, respectivamente) (primeiro T2)



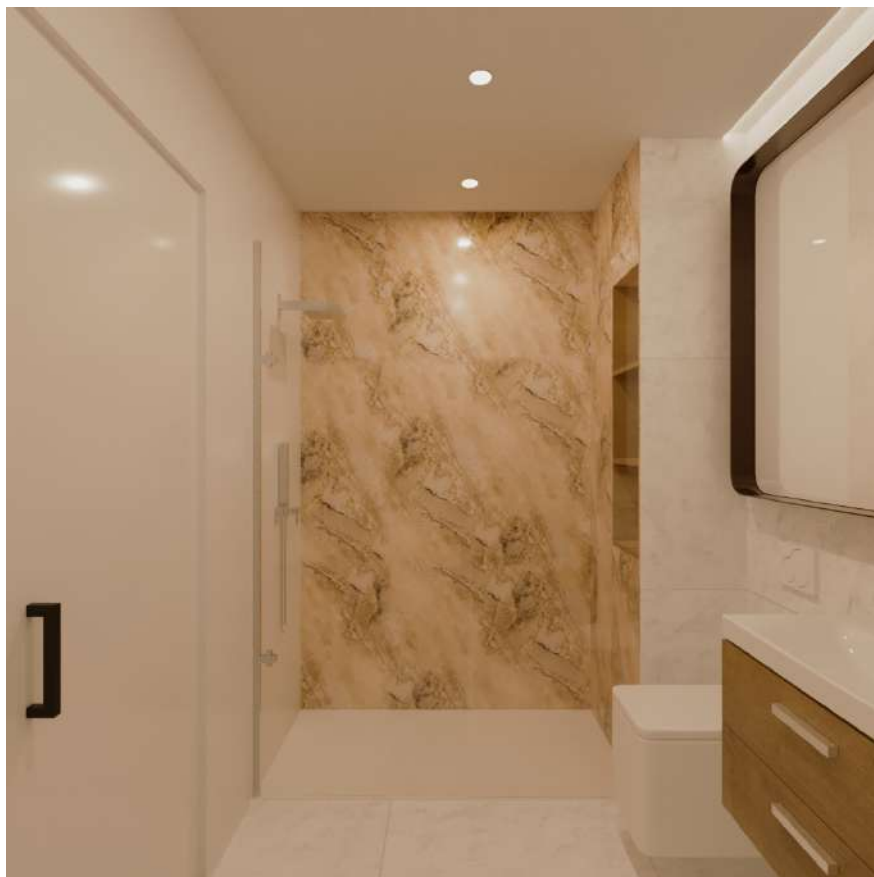
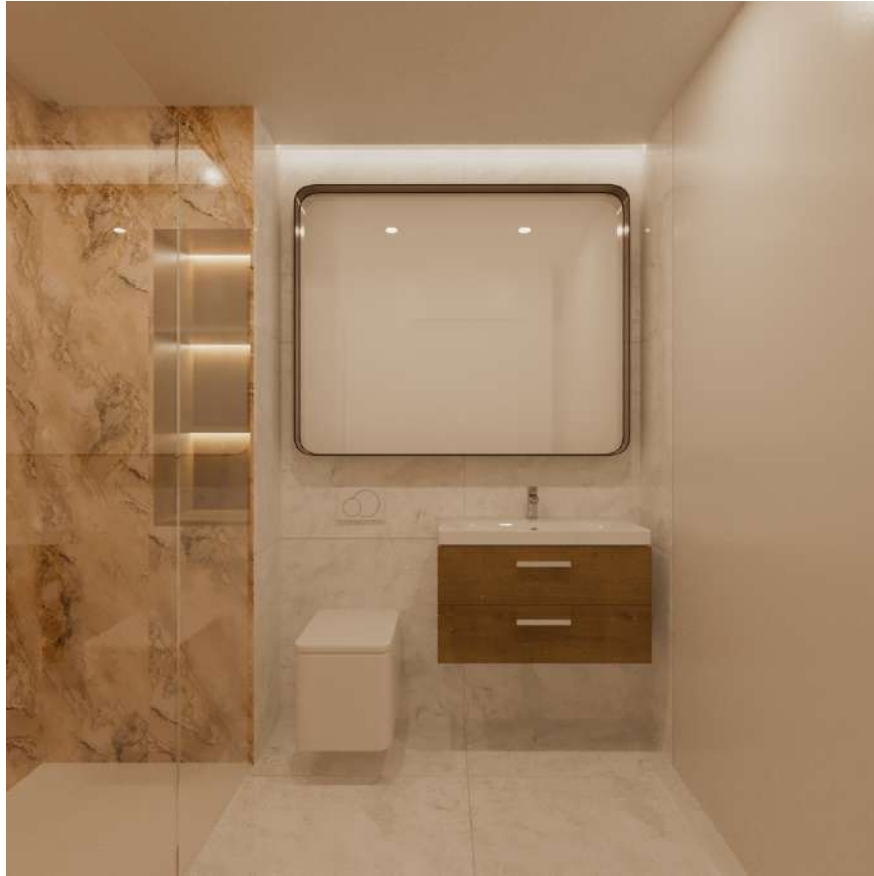
Renders ilustrativos do quarto 1 - painéis fechados (proposta sofá-cama)
(primeiro T2)



Renders ilustrativos do quarto 1 - painéis fechados (proposta cama)
(primeiro T2)



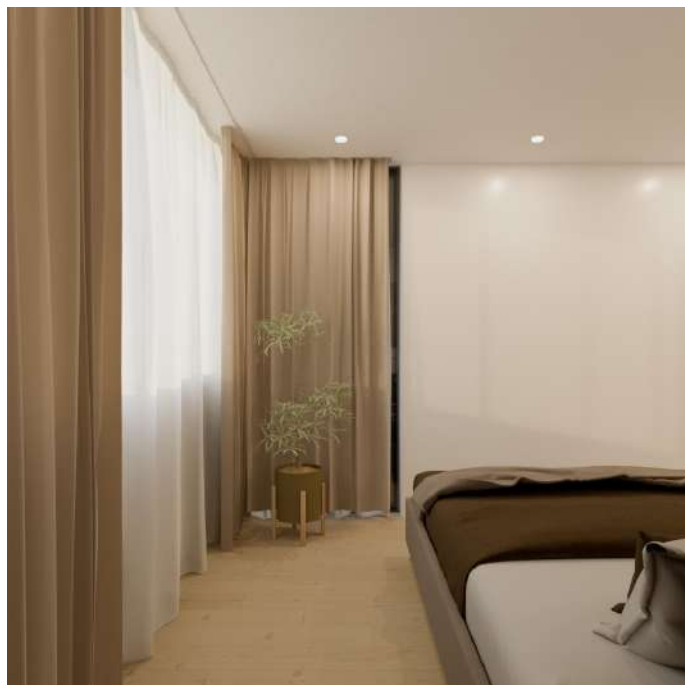
Renders ilustrativos do quarto 1 - painéis fechados (proposta cama)
(primeiro T2)



Renders ilustrativos da wc
(primeiro T2)



Renders ilustrativos do quarto 2
(primeiro T2)



Renders ilustrativos do quarto 2
(primeiro T2)



Rendersilustrativos da sala de estar e jantar - 1ª disposição
(segundo T2)



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar - 1ª disposição
(segundo T2)



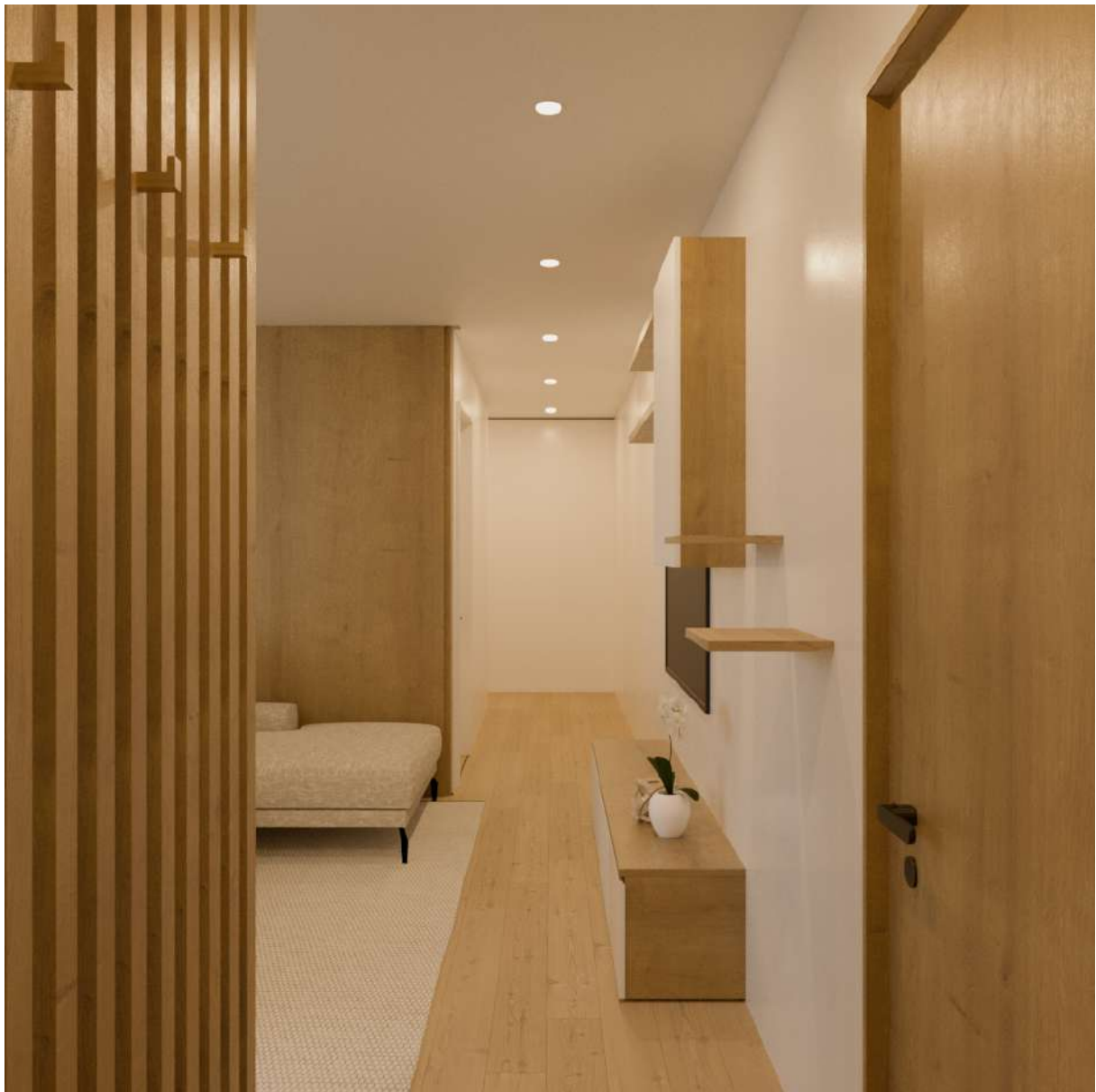
Rendersilustrativos da sala de estar e jantar - 1ª disposição
(segundo T2)



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar - painéis abertos (proposta sofá-cama) - 1ª disposição (segundo T2)



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar e do quarto 1 - painéis abertos (proposta sofá-cama) -
1ª disposição
(segundo T2)



Render ilustrativo do hall de entrada - 1ª disposição
(segundo T2)



Rendersilustrativos da sala de estar e jantar - 2ª disposição
(segundo T2)



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar - 2ª disposição
(segundo T2)



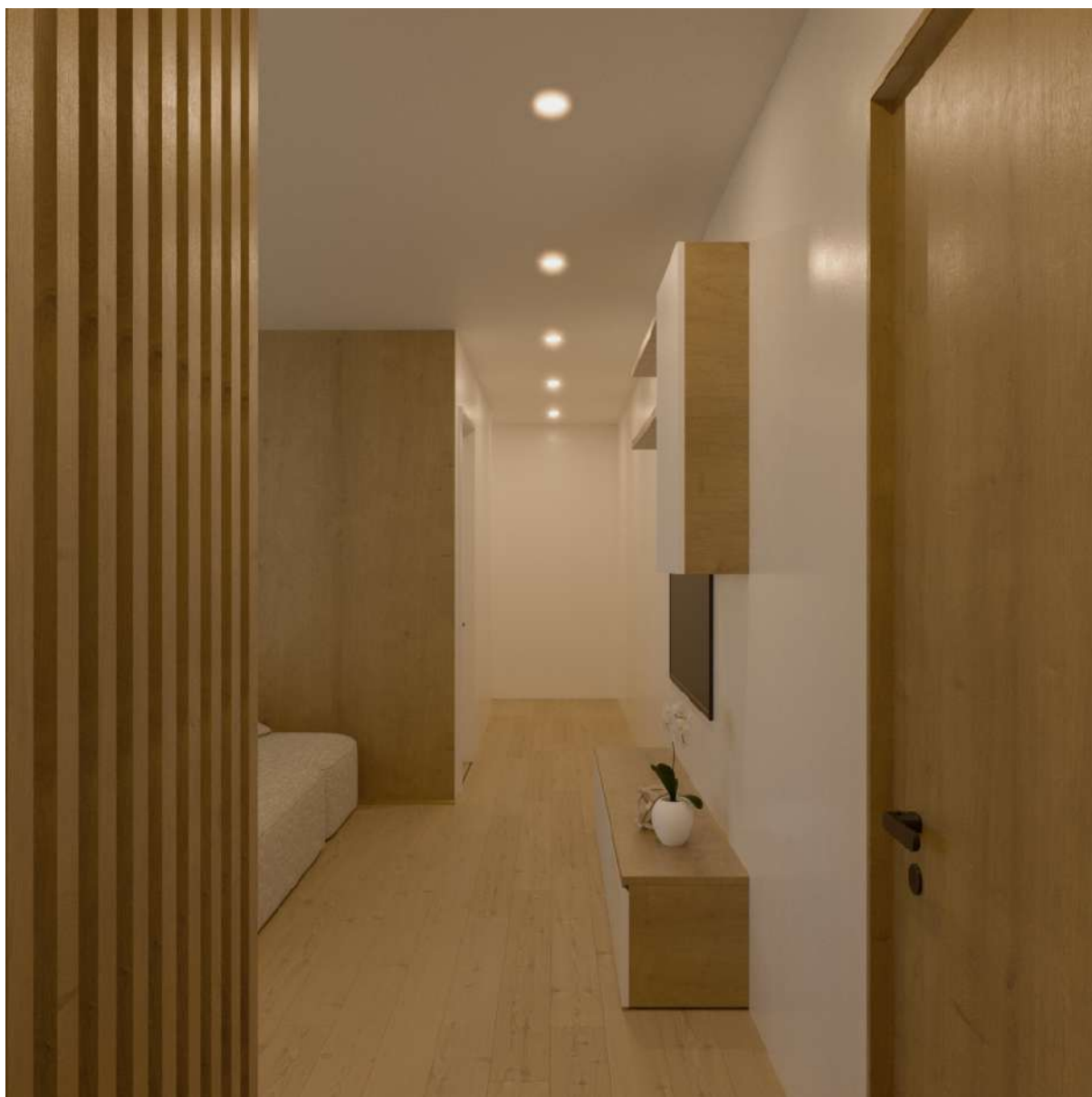
Renders ilustrativos da sala de estar e jantar - 2ª disposição
(segundo T2)



Rendersilustrativos da sala de estar e jantar - painéis fechados e abertos, respectivamente (proposta sofá-cama) - 2ª disposição (segundo T2)



Renders ilustrativos da sala de estar e jantar e do quarto 1 - painéis abertos (proposta cama) -
2ª disposição
(segundo T2)



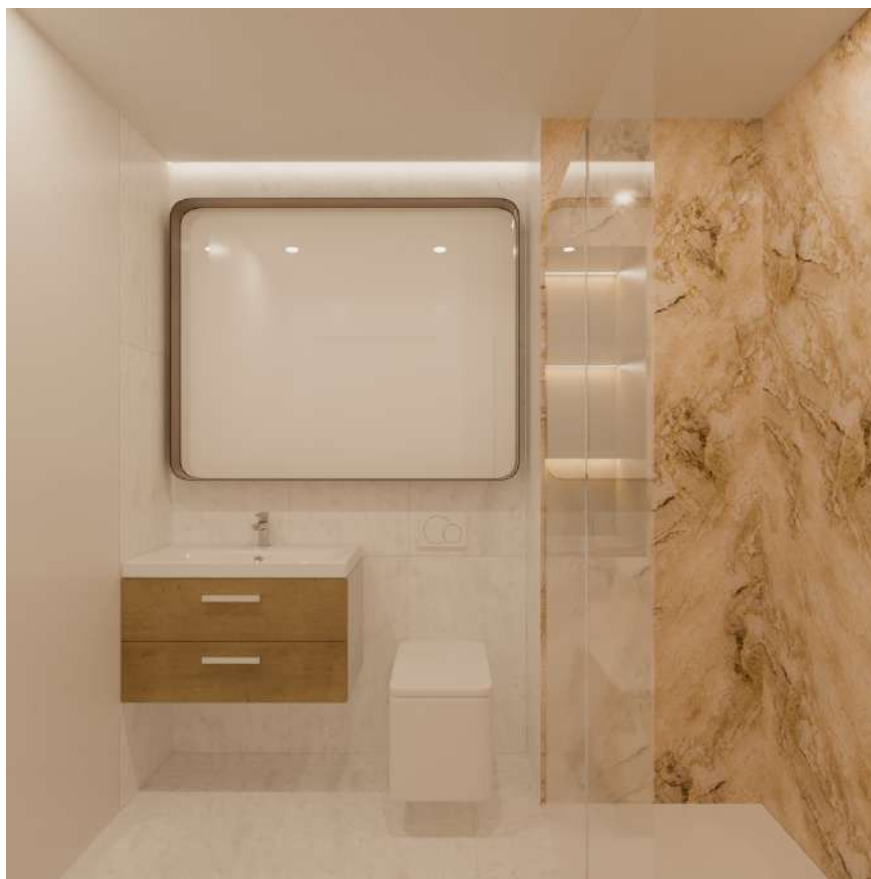
Render ilustrativo do hall de entrada - 2ª disposição
(segundo T2)



Renders ilustrativos do quarto 1 - painéis fechados (proposta sofá-cama)
(segundo T2)



Renders ilustrativos do quarto 1 - painéis fechados (proposta cama)
(segundo T2)



Renders ilustrativos da wc
(segundo T2)



Renders ilustrativos do quarto 2
(segundo T2)

3.4. Análise Crítica

Como já mencionado anteriormente, o estágio curricular, na empresa AR Studio Architects, serviu como um contributo considerável para o nosso desenvolvimento profissional, de maneira que foram aprimoradas as aprendizagens adquiridas ao longo da licenciatura e do mestrado em Design de Interiores. De igual forma, também se deu um crescimento pessoal no decorrer do estágio curricular, uma vez que serviu como uma introdução ao mundo do trabalho, sendo possível entender todas as responsabilidades e burocracias que uma empresa requer.

Os objetivos principais deste estágio passaram por aplicar o conhecimento teórico num ambiente prático, desenvolver habilidades profissionais e obter uma visão sobre o funcionamento de um escritório de arquitetura.

O estágio curricular foi, sem dúvida, uma experiência muito positiva e prazerosa, na qual foi permitido trabalhar com total liberdade, dentro dos pedidos e exigências do arquiteto Ricardo Russo e dos clientes. O contributo prestado à empresa compreendeu a área do design e da decoração de interiores, onde foram pedidos planeamentos de layouts e um embelezamento de alguns dos espaços interiores das habitações, sempre tendo em conta a estética pré-definida pelo gabinete.

Deu-se uma aprendizagem e evolução durante os cinco meses de duração do estágio curricular, principalmente face à modelagem e produção de imagens tridimensionais, e foi demonstrada uma grande capacidade de integrar o conhecimento adquirido academicamente na aplicação prática no escritório de arquitetura.

capítulo

04

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste relatório de estágio, foi feita uma análise da evolução das noções de intimidade e privacidade, e, conseqüentemente, da evolução do quarto de dormir na cultura ocidental. Elaborou-se um estudo e reflexão das complexas mudanças estruturais das sociedades ao longo do tempo, sendo possível entender de que forma o designer de interiores se tornou parte integrante da cultura social.

Considera-se que a área do design de interiores vive, muitas vezes, da informação histórica. Portanto, é na história que vamos encontrar razões e considerações que justificam as formas de habitar na atualidade. Dentro do tema da intimidade e privacidade, o quarto é um dos aspetos mais relevantes na vida humana, em termos de espaço construído. Ao analisarmos todas as questões que estão à volta deste espaço interior, encontramos as questões de género, da família, das relações entre pessoas, da época económica e cultural em que se vive, entre outras. Tudo isto é matéria de estudo para o designer de interiores. A pesquisa e a informação recolhida sobre o tema em questão foi muito útil para compreender a dimensão multitemática em que o quarto de dormir se insere.

Através das reflexões feitas ao longo deste relatório de estágio, procuramos entender a evolução das questões de intimidade e privacidade, uma vez que estas envolvem o projetista num diálogo crítico com as realidades sociais do passado e contemporâneas. No fundo, a caminhada desta reflexão, coloca o designer num papel de investigador sobre várias épocas. Em vista disso, pretendemos responder de forma crítica às questões que nos são colocadas, na nossa contemporaneidade.

O contacto com estas temáticas de estudo, alertou-nos para a possibilidade de poder empreender, no futuro, pesquisas sobre espaços de intimidade e privacidade, cruzando análises sociológicas e antropológicas com o Design. Lamentavelmente, o Design ainda tem dificuldades em estabelecer-se como área autónoma, e está sempre muito dependente das outras áreas científicas para criar os seus próprios estudos. No entanto, poderão vir a ser desenvolvidos estudos nestas temáticas, que são complexas, mas que fazem todo o sentido para a cultura projetual.

Os resultados dos espaços projetados não respondem apenas às questões da função, mas são também representações significativas das

aspirações e necessidades dos utilizadores. Logo, nós, enquanto designers de interiores, vamos reunir uma série de informações fulcrais para que nos seja possível projetar um espaço de intimidade e privacidade.

A experiência do estágio curricular foi, definitivamente, positiva e enriquecedora para este relatório, de modo que a realização de projetos reais de arquitetura e design de interiores foi uma mais valia para o estudo do quarto de dormir. É certo que, numa grande maioria, os projetos executados em contexto de estágio abordam uma estética mais contemporânea e, portanto, mais depurada. No entanto, foi desenvolvido um projeto com correntes estilísticas Art Déco e mais exuberantes, sendo capaz de complementar o estudo sobre o quarto de dormir.

Sendo assim, e como forma de conclusão, é seguro afirmar que não há prática sem teoria, pois a teoria fundamenta e alicerça a prática. Há uma relação importante entre a teoria adquirida e a prática levada a cabo. O tema do quarto de dormir é, como já mencionámos, de extrema complexidade e deveras interessante. Deste modo, consideramos o presente relatório como um contributo importante para futuros estudos dentro desta temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. (1997). *Aesthetic Theory*. Londres: Continuum International Publishing Group.

Arendt, Hannah (2001). *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio D'Água.

Ariès, P. & Duby, G. (1986). *História da vida privada: volume 3 – Da Renascença ao Século das Luzes*. Paris: Éditions du Seuil.

Ariès, P. & Duby, G. (1990). *História da vida privada: volume 4 – Da Revolução à Grande Guerra*. Porto: Edições Afrontamento Lda.

Ariès, P. & Duby, G. (1991). *História da vida privada: volume 5 – Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias*. Porto: Edições Afrontamento Lda.

Arnold, J. E., Graesch, A. P., Ragazzini, E., & Ochs, E. (2017). *Life at Home in the Twenty-First Century: 32 Families Open Their Doors*. Los Angeles: UCLA Cotsen Institute of Archaeology Press.

Bachelard, G. (2008). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Banham, R. (1967). *Theory and Design in the First Machine Age*. Nova Iorque: Praeger Publishers.

Benevolo, L. (2001). *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Benjamin, W. (1939). *Paris, capitale du XIXe siècle*. Retirado em 3 de julho de 2024 de https://www.urbain-trop-urbain.fr/wp-content/uploads/2011/04/Benjamin_Paris-capitale-du-XIXe-siècle.pdf

Bernard, A. & Ferrandon, R. (2009). *Que reste t-il des Lumières*. Livret N° 12 - 2009. Retirado em 3 de junho de 2022 de <https://condorcetclermont.fr/livrets/Les-Lumieres-et-leur-siecle-R-Ferrandon.pdf>

Bernard, Y. (1993). Intimate Spaces. *Arch. & Comport. 1 Arch. & Behav., Vol. 9, no. 3*, 373-378. Retirado em 30 de setembro de 2024 de https://www.epfl.ch/labs/lasur/wp-content/uploads/2018/05/BERNARD_en.pdf

Blunt, A. (1999). *Imperial geographies of home: British domesticity in India, 1886-1925*. Transactions of the Institute of British Geographers 24(2): 421-440.

Busch, A. (1999). *Geography of Home: Writings on Where We Live*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

Byrne, G. (2016). *A Intimidade dos Espaços*. Matosinhos: Cardume Editores, Lda.

Cardoso, A. S., Vita, F., Milano, M. & Cruz, M. (2022). *Dwelling in Transition: experiences from lockdown*. Matosinhos: Esad-idea.

Carneiro, R. (2014). *Casa dentro de Casa: a essência, a alma e o refúgio*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Carvalho, C. (1999). Identidade e intimidade: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos. *Análise Psicológica*, 4 (XVII). 727-741. Retirado em 9 de abril de 2024 de https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5949/1/1999_4_727.pdf

Chevalier, S. (2012). Material Cultures of Home. *International Encyclopedia of Housing and Home*. Retirado em 12 de maio 2024 de <https://www.sciencedirect.com/topics/social-sciences/public-and-private-sphere>

Coccia, E. (2021). *La Filosofia della Casa*. Turim: Einaudi.

Collins, D. (2009). Public/Private Divide. *International Encyclopedia of Human Geography*. Retirado em 13 de abril 2024 de <https://www.sciencedirect.com/topics/social-sciences/public-and-private-sphere>

Colomina, B. (1992). *Sexuality and Space*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

Corbusier, L. (1986). *Towards a New Architecture*. Nova Iorque: Dover Publications, Inc.

Dacheux, E. (2008). Présentation générale. In *Éric Dacheux (éd.), L'espace public (1-)*. CNRS Éditions. 5-12. Retirado em 15 de maio de 2024 de <https://books.openedition.org/editionscnrs/13746>

Davidoff, L. & Hall, C. (2007). *Family Fortunes: Men and Women of the English Middle Class 1780-1850*. - Revised Edition. London: Routledge.

Fernandes, F. & Cannatà, M. (2003). *Habitação Contemporânea*. Porto: ASA Editores. S. A.

Habermas, J. (2012). *A Transformação Estrutural da Esfera Pública*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Heidegger, M. (1954). *Construir, Habitar, Pensar*. Espanha: laOficina.

Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

Hollows, J. (2012). Domesticity. *International Encyclopedia of Housing and Home*. 405-414. Retirado em 4 de julho de 2024 de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780080471631002848?via%3Dihub>

Kenna, T. (2020). Public-Private Divide. *International Encyclopedia of Human Geography (Second Edition)*. Retirado em 12 de abril 2024 de <https://www.sciencedirect.com/topics/social-sciences/public-and-private-sphere>

Kilmer, R., & Kilmer, O. (2014). *Designing Interiors*. Nova Jersey: John Wiley & Sons.

Lebeurre, A. (2006). *Le décor intérieur des demeures à la mode dans la deuxième moitié du XVIII^e siècle (Paris et Ile-de-France)* - Alexia Lebeurre (2006, Paris 1, Histoire de l'art et archéologie). Retirado em 6 de junho de 2024 de <https://theses.fr/2006PA010649>

Lebeurre, A. (2015). Le succès du bourdoir au XVIII^e siècle ou les prestiges de l'intime - In *Corrélatons: les objets du décor au siècle des Lumières*. 221-234. Retirado em 2 de maio de 2022 de <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/22263>

Loos, A. (2004). *Ornamento e Crime*. Lisboa: Edições Cotovia, Lda.

Lucena, K. (2007). *Uma fenomenologia da imaginação através do espaço*. Nau literária, 3. 001-009.

Massey, A. (1996). *Interior design of the 20th century*. Londres: Thames & Hudson.

Michel, C. (2015). Le système d'ameublement des élites françaises au XVIII^e siècle. In *Corrélations: les objets du décor au siècle des Lumières*. 35-46. Retirado em 5 de julho de 2023 de <http://library.oapen.org/handle/20.500.12657/22263>

Mies van der Rohe, L. (2006). *Conversations with Mies van der Rohe*. Barcelona: Moisés Puente.

Milano, M. (2005). *Do habitar*. Matosinhos, Edições ESAD. Escola Superior de Artes e Design, Matosinhos.

Montaner, J. M. (2001). *A Modernidade Superada*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

Moreira, A. (2017). *O Que Faz de Uma Casa Uma Casa: a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Munari, B. (1981). *Das Coisas Nascem Coisas*. Lisboa: Edições 70.

Neves, D. (2012). *O Projeto Doméstico: a evolução da terminologia do programa da casa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Nissinen, L. (2013). *A Bedroom of One's Own*. Retirado em 2 de julho 2024 de https://www.researchgate.net/publication/236270381_A_Bedroom_of_One's_Own

Ollagnier, C. (2015). L'appartement au XVIII^e siècle: un espace diversifié au service d'une convivialité nouvelle. In *Corrélations: les objets du décor au*

siècle des Lumières. 63-79. Retirado em 4 de maio de 2023 de <http://library.oapen.org/handle/20.500.12657/22263>

Osório, H. (2007). *Ambientes Decorativos Românticos em Casas Nobres do Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado. Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto.

Pallasmaa, J. (2005). *Os Olhos da Pele*. Nova Jersey: John Wiley & Sons.

Perrot, M. (2018). *The Bedroom: An Intimate History*. Londres: Yale University Press.

Pety, D. (2010). O quarto espiritual. In *Poétique de la collection au xixe siècle (1)*. Nanterre: Presses universitaires de Paris Nanterre.

Pevsner, N. (2001). *Origens da Arquitetura Moderna e do Design*. São Paulo: Martins Fontes.

Pile, J., & Gura, J. (2000). *A History of Interior Design*. Nova Jersey: John Wiley & Sons.

Praz, M. (2008). *Histoire de la décoration d'intérieur*. Londres: Thames & Hudson.

Prior, H. & Sousa, J. (2014). A Mudança Estrutural do Público e do Privado. *Observatorio (OBS*) Journal*, 8 – nº3. 001-016.

Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a Arquitetura*. Lisboa: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA.

Rice, C. (2007). *The Emergence of the Interior: Architecture, Modernity, Domesticity*. Londres: Routledge - Taylor & Francis Group.

Rodrigues, A. (1985). O Público e o Privado. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 2. 001-008.

Ruço, A. (2018). *Interior Habitado: Utopia Burguesa, Arte Nova e Transição para o Modernismo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e

Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Rybczynski, W. (1996). *Casa: Pequena história de uma ideia*. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record.

Silva, I. (2023). *Exploração Sinestésica: A Experiência da Materialidade no Contexto da Habitação Plurifamiliar*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Matosinhos.

Silva, M. (2016). *O Quarto Ocupado: relatos de apropriação na arquitetura*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

Soares, A. (2009). *Escalas de Intimidade: relação interior-exterior na arquitetura da casa*. Dissertação de Mestrado. Faculdades de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitetura, Coimbra.

Sparke, P. (2008). *The Modern Interior*. Londres: Reaktion Books.

Vianna, L. (2010). *Arquitetura e Privacidade em Ambientes de Atenção à Saúde*. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Woolf, V. (1929). *A Room of One's Own*. Londres: ALMA BOOKS LTD.

Zumthor, P. (2009). *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Zumthor, P. (2010). *Thinking Architecture*. Basileia: Birkhäuser.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Percier e Fontaine, leito para Madame M. em Paris - de Recueil de Décorations Intérieures, 1801. Fonte: Benevolo, L. (2001). História da Arquitetura Moderna, p. 177.

Figura 2: Quarto de uma jovem, decorado por Hazel Dell Brown, fotografado por Winifred Fales para a revista What's New in Home Decorating, 1936. Fonte: Sparke, P. (2008). The Modern Interior, p. 104.

Figura 3: Jan Steen, "A Love Scene", 1660. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jan_Steen_-_A_Love_Scene.jpg

Figura 4: Jan Steen, "Noite de núpcias de Tobias e Sara", 1668. Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jan_Steen_-_Tobias_en_Sarah_bidden_terwijnl_Rafael_bindt_de_demon.jpg

Figura 5: "Home", Inês Azevedo. Ilustração digital. Fonte: Cardoso, A. S., Vita, F., Milano, M. & Cruz, M. (2022). Dwelling in Transition: experiences from lockdown, p. 101.

Figura 6: Quarto do Palácio de Malmaison, França, remodelado para a imperatriz Josefina de Beauharnais. Decoração com influências gregas, romanas e egípcias. Fonte: Kilmer, R., & Kilmer, O. (2014). Designing Interiors, p. 51.

Figura 7: "Padrão de Repetição", Jessica Soffiati e Gian Luca Mazza. Fonte: Cardoso, A. S., Vita, F., Milano, M. & Cruz, M. (2022). Dwelling in Transition: experiences from lockdown, p. 40.

Figura 8: Moradia antes de intervenção. Fotografia da autoria do gabinete AR Studio Architects.

Figura 9: Moradia antes de intervenção. Fonte: Google Maps.

Fig. 10 a 25: Fotografias do interior da moradia antes de intervenção. Fotografias da autoria do gabinete AR Studio Architects.

Fig. 26: Estudo da fachada do edifício multifamiliar. Estudo realizado pelo gabinete AR Studio Architects.

Fig. 27: Moradia. Fotografia da autoria do gabinete AR Studio Architects.

Fig. 28 a 41: Fotografias do interior da moradia antes de intervenção.
Fotografias da autoria do gabinete AR Studio Architects.

